

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas

Heitor Alves Bispo Júnior

LUGARES E GENTES: as relações entre pessoas, paisagens e Arqueologia em Felício dos Santos, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais – (2010-2019)

Diamantina

2020

Heitor Alves Bispo Júnior

LUGARES E GENTES: as relações entre pessoas, paisagens e Arqueologia em Felício dos Santos, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais – (2010-2019)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas – da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Linha de Pesquisa: História, Cultura e Arqueologia

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fagundes

Diamantina

2020

Elaborado com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

B622I

Bispo Junior, Heitor Alves

Lugares e Gentes: as relações entre pessoas, paisagens e Arqueologia em Felício dos Santos, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais (2010-2019) / Heitor Alves Bispo Junior, 2020.

147 p. il.

Orientador: Marcelo Fagundes

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2020.

1. Arqueologia. 2. Paisagens. 3. Vale do Jequitinhonha e Araçuaí. 4. Memórias, Identidades e Patrimônio. 5. Felício dos Santos. I. Fagundes, Marcelo. II. Título. III. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 981.51

Ficha Catalográfica – Sistema de Bibliotecas/UFVJM

Bibliotecária: Viviane Pedrosa – CRB6/2641



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

HEITOR ALVES BISPO JUNIOR

LUGARES E GENTES: AS RELAÇÕES ENTRE PESSOAS, PAISAGENS E ARQUEOLOGIA EM FELÍCIO DOS SANTOS, ALTO VALE DO ARAÇUAÍ, MINAS GERAIS - (2010/2019)

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, **nível de Mestrado**, como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Humanas**

Orientador: Prof. **Marcelo Fagundes**

Data de aprovação 14/08/2020

Profa. Maria Cláudia de Almeida Orlando Magnani (UFVJM)

Prof. Marcelino dos Santos de Moraes (UFVJM)

Profa. Marcia Maria Arcuri Suñer (UFOP)



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Fagundes, Servidor**, em 03/11/2020, às 14:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Claudia Almeida Orlando Magnani, Servidor**, em 03/11/2020, às 17:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelino Santos de Moraes, Servidor**, em 03/11/2020, às 18:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Maria Arcuri Suñer, Usuário Externo**, em 04/11/2020, às 09:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufvjm.edu.br/sei/controlador_externo.php?



[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](#), informando o código verificador **0207264** e o código CRC **1AC979A5**.

Referência: Processo nº 23086.007746/2020-07

SEI nº 0207264



*“Felício acorda em bruma
a bruma da manhã que vem do abraço
abraço das serras que a cercam
e nelas se veem os caminhos e as rochas.
Dizem que as brumas são as árvores acordando,
e respirando... eu diria que são os ares...
ares gelados das serras que ao descer se condensam
no ar mais quente... mas quem sou eu?
quem sou eu para duvidar da sabedoria das pessoas
quem mora entende, quem mora conhece... (...)”*

Leonardo Knegt (2015)

*Dedico a todas as pessoas que têm pelo Espinhaço profundo respeito e
admiração, pois compõem suas paisagens importantes cidades com
um povo resistente como os Botocudos; astuto como os velhos
tropeiros e hospitaleiros como os felissantistas, embora
com dificuldades, encontram jeitos de acolher o “outro”.*

AGRADECIMENTOS

Na impossibilidade de agradecer aos contribuintes que me auxiliaram nessa dissertação, permito-me externar meus cumprimentos saudando algumas pessoas e instituições. É possível que alguns não saibam que muito me ajudaram, ou talvez nem imaginam o quão foi elementar sua contribuição neste trabalho.

Começo agradecendo aos familiares que são como oficinas que forjaram pessoas simples e humanas para um mundo de contradições. Em especial, agradeço ao senhor Heitor Bispo (meu pai) e a dona Tide (minha mãe) pela paciência, carinho, amor e todos os ensinamentos na construção de um cidadão. Vocês são como diamante que brilha em todas as suas facetas. Aos meus irmãos Diêgo e Fábio pelas aulas de solos, conservação de solos, geomorfologia e no auxílio com a confecção dos mapas. Vocês dois são os espelhos que refletem o brilho de nossos pais.

Agradeço à Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri pela oportunidade em proporcionar um ensino de qualidade e fazer-me enxergar o mundo de maneiras diversificadas. Nos seus espaços prediais e nos lugares de socialização, fiz amigos e amigas que marcaram tanto minha trajetória acadêmica quanto minha vida pessoal. Sou grato à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG-UFVJM) pelo apoio na realização da pesquisa; especialmente ao Programa de Pós Graduação em Ciências Humanas (MPICH-UFVJM) com seu excelente quadro de professores e professoras. Não poderia deixar de agradecer aos amigos de turma, em particular à Camila Andrade, Landerson Galvão e Roberto Gambassi pelo companheirismo durante as aulas, nos trabalhos de campo e nos congressos. Estendo meus agradecimentos ao LAEP e a toda sua equipe por ter me acolhido e guiado nos fantásticos, também tortuosos, caminhos da Arqueologia e das Ciências Humanas.

Gratidão ao Prof. Marcelo Fagundes (meu orientador) a quem tenho imenso respeito e admiração pela maestria nos ensinamentos e pela paciência nas orientações. Se hoje minha visão de mundo e de sociedade está mais ampla é porque sua forma de ensinar com humildade e alteridade fez-me uma pessoa mais humana e feliz. Sou muito grato aos professores, Maria Cláudia Magnani e Marcelino Morais, pelos questionamentos na minha qualificação, bem como pelas conversas, reflexões e sugestões para o aperfeiçoamento desta dissertação.

Deixo aqui meus sinceros agradecimentos à população de Felício dos Santos por corroborar com meus estudos desde a graduação e pela confiança no meu trabalho.

RESUMO

Este trabalho buscou estudar as inter-relações entre os moradores de Felício dos Santos, Minas Gerais, e seus ambientes; entendendo como os lugares foram estabelecidos como paisagens ao longo dos anos. Sabe-se que a memória das ocupações indígenas no Vale do Jequitinhonha desapareceu quase por completo em função dos processos de conquista e colonização europeia, que resultou, por exemplo, na ausência de dados sobre o primeiro contato entre europeus e nativos da região. Portanto, buscamos abordar o processo de ocupações humanas no passado e quais suas implicações e permanências no presente, pois, ao longo do tempo os lugares foram transformados em paisagens de acordo com as visões de mundo e necessidades das pessoas que àquela área ocuparam. Foi preciso investigar como as pessoas compreendem e se identificam com o meio onde vivem; quais são as formas de relacionamento estabelecidas com os elementos constitutivos da paisagem regional e quais as ações da sociedade civil e do poder público em prol da salvaguarda dos bens culturais do Município. Para isso, foram retomadas discussões teórico-bibliográficas de áreas interdisciplinares acerca das temáticas da pesquisa. Estudos analíticos foram conduzidos para a interpretação e a contextualização de documentos históricos, imagens fotográficas, mapas cartográficos. Os conteúdos dos questionários e das entrevistas realizadas foram então analisados. Esta pesquisa permite às partes interessadas ampliar os horizontes acerca das ocupações humanas no Vale do Araçuaí para que as políticas de gestão e conservação dos patrimônios culturais sejam efetivamente empregadas nessa região. Considera-se, então, que no dinâmico processo de ocupação humana daquela região os lugares se constituíram em paisagem à medida que os humanos estabeleceram laços identitários com os elementos ao entorno. É, portanto, com o intuito de entender as múltiplas maneiras dos moradores de Felício dos Santos se inter-relacionarem com o meio que se realizou esta pesquisa.

Palavras-chave: Arqueologia. Paisagens. Vale do Jequitinhonha e Araçuaí. Memórias, Identidades e Patrimônio. Felício dos Santos.

ABSTRACT

This work aims to study the relationships between the inhabitants of the municipality of Felício dos Santos, Minas Gerais state, and their environments, in order to understanding how the sites have become landscapes over time. It is known that the memory of indigenous occupations in the Jequitinhonha Valley disappeared almost entirely due to the processes of European conquest and colonization, which resulted, for example, in the absence of data on the first contact between Europeans and the natives of the region. Therefore, we addressed the process of human occupations in the past, as well as their implications and permanence in the present time. Over time, places have become landscapes according to the views of the world and the needs of people in that area. It was studied how people understand and identify with the site where they live; what are the forms of relationship established with the constituent elements of the regional landscape; and what are the actions of civil society and the public authorities in favor of safeguarding the cultural assets of the Municipality. For this, theoretical-bibliographic discussions from interdisciplinary areas were resumed on the research themes. Interpretation and contextualization of historical documents, photographic images, and cartographic maps were carried out. The contents of the questionnaires and interviews were then analyzed. This research allows interested stakeholders to broaden their knowledge about human occupations in the Araçuaí Valley in order to the policies for the management and conservation of cultural heritage are effectively employed in this region. We also taken into the account that in the dynamic process of human occupation of that region, sites become landscape as humans established identity ties with the elements around them. It is, therefore, in order to understand the multiple ways in which Felício dos Santos inhabitants interact with the environment in which this research was carried out.

Keywords: Archaeology. Landscapes. Jequitinhonha and Araçuaí Valley. Memories, Identities and Heritage. Felício dos Santos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização do município de Felício dos Santos (MG).....	26
Figura 2 - As primeiras ocupações humanas na área de estudo	31
Figura 3 - Termo de Despacho de Terras no Ribeirão de Santa Anna (1858)	32
Figura 4 - Fazenda Tamboril	34
Figura 5 - Fazenda do Sítio (atual Fazenda TBI)	34
Figura 6 - Fazenda Santo Antônio do Sobrado.....	35
Figura 7 - Escolas públicas de Felício dos Santos.....	40
Figura 8 - Plantação de eucalipto às margens da Rodovia MG-317	42
Figura 9 - Plantio de café, urucum e braquiária na antiga Fazenda do Engenho	42
Figura 10 - Marujada Nossa Senhora do Rosário de Felício dos Santos.....	45
Figura 11 - Mapa geológico do município de Felício dos Santos	47
Figura 12 - Pousada da Água Quente	49
Figura 13 - Cachoeira do Sumidouro	50
Figura 14 - Cachoeiras de Felício dos Santos	51
Figura 15 - Chapada do Couto (campos de altitudes comuns da região)	52
Figura 16 - Mapa de solos de Felício dos Santos	54
Figura 17 - Mapa de altimetria do município de Felício dos Santos.....	57
Figura 18 - Mapa da vegetação de Felício dos Santos	61
Figura 19 - Mata do Isidoro.....	63
Figura 20 - Espécies de plantas identificadas na APA Felício	64
Figura 21 - Localização dos marcadores sociogeográficos do lugar.....	67
Figura 22 - Pesquisa de campo (fase das entrevistas)	80
Figura 23 - Paisagem da Serra Dois Irmãos	86
Figura 24 - Vista panorâmica da cidade de Felício dos Santos.....	89
Figura 25 - Lajeado de Felício dos Santos	94
Figura 26 - Bens culturais inventariados pelo poder público municipal	125
Figura 27 - Atividades extrativistas ilegais e criminosas em Três Fronteiras.....	129
Figura 28 - A escola e o patrimônio arqueológico	130
Figura 29 - A população e o patrimônio arqueológico.....	131

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estatística de municípios confrontantes com a área de estudo.....	37
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Cronologias dos sítios arqueológicos em Serra Negra.....	30
Quadro 2 - Principais marcadores sociogeográficos do Município.....	68
Quadro 3 - Características dos sujeitos entrevistados da pesquisa.....	74
Quadro 4 - Categorias e subcategorias	75
Quadro 5 - Recursos textuais utilizados para a transcrição das narrativas orais	76
Quadro 6 - Categoria de análise sobre a ocupação humana na área da pesquisa	106
Quadro 7 - Categoria de análise sobre os usos dos campos rupestres do lugar.....	113
Quadro 8 - Categoria de análise sobre as memórias vivenciadas nos sítios rupestres	118
Quadro 9 - Categoria de análise sobre o sentimento identitário com a cultura indígena	120
Quadro 10 - Categoria de análise sobre o conhecimento popular dos sítios arqueológicos...	126
Quadro 11 - Categoria de análise sobre concepções atribuídas aos sítios arqueológicos	127
Quadro 12 - Categoria de análise sobre a defesa do patrimônio arqueológico	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 01 - O LUGAR DE ESTUDO DA PESQUISA	26
1.1 Ocupações ameríndias em Felício dos Santos	27
1.2 Da formação do povoado a Município.....	32
1.3 Sociedade, economia e cultura.....	37
<i>1.3.1 Produtos da terra: principais fontes de sustento da comunidade</i>	<i>40</i>
<i>1.3.2 As manifestações culturais do Município</i>	<i>43</i>
1.4 Caracterização fisiográfica da área de estudo	45
<i>1.4.1 Fisiografia da área de estudo.....</i>	<i>46</i>
<i>1.4.2 Os solos do Município</i>	<i>53</i>
<i>1.4.3 As serras, os rios e suas potencialidades</i>	<i>56</i>
<i>1.4.4 A vegetação da área de estudo</i>	<i>60</i>
1.5 Marcadores sociogeográficos do Município	66
CAPÍTULO 02 - CAMINHOS METODOLÓGICOS	70
2.1 A revisão bibliográfica	70
2.2 O reconhecimento da área de estudo da pesquisa	71
2.3 As entrevistas	71
2.4 A escolha do público-alvo	73
2.5 As categorias e subcategorias	74
2.6 Os roteiros de entrevista	76
2.7 O questionário estruturado	78
2.8 As fases da pesquisa de campo	79
2.9 O tratamento dos dados coletados	81
2.10 A elaboração da cartografia	83
CAPÍTULO 03 - PAISAGENS, LUGARES E AMBIENTES: CONCEITOS E DISCUSSÕES TEÓRICAS	84
3.1 Paisagem: um conceito interdisciplinar em Ciências Humanas.....	85

3.2 Lugar: um conceito polissêmico em construção	90
3.3 Memória e identidade: elementos complementares nas inter-relações humanos/ambientes	93
3.4 Patrimônio cultural: fronteiras conceituais em foco	99
CAPÍTULO 04 - DISCUSSÕES E RESULTADOS	105
4.1 O estabelecimento de lugares em Felício dos Santos	105
4.2 Culturalização dos lugares: usos e interpretações do ambiente.....	110
4.3 As memórias e identidades emergentes nos lugares da comunidade.....	115
4.4 A população local e a comunidade acadêmica	121
4.5 Patrimônios culturais de Felício dos Santos.....	124
REFERÊNCIAS	136
APÊNDICE	142

PREÂMBULO

Desde a tenra infância, adorava estar na bancada do fogão a lenha de meus avós maternos ou ao redor das fogueiras em dia de festa nas comunidades de Felício dos Santos para escutar as histórias, os causos, as lendas, as piadas, as cantigas e demais contos proferidos por meus conterrâneos. Tempos depois fui-me dando conta do quanto aquilo era prazeroso para mim, pois aquelas envolventes estórias me cativavam e faziam meu mundo melhor. Na adolescência, um sentimento grande de pertencimento (identidade com o lugar onde morava) floresceu a ponto de me instigar a ingressar numa universidade em algum curso no campo das Ciências Humanas. Foi então que no ano de 2013, época em que morava na capital mineira, tive a oportunidade de prestar o vestibular e ingressar-me no curso de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

No Instituto de Ciências Humanas da PUC Minas aprendi com os livros e com os professores, também com os colegas de classe, que a História é um campo de conhecimento riquíssimo se pensado multidisciplinarmente. A partir das leituras indicadas tentava fazer analogias da cultura de outros povos com as culturas de minha terra natal. Então me dei conta do forte sentimento que me impulsionava a conhecer mais sobre a história de Felício dos Santos, com seu povo e com suas culturas. No sétimo período de curso deveria escolher um tema para a elaboração da monografia a fim de obter o título de Bacharel em História. Confesso que não foi tarefa fácil, porém fui tomando gosto pelas temáticas relacionadas à História Cultural e notei a possibilidade de estudar algo sobre a cultura dos habitantes de Felício dos Santos. Em 2016 graduei-me em História com o trabalho intitulado “Devotos do Rosário: a celebração da Marujada na Festa do Rosário de Felício dos Santos, Minas Gerais (2003 a 2009)”.

A partir dos estudos sobre a celebração da Marujada percebi a riqueza sociocultural e histórica do município de Felício dos Santos e as possibilidades de futuras pesquisas em outras áreas do conhecimento. Então, no ano de 2017, dei continuidade aos estudos acadêmicos matriculando num curso de especialização da PUC Minas nomeado Memória e Historiografia: patrimônio cultural e identidades em Minas Gerais, que, por sua vez, me serviu de embrião para o tão sonhado mestrado. Nesse curso de pós-graduação tive contato com textos sobre temáticas relacionadas à memória, à identidade e à história que

compreendiam, além da História, a Arquivística, a Etnografia, a Antropologia e a Arqueologia, dentre outras áreas.

Ainda em 2017 tive o privilégio de integrar a equipe do Laboratório de Arqueologia e Estudos da Paisagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (LAEP/UFVJM) quando da escavação arqueológica no Complexo Arqueológico Três Fronteiras, em Felício dos Santos. Com os membros do LAEP aprendi muito sobre a região, especialmente sobre os modos de vida das pessoas que ali vivem; e isso me encorajou a interromper o curso na PUC e candidatar a uma vaga no Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas (MPICH) da UFVJM. Foi então que em abril de 2018 ingressei no programa de mestrado com o pré-projeto intitulado “Lugares e Gentes: as relações entre pessoas, paisagens e Arqueologia no município de Felício dos Santos, Alto Vale do Jequitinhonha e Araçuaí, Minas Gerais (2010 - 2017)” na linha de pesquisa: História, Cultura e Arqueologia.

Desde então, tenho debruçado sobre os estudos das inter-relações entre pessoas e ambientes no município de Felício dos Santos e acompanhado pesquisas em campo, como por exemplo, prospecções e escavação de sítios arqueológicos na região, que, por sua vez, têm contribuído muito para o desenvolvimento da minha pesquisa.

INTRODUÇÃO

A região da Serra do Espinhaço Meridional (doravante SdEM) vem sendo estudada há anos sobre os aspectos geológicos que, por seu turno, pode ser tomado como o suporte para as outras áreas da ciência que exploram inúmeras temáticas relacionadas aos estudos climáticos, biológicos, históricos, socioeconômicos e culturais, dentre outros. Particularmente, a borda leste do Espinhaço Mineiro é composta por grande diversidade biológica e rica diversidade sociocultural (KNEGT, 2015).

Morais (2014) atesta que o Espinhaço tem mais de 1200 km de extensão na direção Norte-Sul que abrange áreas de Minas Gerais e Bahia. Informa também que na porção meridional¹ essa Cordilheira “(...) estende-se por cerca de 300 km situada integralmente em território mineiro” (MORAIS, 2014, p. 6), característica que, sob nosso olhar, a faz um dos principais marcadores sociogeográficos² da região. Consoante a tais informações, Saadi (1995, p. 41) afirma que a SdEM se constitui num “(...) grande divisor hidrográfico interposto entre as bacias do centro-leste brasileiro e a do rio São Francisco”, ademais, pode ser compreendida como:

(...) um conjunto de terras altas [em Minas Gerais], com forma de bumerangue de direção geral norte-sul e convexidade orientada para oeste. A denominação “serra” esconde, no entanto, uma realidade fisiográfica que seria melhor definida pelo termo “planalto” (SAADI, 1995, p. 41).

Ainda segundo Saadi (1995), a SdEM também inclui a região conhecida como Alto Vale do Jequitinhonha: região pioneira no processo de ocupação de Minas Gerais no início do século XVIII, muito em função das descobertas de ouro e diamantes às margens do rio homônimo e de seus afluentes, dentre eles o Araçuaí (principal da margem direita). A partir dos anos de 1970 o Centro de Geologia Eschwege incentivou e desenvolveu estudos geológicos no Espinhaço em função do descobrimento de recursos minerais, principalmente o ouro e o diamante (SAADI, 1995).

A ocupação dessa região teve como pilar econômico a extração mineral, tanto legalizada pelo Governo, quanto aquela considerada como um modo ilegal de apropriação desses bens minerais (VELLOSO; MATOS, 1998). Extrapolando os limites do Alto Jequitinhonha, a pecuária também foi uma das atividades econômicas em destaque,

¹ Que inclui nossa área de estudo.

² Sobre o conceito de marcadores sociogeográficos ver tópico 1.5 deste trabalho.

principalmente para o abastecimento do mercado no Arraial do Tejuco (atual Diamantina), pois supria as necessidades alimentícias de uma população majoritariamente envolvida nas atividades minerárias.

Sobre as implicações do extrativismo mineral nesta região do Vale, Morais testifica:

A formação territorial promovida pela extração do diamante deixou marcas nas diversas paisagens desta região que se fundaram no sincretismo cultural. Isto resultou em uma estratificação étnica que, aliada às questões sociopolíticas e às condições do meio ambiente físico, definiram ainda a originalidade da paisagem do século XVIII não somente no Antigo Distrito Diamantino, mas em toda região do Alto Jequitinhonha, ainda impressas na paisagem (MORAIS, 2014, p. 8).

Sabe-se que o Vale, assim como todo o território brasileiro, foi ocupado por povos originários representados por milhares de etnias ameríndias que habitaram a América do Sul antes da invasão europeia. Embora essa região tenha sido alvo de pesquisas, faz alguns anos, ainda há poucas informações de como ela foi sendo ocupada ao longo do tempo e, principalmente, como grupos humanos se relacionaram entre si e com o ambiente. Justamente é a Arqueologia que tem dado conta de apresentar dados sobre essas ocupações ameríndias (FAGUNDES, 2019a).

A memória desses grupos indígenas, mormente em função da violência do processo de colonização europeia, foi desaparecendo e, no Vale do Jequitinhonha em especial, como se deu o contato entre indígenas e europeus (em que período e circunstâncias), muito pouco se sabe.

Para Fagundes (2019a), o aniquilamento das populações ameríndias foi muito além do físico, sendo que os conquistadores acabaram por minar a memória e existências desses povos, a ponto de que não há um único documento sobre esse encontro, por exemplo. Trata-se de um projeto político há muito desenvolvido pelas elites nacionais e, infelizmente, em prática até os dias de hoje.

Apesar desta dissertação não propor um estudo arqueológico, uma de nossas metas é entender como as comunidades hoje se relacionam com as marcas deixadas por grupos indígenas na paisagem e como se dá essa relação nos dias atuais. Justamente por isso os conceitos de lugar e paisagem são tão importantes em nossas análises tendo em vista que há tempos que o tema da paisagem tem sido alvo de debates em diversificados ramos científicos, principalmente na Geografia, mas com grande expressão na Antropologia, Arqueologia, História, Literatura, Arquitetura, entre outros.

Paisagem é um conceito polissêmico constituído por uma imensidade de definições e entendimentos do que significa. Holzer (1997), por exemplo, indicou que a paisagem pode ser definida como aquilo que “(...) incorpora ao suporte físico os traços que o trabalho humano, que o Homem como agente, e não como mero espectador imprime aos sítios onde vive” (HOLZER, 1997, p. 81). Nessa concepção, o dito termo é entendido como sítios em que as pessoas desenvolvem suas atividades e onde são estabelecidas relações entre elas e os ambientes ao longo dos tempos. Ademais, esse autor afirma que a paisagem exprime o potencial que os ambientes, por meio de suas características fisiográficas, possuem para os humanos impulsionados a transformá-las³ conforme suas vontades, prioridades e necessidades (HOLZER, 1997).

O conceito de paisagem também é visto a partir de uma ótica interdisciplinar do qual são cooperativos os estudos das inter-relações entre ambientes e humanos: objeto deste trabalho. Considera-se que seu estudo “(...) em Arqueologia presume o uso de diferenciadas categorias em diferentes áreas do conhecimento” da qual faz parte a “(...) compreensão das relações existentes entre humanos e seus ambientes” (FAGUNDES, 2014b, p. 33).

Neste ínterim, pode-se dizer da relevância deste trabalho para a compreensão da paisagem enquanto categoria interdisciplinar de estudo, no qual as inter-relações entre lugares e pessoas tornam-se possíveis. Sem dúvidas, por meio do estudo dessas relações, é possível compreender quais e como são as formas de perceber, significar, interpretar, dar sentidos, valores, importância, etc. ao ambiente cujos grupos humanos se estabelecem no decorrer do tempo.

Assim sendo, a temática em discussão abre um leque de questões que encetam para a problemática que sustenta este estudo. Tal questão associa-se à seguinte pergunta: **como se dá o processo de interação entre humanos e ambientes no Alto Vale do Araçuaí, particularmente no município de Felício dos Santos, Minas Gerais?**

Essa pergunta implica na hipótese de que, apesar dos impactos locais da indústria capitalista, as comunidades tradicionais, mesmo diante das transformações do mundo moderno, continuam estabelecendo fortes relações com o meio, conferindo-lhe significados êmicos para além da materialização.

³ Fagundes et al. (2019) ao discutirem as modificações que Humanos realizam em seus ambientes, deixam claro que as mudanças não são necessariamente físicas, uma vez que o mundo em diferentes sociedades está constituído por variadas camadas, muitas das quais entendidas como mágicas ou imaginárias por nosso pensamento ocidental.

Nota-se também que aos ambientes são dadas características que estão diretamente relacionadas ao modo de vida e à cultura da própria população. Além do mais, pressupõe-se que as relações humanos/meio distinguem as comunidades umas das outras que, por isso, são tão singulares e remetem às ideias de identidade e alteridade.

Baseando-se nessas prerrogativas, a justificativa que sustenta esta pesquisa está na necessidade de ampliar o entendimento de como se dão as relações entre as comunidades de Felício dos Santos e seus ambientes, inclusive como meio de que possam valorizá-lo e, deste modo, estabelecerem políticas de salvaguarda dos patrimônios paisagístico, histórico e cultural frente às constantes investidas da indústria da mineração, por exemplo.

Esta pesquisa também se justifica pelo fato de estimular e dar suporte à elaboração de estratégias de gestão e conservação dos lugares de interesse cultural, arqueológico e histórico do Município. Nesse sentido, seu principal objetivo é **o estudo das inter-relações estabelecidas entre os moradores de Felício dos Santos e o ambiente para entender como os lugares foram constituídos ao longo do tempo e quais são as percepções estabelecidas de modo que o ambiente foi sendo transformado em paisagem.**

Para alcançá-lo se faz necessário antes auferir os seguintes objetivos específicos:

- (I) Averiguar como os moradores locais compreendem e se identificam com e em seus ambientes;**
- (II) Identificar quais são as formas de inter-relacionar estabelecidas pela população local com seu entorno;**
- (III) Investigar as estratégias de proteção, salvaguarda e conservação dos patrimônios culturais da comunidade para entender seus impactos *in loco*.**

É imprescindível frisar que todas as etapas da pesquisa foram embasadas em discussões teórico-bibliográficas que trouxeram conceitos e ponderações de áreas interdisciplinares fundamentais para as análises do objeto de estudo. Também, foi proposto o trabalho com diferentes concepções analíticas para a compreensão, interpretação e contextualização de documentos, fotografias, mapas cartográficos, bem como a análise de conteúdo dos questionários elaborados (APÊNDICE B) e das entrevistas realizadas.

O público-alvo da pesquisa são os moradores do município de Felício dos Santos com idade entre 18 a 80 anos que, submetidos ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) colaboraram com informações elementares sobre o assunto. Cabe

frisar que os procedimentos das entrevistas foram aprovados e autorizados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFVJM) (APÊNDICE C).

O recorte temporal deste trabalho são os anos 2010 a 2019 devido ao fato de se consistir no período de maior produção científica sobre a área de estudo; igualmente, por se referir ao entretempo em que se deu um contato mais contínuo entre os moradores locais e os alunos, professores e pesquisadores vinculados à UFVJM.

Sinteticamente, o trabalho está estruturado em quatro capítulos somados a esta introdução, considerações finais e as referências. No primeiro capítulo realizou-se a caracterização da área de estudo com apresentação de informações sobre o objeto de pesquisa, a região onde está situado e suas características geomorfológicas, fisiográficas, históricas, socioeconômicas e culturais.

O segundo capítulo aborda a metodologia utilizada na pesquisa de campo que teve como objetivo a coleta de informações e dados, bem como o conhecimento da comunidade estudada. O terceiro capítulo expõe discussões teórico-conceituais acerca dos conceitos de paisagem, lugar, memória e identidade e sua relação com as concepções de patrimônio cultural e suas implicações na população.

O quarto capítulo apresenta uma análise de conteúdo das entrevistas e os resultados dos questionários elaborados com a finalidade de compreender as inter-relações estabelecidas pela população com e em seus ambientes, como também, o contato entre os moradores e a UFVJM.

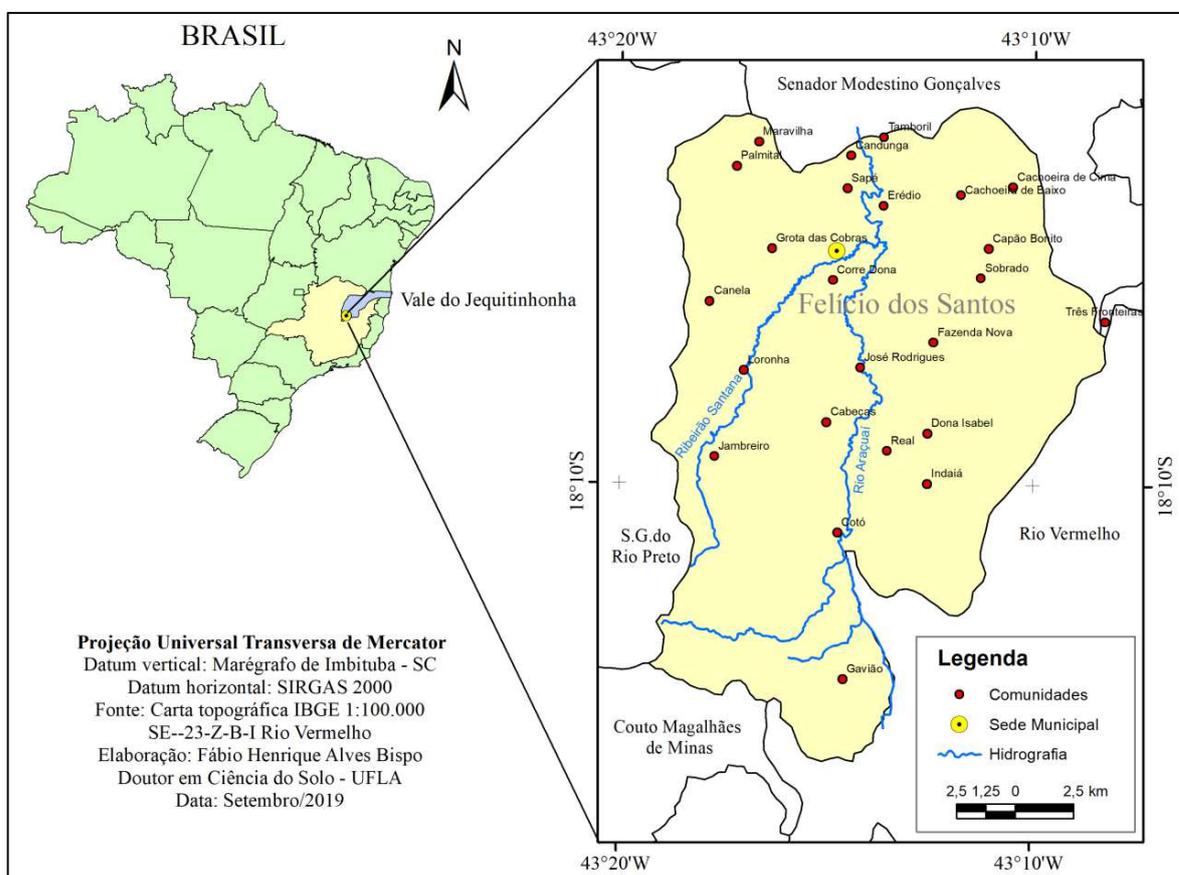
CAPÍTULO 01 - O LUGAR DE ESTUDO DA PESQUISA

Em termos geográficos a área de estudo da pesquisa está situada na borda leste da SdEM, nordeste do Estado de Minas Gerais (Figura 1). Hidrograficamente, o Município está implantado na calha do rio Araçuaí, especificamente no Alto Araçuaí e Jequitinhonha.

Apresentando uma fisiografia muito singular do Espinhaço, o município está numa área de grande biodiversidade florística e faunística. Muito se deve à sua localização na divisa entre duas importantes bacias hidrográficas federais (Jequitinhonha e Doce), cuja presença de muitos contrafortes resulta nessa grande diversidade fitográfica (considerada um ecótono entre Cerrado e Mata Atlântica), além de possuir uma rede hídrica significativa.

Felício dos Santos possui uma população de 5142 mil habitantes (IBGE, 2010) onde muitas de suas tradições relacionadas aos tempos coloniais são preservadas, sobretudo no que tange à memória relacionada ao garimpo e ao comércio de tropeiros (MACEDO, 2017).

Figura 1 - Localização do município de Felício dos Santos (MG)



Fonte: Autor, 2019.

Esse Município possui limites territoriais com Senador Modestino Gonçalves e Itamarandiba ao norte, Rio Vermelho a leste, Couto de Magalhães de Minas ao sul e São Gonçalo do Rio Preto a oeste (Figura 1). O acesso à cidade dá-se pelas vias Rodovia MG-317 partindo de São Gonçalo do Rio Preto e a partir desse às outras regiões pelas rodovias federais BR-040, BR-135, BR-259, etc.

1.1 Ocupações ameríndias em Felício dos Santos

O lugar que atualmente é conhecido por Felício dos Santos está implantado na SdEM cujo elevado potencial geoambiental garantiu o estabelecimento de grupos humanos desde tempos remotos. Porém, o conhecimento da existência das primeiras ocupações humanas pouco ou quase nada aparece na historiografia “oficial” legitimando, assim, que o início das habitações aconteceu quando da chegada dos europeus ao Arraial do Tejuco. Após a invasão desses conquistadores à região “(...) muito pouco (ou nada) se sabe acerca dessas populações que, provavelmente, fugiram, foram aldeadas ou dizimadas, porém não há fontes para uma discussão sólida acerca do assunto” (FAGUNDES, 2019a, p. 222).

Para tentar inferir acerca do comportamento humano ao longo dos anos nessa região, faz algum tempo que os estudos arqueológicos no Espinhaço têm buscado a valorização do patrimônio regional, particularmente no Alto Vale do Araçuaí. Nessa área “(...) a disposição geomorfológica foi responsável pela formação de diferentes ecossistemas, sendo a maior parte de seu território constituída pelo domínio fitoecológico do Cerrado” (FAGUNDES, 2019a, p. 222). Essa característica ambiental permitiu aos povos originários a permanência para o desenvolvimento de diferentes atividades sociais de ordem cotidiana ou simbólica, por exemplo, caça, pesca, coleta de frutos, feitura de utensílios e armas, rituais, etc.

O conhecimento arqueológico atual permite a afirmação de que o Espinhaço Meridional foi habitado há pelo menos 10 mil anos (da transição do Pleistoceno para o Holoceno Inicial) por humanos que deixaram vestígios por onde estiveram. Com o tempo, a região foi sendo reocupada, recebendo novas interpretações e inferências de forma a sustentar modos de vida, visões de mundo, percepções e formas diversificadas de inserção e ocupação dos lugares constituidores da paisagem regional (FAGUNDES, 2019a).

Compondo a SdEM, a região denominada de Serra Negra é uma das áreas em Minas Gerais com grande potencial arqueológico, sobretudo no que diz respeito à presença de abrigos com grafismos rupestres, além da rica indústria de produção de ferramentas líticas confeccionadas em quartzo e quartzito (FAGUNDES, 2019a; FAGUNDES, 2020). Nesse lugar, as pesquisas do LAEP/UFVJM têm evidenciado um quadro definido de ocupações humanas para o Alto Vale do Araçuaí a partir de 7225 anos antes do presente (5 mil anos a. C), especificamente a partir do Holoceno Médio, diferente de outras áreas do Espinhaço, onde as ocupações são mais antigas, a exemplo do Planalto Diamantinense ou da Serra do Cipó (ISNARDIS, 2009).

Assim, para o Alto Araçuaí, as pesquisas realizadas pelo LAEP/UFVJM nos sítios arqueológicos de Felício dos Santos (Figura 2), trouxeram informações significativas no que tange ao comportamento humano dos diversos povos que ocuparam o território a partir de 7225 anos antes do presente (FAGUNDES, 2016; FAGUNDES, 2019a, FAGUNDES, 2019b; FAGUNDES, 2020).

Nesse Município (e em outros⁴), os assentamentos humanos apresentam algumas características distintivas. São todos abrigos sob rocha quartzítica⁵, com presença de painéis rupestres que podem ser classificados como parte da temática associada à Tradição Planalto, primeiramente descrita por André Prous para os sítios da região cárstica de Lagoa Santa (PROUS, 1992). Ainda segundo este autor, para a região esses abrigos podem ser classificados em três tipos distintos (FAGUNDES, 2019a):

- a) **Sítios de campo rupestre:** em que os abrigos estão implantados em áreas com predominância de campos rupestres, sempre próximos a cursos d'água, de acesso fácil ou muito fácil. As ocupações podem variar desde aqueles com e sem pacote sedimentar, bem como a densidade de pinturas rupestres, sendo que tanto para Três Fronteiras como Campo das Flores há sítios centrais, onde há painéis extremamente pintados (com alta densidade de grafismos) rodeados por abrigos com baixa densidade de pinturas.

De acordo com Fagundes (2016):

⁴ Senador Modestino Gonçalves, São Gonçalo do Rio Preto, Couto de Magalhães de Minas, Itamarandiba e Diamantina (FAGUNDES et al., 2014a; FAGUNDES, 2019a).

⁵ Até o momento, diferente de outras regiões do País, nenhum sítio arqueológico a céu aberto foi identificado. Há alguns relatos de lâminas de machado polidas que são encontradas em pequenas roças locais, mas assentamentos do tipo aldeia, com presença de fragmentos cerâmicos não fazem parte do sistema regional, pelo menos por enquanto (FAGUNDES, 2019a; FAGUNDES, 2020).

Observa-se que nessas áreas sempre há um sítio *core* (com destaque aos seus painéis com grande densidade de repertório gráfico, em sobreposição), associados a outros abrigos, geralmente menores, com baixa densidade de grafismos, com pouca ou nenhuma sobreposição das pinturas. Tal realidade é observada em Três Fronteiras, uma área com 16 abrigos, com destaque para o sítio 06; em Campo das Flores, com presença de 28 sítios, também com destaque para o abrigo de número 06; além dos sítios Ambrósio 02 e 03, Lapa Santa e Seriemas 01 e 02 (FAGUNDES, 2016).

São sítios que correm risco eminente de destruição pela mineração (como é o caso dos sítios em Três Fronteiras).

- b) **Sítios em mata:** representados em abrigos implantados em zonas com presença de Floresta Estacional Semidecidual, mais frequentes no entorno da Chapada do Couto, ao sul do município de Felício dos Santos.

Segundo Fagundes (2019a):

Nestes sítios os painéis apresentam um diversificado e denso conjunto gráfico (são sítios com muitas pinturas), também associado à temática da Tradição Planalto, geralmente com material lítico em superfície (no caso dos abrigos Cabeças havia muito material lascado na superfície e alguns fragmentos cerâmicos). A implantação é discreta na paisagem, porém todos são de fácil acesso, com piso plano e sempre próximo aos cursos d'água (nunca ultrapassam 100 m), além de disponibilidade de material para lascamento no entorno (sobretudo quartzo) (FAGUNDES, 2019a).

- c) **Sítios de passagem:** são os abrigos localizados em contrafortes das serras, sempre em altitudes mais elevadas, em zonas que se permite o acesso mais facilitado entre diferentes compartimentos topográficos. Nesta categoria estão os abrigos Sassafrás 01 e 02, Jambreiro, Amaros 01, Serra da Chácara, Matão 02 e Indaiás 01 e 02.

Para Felício dos Santos, em especial, todos os três tipos de assentamento foram encontrados, onde foram evidenciados diferentes repertórios culturais, sendo os conjuntos líticos e a arte rupestre os que mais têm oferecido informações fundamentais acerca do passado pré-colonial regional. Além disso, alguns fragmentos cerâmicos foram achados em Três Fronteiras e Cabeças (cooperando muito pouco para a compreensão desse tipo de cultura material na região antes da conquista), além dos dados paleoambientais que têm sido coletados, sobretudo pelos trabalhos de Chueng et al. (2018). Mais recentemente, estudos de Arqueometria têm sido realizados nos sítios regionais, por meio das ações dos doutores Ikeoka e Appoloni (UEL)⁶.

Acerca das indústrias líticas, há vários trabalhos desenvolvidos pela equipe do LAEP/UFVJM, em destaque as dissertações de Mestrado de Perillo (2016) e Silva (2017), além dos TCC de Santos (2014) e Galvão (2017). Sinteticamente, esses estudos definem os

⁶ Fagundes (2020), comunicação pessoal.

conjuntos regionais como caracterizados pela exploração de blocos de quartzo (anédricos), tendo como técnica o lascamento unipolar com uso de percussão dura, sobretudo para as indústrias associadas ao Holoceno Médio (SILVA, 2017; GALVÃO, 2017; PERILLO FILHO, 2016; FAGUNDES; PERILLO FILHO, 2018; FAGUNDES, 2020).

No que tange à arte rupestre de Serra Negra, segundo Fagundes (2019a), os conjuntos gráficos apresentam a temática associada à Tradição Planalto, com predominância das representações de cervídeos, porém quase nunca associados aos peixes (como é comum em Lagoa Santa), sendo que essas figurações ocorrem, porém, quase nunca em associação.

Os grafismos são em vermelho na maioria, raramente ocorrendo amarelo e negro. Há representações de antropomorfos que aparecem isolados nos painéis (FAGUNDES, 2019a; PALHARES, 2018; GRECO, 2019).

Referente às cronologias de ocupações humanas em Felício dos Santos (Quadro 1), os resultados mais antigos foram obtidos com a escavação do sítio Cabeças 04 (Figura 2) que datam do Holoceno Médio, onde foram obtidas cronologias a partir de 7 mil anos ininterruptamente até o contato com os conquistadores europeus (FAGUNDES, 2019a; FAGUNDES, 2020).

Com as informações coletadas em Cabeças, as pesquisas nessa região tiveram continuidade e atualmente compõem um conjunto de 67⁷ sítios rupestres com repertório cultural significativo para a compreensão dos modos de vida e cultura dos primeiros habitantes daquele lugar.

Quadro 1 - Cronologias dos sítios arqueológicos em Serra Negra

SÍTIO	MUNICÍPIO	DATA
Cabeças 01	Felício dos Santos	230 ± 30 anos A.P., calibrada entre 280 e 255 anos A.P.
Cabeças 04	Felício dos Santos	480 ± 40 anos A.P., calibrada entre 530 e 510 anos A.P.
Itanguá 02	Itamarandiba	680 ± 110 anos A.P., calibrada entre 505 e 798 anos A.P.
Itanguá 02	Itamarandiba	660 ± 85 anos A.P., calibrada entre 467 e 790 anos A.P.
Itanguá 02	Itamarandiba	630 ± 30 anos A.P., calibrada entre 550 e 732 anos A.P.
Cabeças 03	Felício dos Santos	940 ± 30 anos A.P. calibrada entre 900 e 870 anos A.P.
Matão 01	Felício dos Santos	980 ± 30 anos A.P. calibrada entre 922 e 788 anos A.P.
Matão 01	Felício dos Santos	1240 ± 30 anos A.P. calibrada entre 1024 e 986 anos A.P.
Matão 01	Felício dos Santos	1270 ± 30 anos A.P. calibrada entre 1264 e 1212 anos A.P.
Cabeças 01	Felício dos Santos	1960 ± 30 anos A.P., calibrada entre 1990 e 1965 anos A.P.
Matão 01	Felício dos Santos	2460 ± 30 anos A.P. calibrada entre 2540 e 2439 anos A.P.
Cabeças 04	Felício dos Santos	3980 ± 40 anos A.P., calibrada entre 4445 a 4420 anos A.P.
Cabeças 04	Felício dos Santos	4010 ± 40 anos A.P., calibrada entre 4520 a 4420 anos A.P.
Três Fronteiras 07	Felício dos Santos	4100 ± 30 anos A.P., calibrada entre 4643 a 4424 anos A.P.
Sampaio	Felício dos Santos	4280 ± 30 anos A.P., calibrada entre 4866 a 4799 anos A.P.

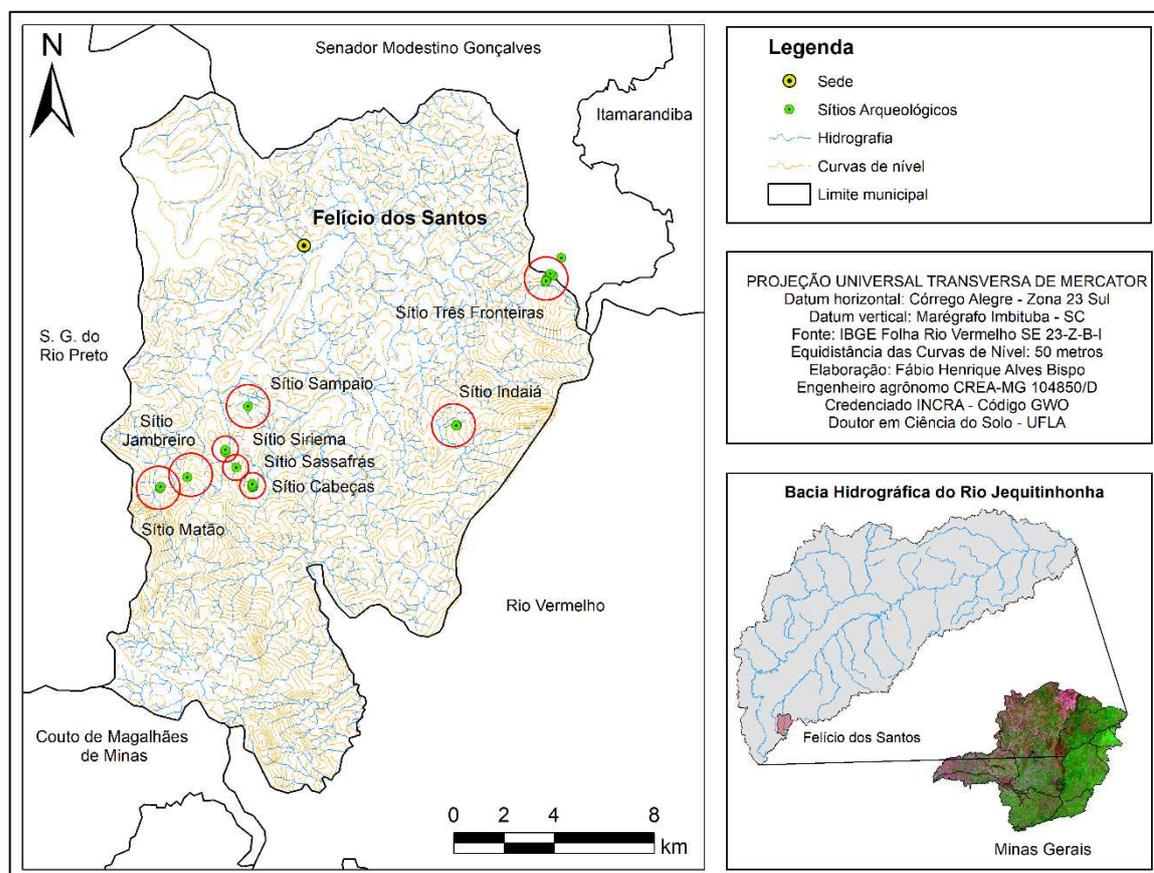
⁷ Dados atualizados em 20/02/2020, conforme indicação do Prof. Marcelo Fagundes (comunicação pessoal).

SÍTIO	MUNICÍPIO	DATA
Cabeças 04	Felício dos Santos	5270 ± 40 anos A.P., calibrada entre 6180 a 6150 anos A.P.
Cabeças 04	Felício dos Santos	6170 ± 40 anos A.P., calibrada entre 7160 a 7100 anos A.P.
Cabeças 04	Felício dos Santos	6290 ± 30 anos A.P., calibrada em 7225 e 7170 anos A.P.

Fonte: Adaptado de Fagundes, 2019a.

Com o intuito de apresentar uma visão geral das primeiras ocupações antigas do território que atualmente se denomina Felício dos Santos, faz-se necessária destacar a localização dos complexos arqueológicos até o momento evidenciados (Figura 2).

Figura 2 - As primeiras ocupações humanas na área de estudo



Os círculos vermelhos evidenciam a assembleia de sítios rupestres da área. Fonte: Autor, 2019.

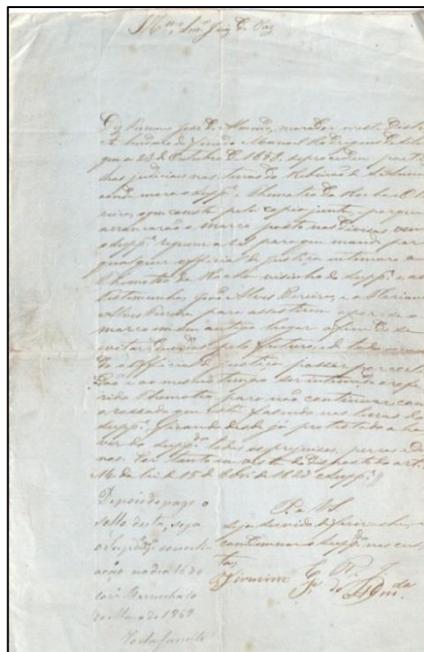
As marcas das ocupações ameríndias nas terras de Felício dos Santos são registradas nos painéis com arte rupestre e nos materiais líticos dos complexos arqueológicos mencionados no mapa (Figura 2). Os grafismos rupestres são associados ao que Prous (1992) denominou de Tradição Planalto cuja presença marcante de zoomorfos (cervídeos e peixes) se destacam; entretanto, nem sempre essa associação faz-se presente em todos os sítios arqueológicos de Felício. A indústria lítica é predominantemente composta por conjunto de artefatos confeccionados em peças de quartzo lascados por meio da técnica unipolar (PERILO FILHO, 2016; SILVA, 2017; GALVÃO, 2017; FAGUNDES; PERILLO FILHO, 2018).

Essas informações permitem, de modo sintético, inferir que as ocupações humanas no então território de Felício dos Santos se deram de modo ininterrupto a partir de 7 mil anos antes do presente - no Holoceno Médio - até o contato com os conquistadores europeus.

1.2 Da formação do povoado a município

Este Município originou-se a partir de um documento judicial (ou carta) denominado “Termo de Despacho”, datado de 23 de Outubro de 1858 (Figura 3). Cabe frisar que essa carta, junto a tantas outras sobre Felício dos Santos, encontra-se arquivada no Laboratório de Organização de Documentos Históricos (LAODH) da UFVJM. Segundo relatos da população, muitas informações documentais permaneceram por anos em posse do senhor Bento Marinho Bispo (morador da comunidade local do Loronha).

Figura 3 - Termo de Despacho de Terras no Ribeirão de Santa Anna (1858)



Fonte: Acervo do LAODH, 2018.

Cabe informar que a transcrição documental torna-se indispensável para a contextualização dos fatos, nota-se:

Ilustríssimo Meritíssimo Juiz de Paz

Diz Firmino José de Almeida, morador neste Distri-/to, herdeiro do finado Manoel Rodrigues da Silva,/que a 23 de Outubro de 1858, suprocedeu parti-/lhas judiciais

nas terras do Ribeirão de S. Anna/aonde mora o suplicante Themoteo da Rocha Oli/veira, o que consta pela cópia junta, porque/arrancarão o marco posto nas divisas, vem/o suplicante requerer a Vossa Senhoria para que mande por/qualquer oficial de Justiça intimar a/ Themoteo da Rocha vizinho do suplicante e as/testemunhas João Alves Pereira, e a Floriano/Alves Pereira para assistirem a por de o/marco em seu antigo lugar afim de se/evitar dúvidas pelo futuro, e de todo (inelegível)/do o oficial de Justiça passar por certi/dão e ao mesmo tempo ser intimado o refe/rido Themoteo para não continuar com/o rossado (sic.) que está fazendo nas terras do/suplicante, ficando desde já protestado a há/ver do suplicante todos os prejuízos, percas e da/nos. Por tanto em vista do disposto do art. 5/artigo da lei de 15 de Outubro de 1829 o suplicante// Depois de pago o/ (?) desta, seja/(?) a concili/ação no dia 16 do/(?) 10/ de Março de 1868/Horta Canuto. Pa A/S./seja servido deferir (?)/com (?) suplicante cont/tas/E P.J./Firmino José de Almeida. (ACERVO DO LAODH, 2018).

Tal carta foi consultada por Carvalho e Canuto (2002) para a escrita da obra intitulada “Felício dos Santos: história, lendas e costumes”. Ao analisá-la, esses autores disseram:

Valendo-se das prerrogativas que lhe cabiam, o meritíssimo Juiz [Juiz Municipal e Órfãos] determinou que um oficial de justiça fosse até o Ribeirão de Sant’Ana, a fim de proceder as partilhas judiciais das terras em questão. A data determinada foi dia 23 de outubro de 1858. Ocupavam a área de conflito o senhor Themóteo da Rocha e sua esposa que deveriam ser intimados juntamente com as testemunhas João Alves Pereira e Floriano Alves Pereira a fim de resolver com brevidade tais pendências (CARVALHO; CANUTO, 2002, p. 11).

De acordo com essas informações, certificou-se que houve uma contenda nas terras que margeiam o então ribeirão de Santa Ana requerendo, pois, intervenção da autoridade local: o Juiz de Paz. Contudo, embora esse documento seja tomado como o primeiro indício da ocupação humana daquela região, é preciso informar que outros povos ali estiveram em tempos mais longínquos. De fato, toda aquela região era ocupada por grupos humanos autóctones que, à época da invasão europeia, foram pejorativamente chamados de “botocudos”⁸.

Ressalvadas as outras fontes que se perderam, ou foram propositalmente destruídas, não foram encontrados ainda outros registros documentados em papel anterior a esse. Isso permite dizer que o dito documento é um dos primeiros registros sobre a ocupação humana recente em Felício dos Santos e, talvez por este motivo, seja elemento fortalecedor das memórias coletivas dos habitantes dessa comunidade.

Em decorrência das constantes desavenças naquela região, as terras foram sendo cada vez mais disputadas pelos posseiros que por ali transitavam (CARVALHO; CANUTO, 2002). Segundo Carvalho e Canuto (2002, p. 12), a ocupação daquele território “(...) não demorou muito e vários membros da família de sobrenome Veloso decidiram edificar ali seus

⁸ Termo que se refere a alguns dos adornos utilizados por grupos indígenas ocupantes da região. Sobre tais grupos ameríndios ver referência: Mattos (2004).

importantes feudos. E o fizeram estrategicamente, ocupando os quatro pontos do lugar”. Assim, surgiram quatro grandes latifúndios de propriedade dos irmãos Veloso: Fazenda do Tamboril (Figura 4), Fazenda Santo Antônio do Sobrado (Figura 6), Fazenda do Engenho (Figura 9) e Fazenda do Sítio (Figura 5). Juntas elas formavam um quadrilátero latifundiário importante regionalmente, porque estavam situadas num ponto estratégico da região onde se desenvolvia a extração de minerais (sobretudo o diamante): no Arraial do Tejuco.

Figura 4 - Fazenda Tamboril



Fonte: Autor, 2019.

Os principais produtos fornecidos por essas quatro propriedades eram: toucinho, rapadura, milho e derivados, carnes bovinas, suínas e silvestres, gado, leite e seus derivados, aguardente, farinha de milho e mandioca, demais outros (CARVALHO; CANUTO, 2002). As terras menos produtivas se localizavam na Fazenda do Sítio (Figura 5), pois possuía solos pobres em nutrientes, tal como exíguas áreas de lavoura, em relação às outras propriedades.

Figura 5 - Fazenda do Sítio (atual Fazenda TBI)



Fonte: Autor, 2019.

Não apenas o Tejuco era o principal destino das mercadorias, mas também outras regiões eram abastecidas e se tornaram pontos de troca e venda de produtos com os fazendeiros, dentre elas: Rio Vermelho e Coluna (CARVALHO; CANUTO, 2002). A Fazenda Santo Antônio do Sobrado (Figura 6), por exemplo, se destacava como uma das propriedades que mais comercializava gêneros alimentícios na localidade, devido, talvez, à sua proximidade com um dos mais influentes centros comerciais da época: Rio Vermelho.

Figura 6 - Fazenda Santo Antônio do Sobrado



Fonte: Autor, 2019.

Em meados de 1780, segundo Carvalho e Canuto (2002), o domínio dos fazendeiros locais enfraqueceu com a instalação de uma fábrica de objetos produzidos à base de ferro gusa, de propriedade do senhor Ernesto Sena. Com o vertiginoso crescimento das exigências do mercado tejucano, houve a necessidade de criação de rotas comerciais que facilitassem a ligação com os então centros comerciais maiores: Rio Vermelho, Coluna e Serro (CARVALHO; CANUTO, 2002). Essa demanda implicou no fortalecimento do tropeirismo⁹ na região, cujo uso das tropas para o transporte de produtos fez com que aquele povoado se constituísse num local estratégico para os comerciantes da época. Nesse sentido, tudo indica que esse lugar se tornou “ponto de descanso” dos tropeiros em função das condições que ofereciam, pois era próximo aos centros comerciais de então, ademais, permitia a troca de mercadorias entre eles.

Sobre a influência dos tropeiros na edificação desse povoado, Carvalho e Canuto contextualizam:

⁹ Ver referências: Martins (2005, 2006, 2010, 2015); Lopes e Martins (2011).

O fluxo de homens que se aventuravam nessa nova empreitada era cada vez maior e o percurso era efetuado sempre por etapas. Os que vinham de Coluna e Tamboril rumo à Diamantina começaram a arrancar em um lugar até então desconhecido e sem dono. O trânsito entre eles se tornou cada vez mais intenso e aquele pequeno lugar, com fartura de água doce e boa qualidade de terra, passou a ser o objeto de desejo de muitos daqueles corajosos empreendedores, tornando-se, em pouco tempo, importante ponto na rota comercial. A ocupação, dessa forma, foi inevitável e aquele pequeno ponto de convergência dos inúmeros tropeiros tornou-se, então, a próspera Grota Grande, já no fim do século XIX (CARVALHO; CANUTO, 2002, p. 12).

Desse modo, o dito povoado de Grota Grande foi-se desenvolvendo aos moldes dos vilarejos vizinhos e, com o tempo, destacando-se regionalmente. Esse lugar ficou mais conhecido a partir dos pequenos comerciantes Herculano Pena, Cassiano Ricardo, Antônio Bernardo Lopes e Alexandre Lucas que moveram forças para a edificação de uma igreja católica em 1913 e a agregação de localidades já existentes, como: Real, Loronha, Tamboril, Sobrado, Fazenda do Engenho e Sítio (CARVALHO; CANUTO, 2002).

Mas antes da nomeação Grota Grande, o povoado sofreu constantes mudanças de nomes relacionados, de alguma forma, a elementos que o caracterizavam: Ribeirão de Santa Ana: rio local; Campos: comunidade Loronha; Fábrica do Pena: fábrica de ferro gusa; Curral das Éguas e Largo do Arrependido: ambos sitiados na atual sede municipal (CARVALHO; CANUTO, 2002).

Esses autores dizem que o povoado recebeu o nome Felício dos Santos em homenagem à família diamantinense de sobrenome homônimo; nomeação essa que foi imposta com a Lei nº 1039, de 12 de dezembro de 1953. Nesse mesmo ano o então recém-elevado Distrito foi desmembrado do território de Felisberto Caldeira (atual São Gonçalo do Rio Preto - MG) e vinculado à região de Diamantina. Sua emancipação se deu em 1962 com a Lei nº 2764, de 30 de dezembro do mesmo ano, mas o dia oficial de sua instalação como município ocorreu em 1º de Maio de 1963 (CARVALHO; CANUTO, 2002).

Em síntese, o território que atualmente denomina-se Felício dos Santos foi ocupado ininterruptamente por diversas etnias ameríndias a partir do Holoceno Médio. Após o contato com os conquistadores europeus, nos séculos XVII e XVIII, aquelas terras tornaram-se ponto estratégico de pouso de comerciantes tropeiros envolvidos com o abastecimento da atividade minerária corrente na região do então Arraial do Tejuco.

A partir do século XIX, permaneceram nesse lugar alguns descendentes de tropeiros, garimpeiros, fazendeiros e comerciantes que, na segunda metade do Vinte, deram início ao processo de emancipação do Município. Atualmente, Felício dos Santos é habitado

majoritariamente por pequenos núcleos familiares de proprietários de terras que se aglomeraram, sobretudo nas comunidades rurais. Na área urbana, a maioria das famílias é constituída por comerciantes, funcionários públicos e aposentados.

1.3 Sociedade, economia e cultura

Felício dos Santos é um município caracteristicamente rural situado no interior de Minas Gerais, mas com todo o aparato político-administrativo centralizado na sede municipal (Prefeitura e Câmara Municipais, sindicatos, cartório, entre outros). Seu território possui uma população que produz diversificados gêneros alimentícios para a própria subsistência e para o abastecimento dos pequenos comércios locais (vendas, lojas e supermercados).

Genericamente, pode-se afirmar que a área de estudo da pesquisa possui algumas especificidades que aqui serão demonstradas. Para isso é conveniente compará-la estatisticamente com as municipalidades circunvizinhas (Tabela 1).

Tabela 1 - Estatística de municípios confrontantes com a área de estudo

Municípios	Território (km ²)	População (pessoas)	Demografia (hab./km ²)	IDHM (%)	PIB (R\$)
Felício dos Santos	357,622	4.753	14,83	0,606	8.685,36
São Gonçalo do Rio Preto	314,458	3.167	9,72	0,640	9.160,54
Senador Modestino Gonçalves	952,055	4.156	4,80	0,620	8.585,38
Rio Vermelho	986,561	12.846	13,83	0,558	8.255,52
Couto de Magalhães de Minas	485,654	4.410	8,66	0,659	9.966,61
Itamarandiba	2.735,573	34.735	11,76	0,646	10.478,50

Fonte: Autor, 2019. Dados compilados do IBGE, 2019.

Quanto à extensão territorial, os municípios que apresentam equivalência com a área de estudo são: São Gonçalo do Rio Preto e Couto de Magalhães de Minas; ao contrário dos demais que registram escalas acima de 900 km² (Tabela 1). Vale ressaltar que com 357 km² de terras, Felício dos Santos representa 0,0612% do Estado de Minas Gerais e 0,0042% do território nacional (IBGE, 2019).

No tocante ao contingente populacional, estão no mesmo patamar os municípios de Felício dos Santos, São Gonçalo do Rio Preto, Senador Modestino Gonçalo e Couto de Magalhães de Minas possuindo, assim, uma estimativa entre três e quatro mil pessoas (Tabela

1). Vale dizer que o único município que apresenta maior extensão territorial e população é o de Itamarandiba (Tabela 1).

De acordo com o último Censo do IBGE realizado no ano de 2010, Felício alcançou a marca de 5.142 pessoas, porém, no ano de 2018 esse número reduziu para 4.804 e, atualmente, estima-se uma população de 4.753 (Tabela 1). Quanto à demografia, os municípios equiparados são Rio Vermelho e Itamarandiba (Tabela 1). As demais municipalidades variam demograficamente entre 4 e 9 hab./km², conforme demonstrado na Tabela 1.

Referente ao IDHM, pode-se inferir que os municípios vizinhos estão no mesmo patamar registrando entorno de 0,5% a 0,6% de desenvolvimento humano no âmbito nacional. Com a cifra de 0,606%, Felício dos Santos ocupa o 3643º lugar no ranking de desenvolvimento humano entre as municipalidades nacionais e o 718º lugar no Estado de Minas Gerais (IBGE, 2019). Mas se comparado em âmbito nacional, conseqüentemente este Município apresentará dados estatísticos que o colocará em baixa posição quanto ao IDHM (IBGE, 2010; 2017).

A renda per capita ou Produto Interno Bruto (PIB) de Felício dos Santos, Senador Modestino Gonçalves e Rio Vermelho apresenta cifras equitativas, diferenciando, porém, de São Gonçalo do Rio Preto, Couto de Magalhães de Minas e Itamarandiba, registrando números entre nove e dez mil reais (Tabela 1). Tais estatísticas indicam que o Município estudado não destoa da precária situação econômica do nordeste mineiro, pois em comparação com as regiões circunvizinhas os dados mostram uma mesma realidade.

Tudo indica que o setor mais influente no PIB de Felício é o agrícola, em função de ser o mais produtivo, cuja produção se desenvolve, grosso modo, “em grande parte de culturas não permanentes e de pequeno porte, mas existem algumas plantações de café nas vertentes que cercam a região, principalmente nas áreas afastadas das serras de quartzito” (KNEGT, 2015, p. 67). Além da produção de urucum nos últimos anos.

O PIB de Felício dos Santos revela a dificuldade financeira de sua população, pois, em 2016, o salário médio mensal foi estimado em 1.7 salários mínimos indicando, assim, uma patente carência socioeconômica *in loco* (IBGE, 2010). Por outro lado, sugere uma concentração de renda que implica no baixo índice de empregos e quase nulas possibilidades

de empreendimento; fazendo com que a maior parte dos moradores sobrevivam de trabalhos informais.

As famílias carentes complementam sua renda com o Programa Bolsa Família e com a prestação de serviços esporádicos na região. Com pouco território e poucos recursos financeiros, o poder público municipal junto à população vem procurando alternativas político-econômicas para desenvolver o Município e se desvencilhar dos entraves regionais, sobretudo da crise socioeconômica que assola cada vez mais o Vale do Jequitinhonha.

Apesar dos empecilhos enfrentados nessa região, uma das saídas encontradas por seus moradores tem sido a procura por algum emprego nas poucas e pequenas empresas instaladas na sede municipal. Entretanto, a constante emigração para outras regiões, majoritariamente para os grandes centros urbanos, é realidade dos povoados do Jequitinhonha e Araçuaí. As oportunidades de emprego e melhores condições de vida nas cidades grandes é ainda um dos principais alvos almejados pela população jovem. Grande parte desses, após formados na escola pública, migram para centros urbanos como São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e até outros países para encontrar meios de inserção no mercado de trabalho.

Nas últimas décadas, no entanto, parte dessa juventude tem buscado alguma vaga no mercado de trabalho por meio de cursos profissionalizantes, especialmente em universidades públicas, uma vez que a falta de condições financeiras é um fator preponderante naquela região. Esses são, portanto, alguns dos muitos motivos pelos quais a evasão populacional ainda é recorrente naquele Município e, certamente, em toda a região do Jequitinhonha e Araçuaí.

Figura 7 - Escolas públicas de Felício dos Santos



Imagem A) E.M. Santo Antônio; imagem B) E.E. Felício dos Santos. **Fonte:** Autor, 2019.

A educação formal dos moradores locais dá-se por meio de duas redes de ensino: uma em fase iniciatória na Escola Municipal Santo Antônio (Figura 7A) e outra fase fundamental e média na Escola Estadual de Felício dos Santos (Figura 7B) - ambas sediadas na Cidade. O índice de escolarização dos alunos com idade entre 6 a 14 anos do Município é de 97,7% (IBGE, 2010), o que evidencia o alto índice de aproveitamento escolar dos alunos nessa faixa etária.

1.3.1 Produtos da terra: principais fontes de sustento da comunidade

Em função do baixo poder aquisitivo, a população supre suas necessidades básicas com a compra de produtos em supermercados e pequenos comércios da cidade. O setor comercial da comunidade se restringe a pequenos armazéns e banquinhas de feira cujos produtores rurais vendem seus produtos, embora muitos desses venham das grandes redes distribuidoras, como por exemplo, Centrais de Abastecimento de Minas Gerais (CEASA). Contudo, muitos dos moradores da zona rural continuam a cultivar seus próprios alimentos e, quando há fartura, comercializam entre eles e com os comerciantes locais (IBGE, 2019).

Dentre os principais gêneros alimentícios cultivados pelos moradores estão a banana, a abóbora moranga, o alho, o milho, o amendoim, a mandioca, o arroz e o feijão, além da cana para fazer rapadura e o urucum que, nos últimos anos, tem sido muito valorizado (IBGE, 2019). Esse último, segundo relatos da população, é um dos principais produtos exportados pelo Município que, devido sua importância na comunidade, a cidade foi alcunhada de “terra do urucum”. Se por um lado o setor agrícola tem maior representatividade local, por outro, o mesmo não se pode dizer da pecuária que basicamente se resume à pequena criação de gado, galinhas, porcos e, em menor quantidade, de cabritos, cavalos e muares (IBGE, 2019).

As plantações de café nunca deixaram de estar presentes nas terras de Felício dos Santos desde os princípios da formação do povoado, especialmente nas quatro primeiras fazendas ditas anteriormente. Ainda hoje são notórios muitos cafezais nas áreas rurais do Município e juntos a eles podem ser vistos outros tipos de culturas sendo cultivadas como forma de aproveitamento do terreno. Tal ocorrência pode ser vista, por exemplo, nas terras da antiga Fazenda do Engenho (Figura 9). Os grãos produzidos ali ainda são frutos de uma cultura praticada não apenas na área rural, mas em quintais da Cidade (IBGE, 2019).

Outro produto recorrentemente cultivado nessa comunidade é o milho, que há anos funciona como moeda de troca entre os moradores, visto que seu valor está na dieta tanto das pessoas quanto na alimentação de animais domesticados (bois, cavalos, cabritos, galinhas, porcos, outros mais) (IBGE, 2019). A cana-de-açúcar, o feijão, a mandioca, o arroz e a abóbora são alguns dos produtos cultivados de forma concomitante, talvez porque são alimentos básicos, de subsistência para a população (CARVALHO; CANUTO, 2002).

Mais recentemente, a área de chapada de Felício dos Santos tem sido alvo dos plantios de eucalipto que, paulatinamente, vêm adentrando todo o Vale do Jequitinhonha com o falacioso propósito de desenvolvimento socioeconômico regional. Com tal silvicultura, a população vem sofrendo fortíssimos impactos socioambientais que, de um lado, deram novas cores à paisagem da região, porém, de outro, trouxeram consequências danosas no que tange à contaminação das nascentes e impedimento da penetração das águas de chuva, por exemplo.

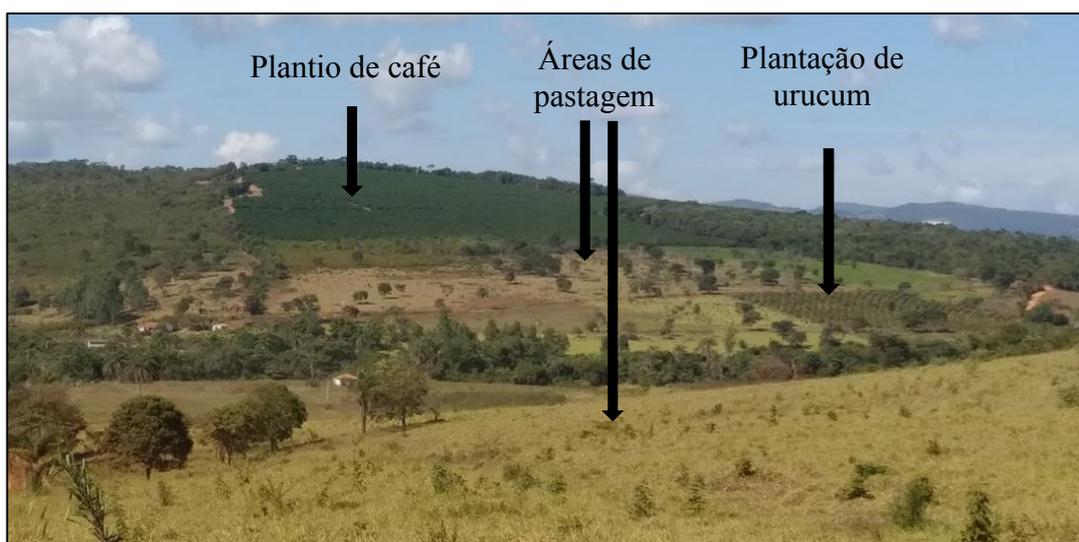
Figura 8 - Plantação de eucalipto às margens da Rodovia MG-317



Fonte: Autor, 2019.

Essa área (Figura 8), onde fora extensa chapada, ainda consiste numa área de recarga das águas de chuva e hábitat de muitas espécies de animais e plantas do cerrado mineiro. Todavia com a introdução da silvicultura, primeiramente do café e depois do eucalipto, esse território se tornou alvo de agravamentos socioambientais que implicam na qualidade de vida da população local e implicações no ecossistema como um todo.

Figura 9 - Plantio de café, urucum e braquiária na antiga Fazenda do Engenho



Fonte: Autor, 2019.

Essa ilustração (Figura 9) permite notar que numa mesma área foram cultivados três tipos de sementes que se harmonizam e dão formas à paisagem daquele lugar. Contudo, sabe-se que para a prosperidade do cafezal é recomendável o uso de adubos, calcário, fertilizantes,

dedetização e muitos agrotóxicos para o controle de pragas que, conseqüentemente, atingem as comunidades que vivem próximas às plantações.

Todo esse quadro produtivo está implantado predominantemente nas pequenas propriedades rurais do Município, onde estão presentes ainda alguns casarões no estilo colonial que, sem dúvidas, refletem traços da cultura portuguesa implantada em Minas à época da Colônia (KNEGT, 2015). Em função dos limites dessa dissertação, são lembrados apenas os produtos explicitados acima, porém, ressalta-se que existem muitos outros que aqui não foram mencionados devido sua baixa representatividade na área pesquisada.

1.3.2 As manifestações culturais do Município

As regiões do Vale do Jequitinhonha, especialmente o Distrito Diamantino, foram alvo do processo de formação territorial impulsionado pela extração de minerais (ouro e diamante) que, além de imprimirem cicatrizes nas inúmeras e diversificadas paisagens locais, fundaram um sincretismo cultural (MORAIS, 2014). De fato, a inumerável quantidade de manifestações culturais celebradas no Jequitinhonha reflete a riqueza de suas comunidades tradicionais e a criatividade de sua gente. Também não se pode deixar de ampliar os olhares para o riquíssimo mosaico de culturas presente em todas as regiões do Brasil que, segundo Morais (2014), é fruto da diversidade étnica marcante no País. Nesta dissertação, no entanto, serão salientadas somente algumas entre muitas manifestações culturais da área de estudo.

Sobre as práticas culturais tradicionais do Município (e região), Carvalho e Canuto relataram:

A questão cultural nem sempre gozou de larga simpatia nessa cidade, pelo menos no que se refere ao poder público, que seria o primeiro responsável pelo seu incentivo. O pouco já vivido em tais terras deve-se, em grande parte, à iniciativa popular através, principalmente, de pequenos artesãos e de algumas raras outras manifestações (CARVALHO; CANUTO, 2002, p. 138).

Nesse sentido pode-se inferir que os incentivos às atividades culturais dessa comunidade são ainda muito tímidos, o que talvez seja justificável pela falta de recursos destinados ao setor cultural ou mesmo pela carência de oportunidades aos produtores de cultura locais. Mesmo assim, muitos moradores parecem dar continuidade às suas tradições

enfrentando todos os tipos de dificuldades, inclusive a falta de apoio da própria sociedade e do poder público municipal.

Não obstante as dificuldades na divulgação de seus produtos culturais, “o felissantista quis, e muitas vezes conseguiu, mostrar a todos, inclusive às próprias autoridades públicas competentes, sua invejável capacidade de criação” (CARVALHO; CANUTO, 2002, p. 138). Como de fato, parece que espírito festivo dessa população nunca deixou de agir mesmo diante os entraves socioeconômicos e políticos que atravancaram a questão cultural do Município.

Nesse último, as manifestações culturais mostram-se mais expressivas por meio das crenças religiosas vinculadas ao calendário religioso, mas também de cunho profano. Assim, as principais festividades cristãs da comunidade são: Folia de Reis, Paixão de Cristo, Procissão da Lapa Santa e, com maior força de expressão, Festa de Nossa Senhora do Rosário (agosto). Outros festejos profanos são igualmente vivenciados pela população cristã local, como: Festa do *Réveillon* (véspera de ano novo); quadrilhas juninas (junho e/ou julho) e Festa do Peão Boiadeiro (julho e/ou setembro).

Esses são alguns dos festejos sacro-profanos que nesse trabalho serão apenas mencionados. Contudo, vale apresentar algumas especificidades da festividade de maior renome e popularidade tanto na comunidade quanto nas regiões circunvizinhas: a Festa de Nossa Senhora do Rosário ou Festa de Agosto.

A respeito da celebração da marujada nos festejos rosalinos, Macedo informa:

Dentre as tradições e festas religiosas, a Marujada recebeu um grande destaque. As narrativas em torno dessa festa revelaram aspectos econômicos, culturais, sociais, religiosos e ainda demonstraram as confluências étnicas entre aqueles que por vezes aparecem como “pobres”, “escravos” ou “negros” e os mestiços (MACEDO, 2017, p. 101).

Considera-se que nas últimas décadas essa celebração, popularmente conhecida como Festa de Agosto, vem perdendo a popularidade para o “Réveillon” e a Festa do Peão de Boiadeiro; contudo, ainda não possui seu lugar de destaque na Cidade em razão da atuação dos devotos (os marujos) (Figura 10) da santa padroeira (BISPO JÚNIOR, 2016).

Figura 10 - Marujada Nossa Senhora do Rosário de Felício dos Santos



Fonte: Autor, 2009.

Com o grupo da Marujada (Figura 10), a celebração de coroamento da santa padroeira (Nossa Senhora do Rosário) é vivenciada com danças dramáticas, cantorias, cafês, almoços, jantares e demais encenações rosalinas¹⁰ em momentos que a população participa e se sociabiliza em atos de religiosidade. De fato são muitas as manifestações culturais expressas ainda hoje no Município, o que torna ainda mais difícil um estudo robusto. Como neste trabalho o foco principal não é uma análise verticalizada dos festejos, mas sim entendê-los em seus contextos, pode-se dizer que possuem forte cunho religioso com elementos profanos, evidenciando assim o sincretismo étnico-cultural que singulariza o Vale do Jequitinhonha.

1.4 Caracterização fisiográfica da área de estudo

Implantado no Alto Vale do Jequitinhonha e Araçuaí, o município de Felício dos Santos situa-se ao Centro-Norte do estado de Minas Gerais, à distância aproximada de 207 km da capital mineira. Sua sede municipal é registrada nas coordenadas geográficas 18° 10' de latitude Sul e 43° 20' de longitude Oeste (Figura 2). Essa região está inserida na bacia do rio

¹⁰ Refere-se às celebrações de coroação de Nossa Senhora do Rosário: padroeira dos marujos e demais grupos de santos devotos.

Araçuaí, cujos afluentes são significativamente influenciados pelas turfeiras¹¹ de serras que são responsáveis pela perenidade de diversos cursos d'água (BISPO, 2013).

O clima da região que engloba a área de estudo é tropical com período seco nos meses de abril a setembro, com precipitação máxima em novembro, dezembro e janeiro e temperatura média de 19,4° C (CPRM, 2004). A vegetação predominante é o cerrado nas porções mais elevadas do Município; mata de galeria nas margens dos cursos d'água e “a paisagem de relevo montanhosa (45%) com feições ondulada (40%) e plana (15%) em menor proporção” (CPRM, 2004, p. 3).

Devido à singularidade fisiográfica da região foi necessária a descrição por tópicos para apresentar os principais aspectos geoambientais da área de estudo, quais sejam: geologia, solo, vegetação, litografia e hidrografia. Nesse ínterim, faz-se oportuno descrever os indicadores naturais da paisagem tratados neste trabalho como marcadores sociogeográficos.

1.4.1 Fisiografia da área de estudo

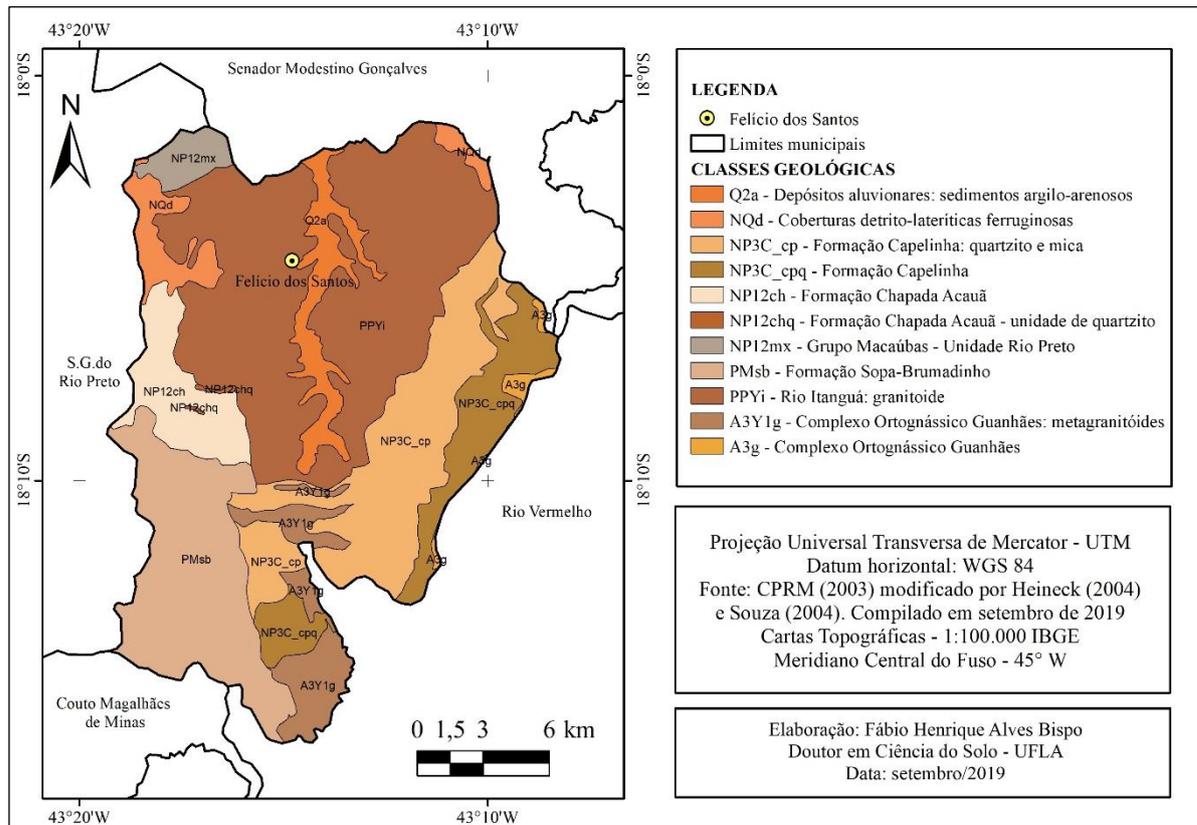
A fisiografia da área da pesquisa, numa escala local, apresenta algumas especificidades em relação aos demais municípios do Vale do Jequitinhonha, especialmente no Alto Araçuaí. Mas cabe ressaltar que se se parte de uma análise mais ampla da região é patente que grande parte dos aspectos geoambientais são caracteristicamente semelhantes.

Antes de tudo, é necessário enfatizar que uma das preocupações da pesquisa consistiu em identificar como os próprios moradores explicam as escolhas e/ou eleições para fixação nestes lugares, principalmente como estas preferências permitiram o estabelecimento de uma paisagem regional enquanto conceito, indo além de explicações deterministas ou funcionalistas.

Ciente disso e com a finalidade de expor as principais classes de rochas da área de estudo, faz-se necessária a identificação de cada uma delas a partir da interpretação do mapa geológico do Município (Figura 11).

¹¹ Turfeiras são Organossolos e resultado da decomposição de vegetais. Para mais informações sobre o assunto ver: COSTA et al., 2003; CAMPOS et al., 2012; SILVA et al., 2013; BISPO, 2013.

Figura 11 - Mapa geológico do município de Felício dos Santos



Fonte: Autor, 2019.

Observando o mapa (Figura 11) pode-se dizer de modo abrangente que a área estudada é espacialmente constituída pelas seguintes classes geológicas: Batólito Itanguá (centro-norte); Formação Capelinha (leste-sudeste) e Formação Sopa Brumadinho (sudoeste). Esses três grupos de rochas sustentam geologicamente os solos do município local predominando sobre as demais formações. Em paralelo pode-se afirmar que essas três bases geológicas estão sobrepostas pelo Supergrupo Espinhaço (paleoproterozóica tardia a mesoproterozóica) exposto pelo Grupo Diamantina – Formação Sopa Brumadinho (PMsb) (CPRM, 2004).

Mas para que se possa entender a geologia da área da pesquisa fez-se a opção por expor e detalhar as classes de rochas tendo como norte a localização de cada uma delas na área de estudo da pesquisa (Figura 11). O Batólito Itanguá ou Rio Itanguá (PPYI) (Figura 11) é o complexo mais preeminente na região de Felício dos Santos se se observa que toda a área centro-norte do município, especialmente às margens do rio Araçuai, assenta-se nessa formação. Arqueologicamente, apesar dos granitoides dessa área não ocorrerem no registro de antes da invasão, nos afloramentos há muitas cicatrizes de retiradas. Infere-se seu uso colonial, sobretudo para feitura de pedras de moinho.

Na região central (Figura 11), mormente na calha do rio Araçuaí, concentram-se grandes quantidades de sedimentos (pacotes sedimentares) que, sem dúvidas, proporcionam ainda hoje o desenvolvimento das principais atividades agrícolas locais. Às margens desse rio, as possibilidades de produção de grãos e sementes, bem como a criação de animais, são maiores devido às condições geoambientais. Vale dizer que tal realidade pode ser aplicada a épocas mais longínquas visto que os vales consistiam em locais propícios à obtenção de alimentos para grupos humanos pretéritos que ali praticavam várias atividades, como: caça, pesca, coleta de sementes, frutos e flores, entre outras (KNEGT, 2015).

Um dado a ser lembrado é o fato de que as bordas do rio Araçuaí são áreas que possuem maior quantidade de povoados locais (Figura 2). De fato a fartura de água potável e solo fértil estão entre os principais indicativos da fixação destes aglomerados humanos às margens do rio durante um longo tempo. Contudo, fatores de ordem social são fundamentais em nossas análises, uma vez que a eleição de comunidades por se estabelecerem em um lugar, vão muito além das potencialidades (naturais) que essa possui (FAGUNDES, 2019a, 2019b; 2020).

A Formação Capelinha (NP3ecp) (Figura 11), predominante nessa área, é formada por quartzito, mica quartzito e quartzo-muscovita xisto e, em níveis discriminados dessa formação (NP3ecpq), compõem-se de mica-quartzito branco e ferruginoso e quartzo-sericita xisto (CPRM, 2004).

Sobre tal formação rochosa, cabe uma observação relevante acerca do turismo de aventura. Nessa região se encontra um dos pontos turísticos mais visitados de Felício dos Santos: a Pousada e Restaurante da Água Quente (Figura 12).

Figura 12 - Pousada da Água Quente

Fonte: Autor, 2019.

Entre os principais atrativos dessa pousada estão as nascentes de águas quentes que são armazenadas num tanque construído para proporcionar o lazer dos clientes (Figura 12). Sobre o lugar, Carvalho e Canuto (2002) relataram que a temperatura média registrada no tanque era cerca de 37° C constantemente, porém com a seca dos últimos anos e devido as mudanças climáticas, houve redução térmica na água.

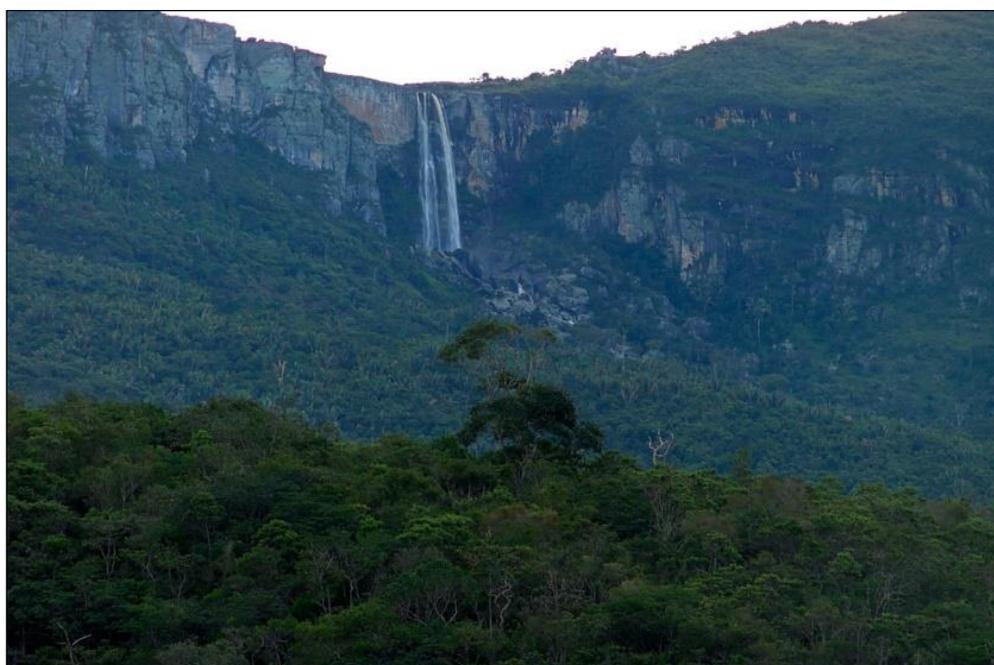
A Formação Sopa Brumadinho (PMsb), situada na porção sul-sudeste do Município (Figura 11), forma-se por rochas metamórficas ou sedimentares como, por exemplo, quartzito, metaconglomerado, hematita filito, metapelito, níveis carbonáticos e fosfáticos. Sabe-se que “(...) os ambientes responsáveis pela acumulação desses depósitos foram, sobretudo fluviais e marinhos costeiros no início da sedimentação (leques aluviais, sistemas fluviais entrelaçados)” (CPRM, 2004, p. 4). Ademais, onde ocorre tal formação rochosa é uma região de grande relevância do ponto de vista da preservação ambiental, uma vez que integra a maior parte da Área de Proteção Ambiental de Felício dos Santos (APA Felício) cuja biodiversidade faunística e florística é marcante.

O Complexo Ortognaísico de Guanhões (A3g) (Figura 11) constitui-se de ortognaisses do tipo TTG, granito, granulito, migmatito, anfíbolito, rochas ultramáficas e intercalações de rochas supracrustais (unidades metavulcanossedimentares) de idade Arqueana (CPRM, 2004). No Guanhões são presentes “intrusões de corpos granitóides pré a sintectônicos representados por tonalito a granito calcioalcalinos e ortognaisses granulíticos

(A3y1), e de granitóide de posicionamento tectônico duvidoso, denominado Rio Itanguá (PPyi)” (CPRM, 2004, p. 4).

A região onde ocorre tal formação geológica possui um grande potencial turístico, sobretudo para o turismo ecológico e radical, haja vista as inúmeras quedas d’água como: rios, cânions, lajeados, cachoeiras, etc., existentes na região. Além disso esse complexo compõe a cadeia de serras denominada Serra do Gavião que contém uma das maiores cachoeiras do Estado de Minas Gerais: a Cachoeira do Sumidouro (Figura 13).

Figura 13 - Cachoeira do Sumidouro



Fonte: Fotografia de Mansur, 2004.

Com um volume constante de água, a Cachoeira do Sumidouro (Figura 13) pode ser avistada por todos aqueles que se aventuram a caminhar pela Serra do Gavião e apreciar a queda d’água de aproximadamente 75 metros de altura. O ambiente do Sumidouro constitui-se de um típico campo rupestre ao topo e está sustentada por uma mata de tipo Floresta Estacional Semidecidual¹² (Figura 13). Sumidouro, segundo os moradores locais, tem origem no desaparecimento das águas na vegetação por cerca de 2 km após sua abrupta descida na escarpa rochosa.

¹² São florestas caracterizadas por apresentar características de caducifolia, perdendo cerca de 20% a 50% das folhas em épocas de seca. O dossel das florestas semidecíduais possui uma média de 20 metros de altura. Mais informações ver: VELOSO et al. **Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal**. IBGE, 1991.

Nessa região, outras cachoeiras servem como fontes de abastecimento de água das comunidades locais e, não há dúvidas, funcionam como elementos de orientação e identificação para muitas pessoas. São inúmeras as quedas d'águas nesse lugar, porém, nesta dissertação serão mostradas as mais populares do Município (Figura 14A, B, C e D):

Figura 14 - Cachoeiras de Felício dos Santos



Fonte: Autor, 2019.

Na porção noroeste da área de estudo (Figura 11), destaca-se o Grupo Macaúbas (NP12mx) que é formado geologicamente por xistos verdes (lava e tufo máficos) de Formação Acauã e da Unidade ou Membro Rio Preto (NP12mx) (CPRM, 2004). Pontualmente, o Macaúbas presente no Município é constituído por “metarritimito (filito quartzo-mica xisto e quartzito) e metadiamicitito, sucedidos por quartzito, sericita filito e quartzo mica-xisto gradados (Formação Chapada Acauã - NP12ch), com níveis de xistos verdes” (CPRM, 2004, p. 4). Nas áreas desse domínio, os solos são rasos e pobres de nutrientes, mas têm sido muito utilizados pelos moradores em função da abundância de gramíneas e diversidades florística e faunística, por exemplo.

Sendo assim, vale dizer da relevância do Macaúbas para as comunidades tradicionais de Felício dos Santos e região em função das qualidades geoambientais que podem ser observadas numa área conhecida como Chapada do Couto¹³ (Figura 15).

Figura 15 - Chapada do Couto (campos de altitudes comuns da região)



Fonte: Fotografia de Knegt, 2015.

Na Chapada (Figura 15), a pecuária e o garimpo foram as principais fontes de renda de parte das famílias que se aventuravam a deslocar seu gado em épocas de seca intensa e garimpar, isto até fins da década de 1990 (KNEGT, 2015). A partir desse lugar “é possível ter ampla visão do vale, abrigos em suas incontáveis formações rochosas, água potável nas muitas nascentes e córregos, além de uma abundante fauna e flora” (KNEGT, 2015, p. 64). Assim, essa região garantia o sustento de várias famílias que sobreviviam de atividades como: criação de bovinos e equinos, coleta de sempre-viva, caça de animais silvestres, entre outras. Porém, com a criação do Parque Estadual do Rio Preto, em 1994, muitas dessas práticas socioculturais foram coibidas, resultando, pois, na retirada dos chapadeiros dos limites da área de preservação integral do rio Preto (MORAIS, 2014).

Os Depósitos aluvionares (Q2a), concentrados no corpo do rio Araçuaí (Figura 11), são formados por sedimentos arenosos e argiloso-arenosos com níveis de cascalho local. Excetuando o Vale do Araçuaí, esses depósitos não são bem desenvolvidos sendo que o “desenvolvimento restrito das aluviões na bacia deve-se à forma de relevo dominante na região, marcada por vertentes com ravinas e vales encaixados que não propiciam a formação de amplas planícies aluviais” (CPRM, 2004, p. 4).

¹³ Região que fazia parte da propriedade do então general diamantinense José Vieira Couto de Magalhães.

A Cobertura detrito-lateríticos (NQd) (Figura 11) é em parte depósitos de colúvio-eluviais e eventuais lateritas com ocorrência em cotas mais elevadas que, de modo geral, são formados de cascalho fino, areia, material siltico-argiloso, porções limonitizadas em finas camadas ou em blocos e concreções (CPRM, 2004, p. 4). Para tais sedimentos é permitido dizer que se originam residualmente pela ação do ciclo erosivo em rochas antigas, que, portanto, implica na desagregação, alteração e laterização (CPRM, 2004). A CPRM caracterizou esses depósitos superficiais como “sedimentos diversificados, tanto na sua composição, quanto na sua distribuição” (CPRM, 2004, p. 4).

Em termos geológicos pode-se considerar que o município de Felício dos Santos, com exíguo território, apresenta unidades litoestratigráficas¹⁴ diversificadas e distribuídas regionalmente.

1.4.2 Os solos do Município

Segundo Lima (2007), os fatores de formação de solos no Brasil são diversos, levando em conta fatores como material de origem, condições climáticas, relevo, tempo cronológico, etc., o que implica também na variedade dos processos de constituição dos solos no País.

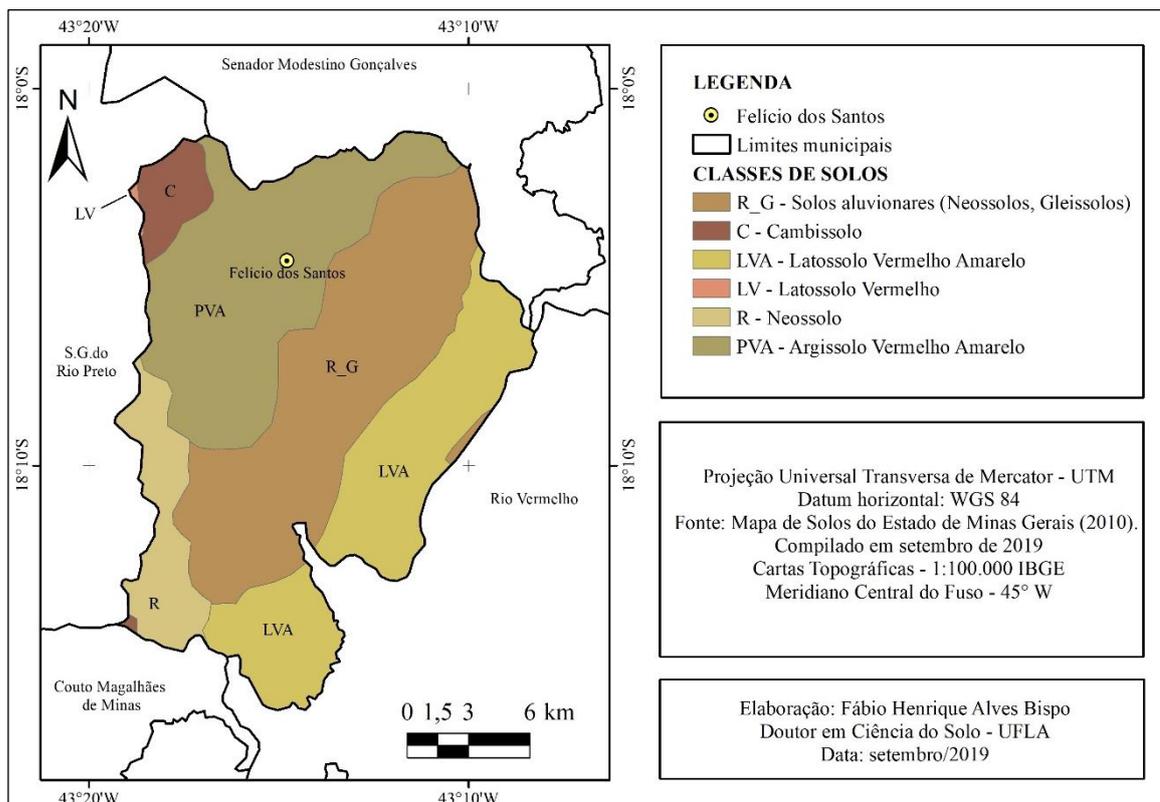
A Fundação Estadual do Meio Ambiente (FEAM) elaborou no ano de 2010 o “Mapa de solos do Estado de Minas Gerais: legenda expandida” que apresenta informações elementares sobre as classes de solos de Minas. Nesse ínterim, essa Instituição revelou que este Estado, até 2010, “não foi objeto de um levantamento sistemático de solos em escala maior que 1:1000.000 que cobrisse todo o seu território” (FEAM et al., 2010, p. 7).

No entanto, nos anos de 1950 e 1960 o Ministério da Agricultura realizou de modo abrangente estudos em várias regiões de Minas (FEAM et al, 2010). Em particular, considera-se também que para o município de Felício dos Santos, e algumas regiões, não há até o momento um detalhamento preciso das classes de solos. Mas, a partir de uma escala menor é possível constatar tipos predominantes de solos da área pesquisada.

¹⁴ Termo da Geologia que se refere a subdivisão da estratigrafia: ciência geológica que estuda os estratos ou camadas rochosas. A camada geológica, na litoestratigrafia, pode ser definida pelas características do solo sedimentar.

A caracterização geológica, com certeza, é uma das principais condicionantes para a identificação dos solos da área da pesquisa. A partir do conhecimento de como cada classe de solo está espacialmente distribuída em Felício dos Santos é possível compreender melhor como se dá o comportamento humano in loco, demonstrando também como os moradores se inter-relacionam com e no ambiente circundante. Portanto torna-se indispensável situar pontualmente os principais solos do Município no mapa (Figura 16):

Figura 16 - Mapa de solos de Felício dos Santos



Fonte: Autor, 2019.

Baseado nesse mapa (Figura 16), nota-se que Felício dos Santos possui seis classes de solos distribuídas regionalmente: Aluvionares (R_G); Cambissolo (C), Latossolo Vermelho Amarelo (LVA), Latossolo Vermelho (LV), Neossolo (R) e Argissolo Vermelho Amarelo (PVA). Sinteticamente, há três solos predominantes no município: Argissolo Vermelho Amarelo (central-norte), Aluvionares (central-nordeste-sul) e Latossolo Vermelho Amarelo (leste-sul).

Os Aluvionares (R_G) são constituídos por Neossolos (solos mais jovens) e Gleissolos (solos com tonalidades acinzentadas) cuja ocorrência se dá principalmente às margens do rio Araçuai (Figura 16). Devido ao fato de sua composição agregar elevado teor de matéria

orgânica e capacidade nutritiva, depreende-se que esses solos condicionam terras férteis destinadas ao cultivo agrícola, por exemplo.

Os Cambissolos (C) são solos com o terceiro perfil ou camada (horizonte B) em processo inicial de formação (Figura 16). Sua ocorrência no Município se dá na porção noroeste, onde a vegetação é típica de chapada (área da plantação de eucalipto - Figura 8).

O Latossolo Vermelho Amarelo (LVA) (Figura 16) pode ser agrupado ao Vermelho (LV), é um solo velho (bastante alterados em relação à rocha de origem) situando-se em relativa profundidade. Semelhante ao Cambissolo, esses dois tipos de solos têm ocorrência na região noroeste da área de estudo, onde há plantação de eucalipto e café (Figura 8).

O Neossolo (R) (Figura 16) é uma classe de solos mais jovens, isto é, em início de formação; sendo localmente formados na porção sudoeste do Município. Segundo Silva et al. (2005), o Neossolo Litólico Psamítico Típico é o solo que predomina na SdEM e se constitui por eventuais cascalhos e sempre associado com afloramentos de rochas metareníticas que também podem vincular-se a Neossolos Quartzarênicos, tendo origem geológica do Supergrupo Espinhado, no período Pré-Cambriano. As regiões onde se encontra esse solo possuem em média altitudes entre 750 a 2002 metros sendo, portanto, ocorrentes em vegetações de tipo campo cerrado, cerrado e campo rupestres (SILVA et al., 2005).

O Argiossolo Vermelho Amarelo (PVA) (Figura 16) caracteristicamente é um solo com acúmulo de argila no terceiro perfil (horizonte B). Assim como os Aluvionares, tais solos prevalecem em maior quantidade no território de Felício dos Santos. Ali os argissolos ocupam uma porção territorial significativa do ponto de vista do uso e ocupação humana pelas populações ali residentes, uma vez que são áreas potenciais para atividades relacionadas à agropecuária devido suas propriedades nutritivas.

A partir da identificação das principais classes de solos pode-se compreender melhor, por exemplo, porque algumas regiões do Município continuam sendo ocupadas pelos moradores e não outras. Outrossim, a localização e distribuição desses solos na área da pesquisa permite argumentar as especificidades e mesmo os potenciais regionais, que têm se mostrado uma área fundamental para a compreensão do povoamento humano no Planalto Central Brasileiro, a título de exemplo (FAGUNDES, 2019a).

Assente ao mapa (Figura 16) observa-se que Felício dos Santos possui relativamente pequenas áreas cultiváveis em função, sobretudo, da predominância de solos com baixo teor nutritivo e poucos investimentos na correção dos terrenos cultiváveis. De fato, ainda hoje se utilizam nas comunidades tradicionais técnicas e ferramentas rudimentares para o manejo do terreno. Atualmente podem ser vistos, em muitos povoados, queimadas descontroladas, uso de machados, foices, enxadas, arados, etc., para o preparo da terra. Outro agravante é a escassez de técnicos e profissionais qualificados, o que resulta na baixa produção e desenvolvimento da agricultura (IBGE, 2019). Por outro lado, tais fatores podem ajudar a Arqueologia sendo que a área não se alterou significativamente durante o Holoceno¹⁵ e permite entender o ambiente e seu uso em épocas mais longínquas (KNEGT, 2015).

Portanto, abundâncias e restrições, possibilidades e dificuldades, todos são conceitos que devem ser trabalhados de forma muito cuidadosa, sob a ótica das comunidades que ocupam uma determinada região.

1.4.3 As serras, os rios e suas potencialidades

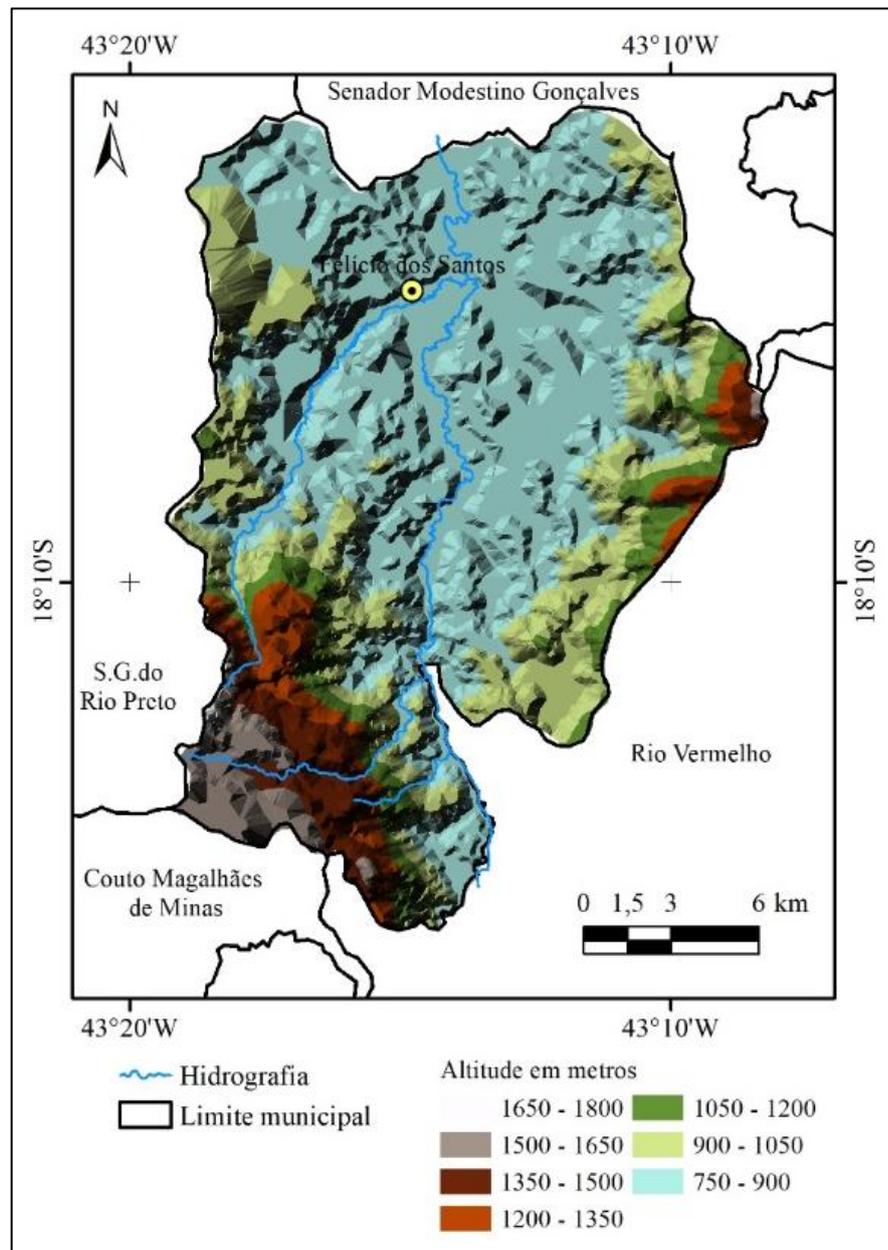
A área de estudo, em termos litológicos, está totalmente implantada no compartimento Serra Negra¹⁶, situada na borda leste da SdEM (Figura 17). Quanto à hidrografia faz-se necessário lembrar que Felício dos Santos é parte integrante de duas importantes bacias hidrográficas federais (Jequitinhonha e Doce), destacando-se a relevância regional da sub-bacia do rio Araçuaí e de seus afluentes.

Inserido na SdEM, o Município é composto por vales, serras, encostas e uma série de atributos fisiográficos que o caracterizam e conferem, desse modo, algumas singularidades que notoriamente são apropriados pelas comunidades. Como exemplo, podemos citar a Serra da Bocaina que na face leste é conhecida como Serra do Miranda (Figura 17). Essa última, embora se trata da mesma região, é muito distinta do relevo escarpado da sua face oposta (oeste): Serra da Bocaina (Figura 17).

¹⁵ Termo que se refere a época do período Quaternário da era Cenozóica iniciada cerca de 11,65 mil anos antes do presente.

¹⁶ Sobre essa região ver referências em FAGUNDES et al., 2012a; 2012b; FAGUNDES et al., 2014a; FAGUNDES, 2019a.

Figura 17 - Mapa de altimetria do município de Felício dos Santos



Fonte: Autor, 2019.

Vale dizer que ao se distanciar do Pico do Itambé (expressivo marco sociogeográfico do Alto Jequitinhonha) podem ser vistas outras serras que compõem o ambiente regional de semelhante importância para as comunidades tradicionais: Serra do Ambrósio, Pedra Menina, Serra dos Dois Irmãos (delimitador intermunicipal) ou Pico Dois Irmãos, localizado no platô da Serra do Gavião (destaque em cinza - Figura 17).

Também é pertinente enfatizar que se se toma como referência apenas a área de estudo pode-se dizer que há dois componentes rochosos que compõem a SdEM: o Complexo da Serra do Gavião e da Serra Negra (KNEGT, 2015). Mas se aprofundar a análise poderá ser

inferido que entre estes complexos estão assentados povoados, distritos e cidades que se intercomunicam.

Apesar das aparentes semelhanças entre a Serra do Gavião e Negra, convém frisar que a primeira integra contiguamente o restante do Espinhaço, ao passo que a segunda é formada por uma fração de serras e picos, não necessariamente direcionada à Cadeia do Espinhaço (KNEGT, 2015). Essa diferença causou grandes impactos na geomorfologia da região, fazendo com que a multiplicidade de serras, picos, morros, córregos, etc., fosse se constituindo um relevo extremamente recortado que dá destaque à paisagem regional, estabelecendo formas e singularidades ímpares ao ambiente. A título de exemplo, têm-se as memoráveis “estradas de terra” que, apesar de precárias, expressam a pluralidade geoambiental da região. Caminhos esses que mudam de tonalidades conforme a alteração geopedológica (KNEGT, 2015) conferindo, assim, originalidade aos lugares.

No Complexo Serra do Gavião (destacado em cinza - Figura 17), pode-se inferir que existe a formação de pelo menos “(...) quatro marcos paisagísticos de maior apelo cênico os quais recebem nomes específicos, a saber: a Serra do Jambreiro, Serra Dois Irmãos, Serra da Soleira e a própria Serra do Gavião” (KNEGT, 2015, p. 60). Essa serra possui grande parte de sua extensão acima de 1.400 metros de altitude, o que propicia a ela um maior destaque no relevo regional (KNEGT, 2015).

O Complexo Serra Negra (sudeste/leste - Figura 17) constitui-se de serras e picos integrantes do Espinhaço que, orientadas na direção SE-NO, “(...) formam um conjunto de marcos geográficos que marca a paisagem, criando feições geológicas que se tornam muito além de um simples acidente geográfico” (KNEGT, 2015, p. 67). Quanto à altimetria (Figura 17), essa serra possui cotas que variam entre 600 e 900 metros que condiciona um clima ameno durante as variações climáticas no Espinhaço Meridional (FAGUNDES, 2014a).

Sobre a pluralidade de nomes dos indicadores naturais e/ou referenciais de Serra Negra, Knegt relata a existência de:

(...) duas Serras Dois Irmãos, dois Picos Dois Irmãos, Pico da Bocaina, Serra da Bocaina, Serra do Ambrósio, também conhecida por Serra Grande. Pico Pedra Menina, Serra da Pedra Menina, Serra do Indaiá, Serra do Jambreiro, localizada onde também se conhece por Serra do Gavião, ou por alguns, Serra dos Dois Irmãos, onde também está o já citado Pico Dois Irmãos e Serra da Soleira, também conhecida como Serra do Gavião (KNEGT, 2015, p. 55).

A miscelânea de nomes é dada pela população que deles faziam e ainda fazem uso para suas próprias necessidades, por exemplo, orientação, autoidentificação, pertencimento, dentre muitas outras funções para além da materialização. Aquelas nomenclaturas ainda hoje são usuais na comunidade e de outras áreas mais longínquas que por ali caminham em direção aos seus destinos. O Pico Dois Irmãos (sul - Figura 17), por exemplo, além de consistir num delimitador natural de municípios (Felício dos Santos e Rio Preto), está situado numa região de interflúvio entre os cursos d'água do rio Preto e Santana, ambos afluentes do rio Araçuaí.

Outro ponto importante que associamos ao estabelecimento humano nesta região são os marcadores sociogeográficos que são elementos fundamentais para o entendimento das ontologias (modo de perceber, ser e estar no mundo) e cosmovisões (a maneira êmica de ver o mundo) da população estudada (FAGUNDES, 2019a; FAGUNDES et al., 2019b). A título de exemplo, ao leste/sudeste de Três Fronteiras um marcador sociogeográfico está representado pela suntuosidade da Serra da Bocaina (ou Miranda), formada por camadas de quartzito orientadas para leste, talhadas por planos de fratura verticais onde, mesmo com alguns abrigos rupestres, não possui evidências de ocupações humanas (FAGUNDES et al., 2020). A Serra da Pedra Menina também se destaca como um indicador sociofisiográfico, devido servir de referência regional, assim como a Serra Dois Irmãos e a Serra do Ambrósio (nordeste), cuja relevância como área geográfica da SdEM, berço de várias espécies endêmicas (FAGUNDES et al., 2020).

Diante disso tudo, conclui-se que Felício dos Santos é representado pelo Planalto do Jequitinhonha e Serra do Espinhaço (unidade do Planalto Atlântico) onde são comuns os “mares de morros” com formações típicas de “meias-laranjas” e “pães-de-açúcar”¹⁷. Referente à altimetria, podem ser notadas cotas variadas entre 750 a 900 metros (Figura 17), excetuando o Pico Dois Irmãos (1825m), condicionando assim um clima tropical com temperatura média de 19° C, comum também às regiões próximas.

A diversidade une muito mais que a semelhança e, muitas vezes, ela nem mesmo é percebida (INGLOD, 2019). Nesse sentido, as serras e a topografia individualizam lugares e, ao particularizá-los, estabelecem relações de diferenças entre grupos, ao mesmo tempo em que fortalecem as negociações, alianças e trocas. As comunidades se apropriam e entendem de formas particulares dessa fisiografia sendo que a topografia é um dos marcadores que as singularizam e concebem fronteiras (culturais). Como dito, essas relações sociopolíticas

¹⁷ FELÍCIO DOS SANTOS. Plano Diretor Participativo: Relatório Final, 2009.

acabam por serem fundamentais para os aspectos da vida e reafirmam as diferenças entre esses grupos; fundamentais para as alteridades e identidades regionais (INGOLD, 2019).

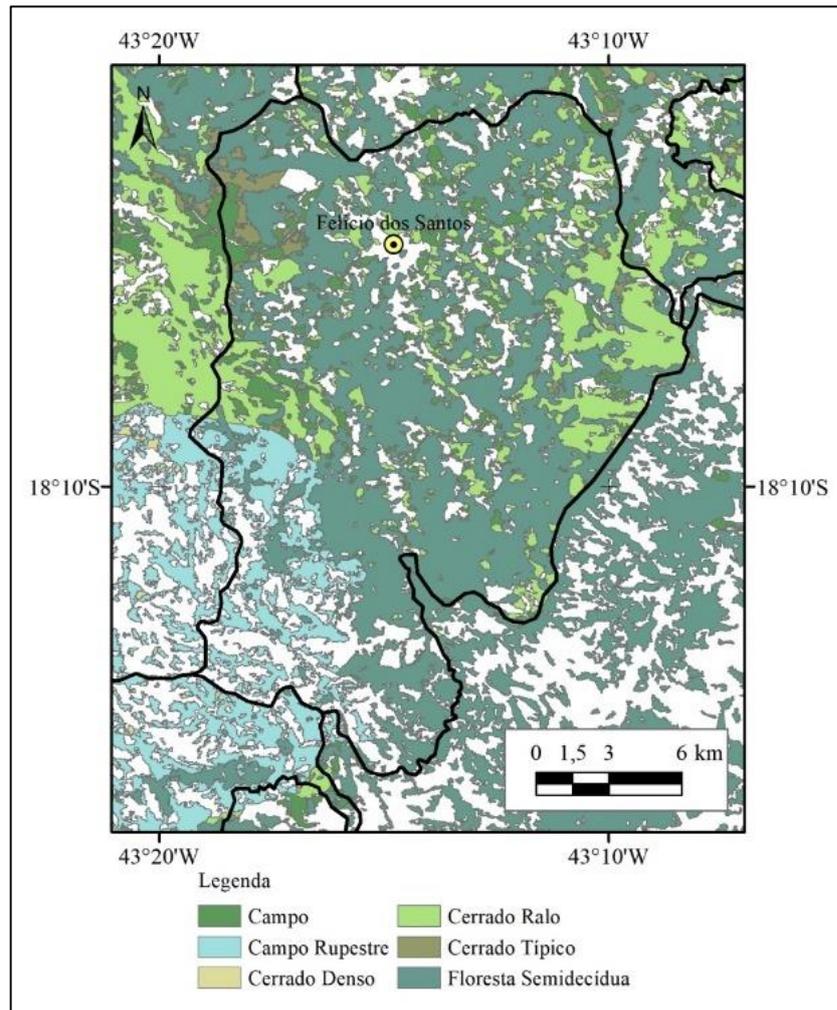
1.4.4 A vegetação da área de estudo

Minas Gerais possui amplas riquezas naturais com fisiografia ímpar e os mais variados aspectos vegetacionais nos quais são destacadas fitofisionomias de três biomas tipicamente brasileiros (Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga) que caracterizam os vários municípios que compõe o Espinhaço Meridional, dando formas e especificidades ao ambiente regional.

Em função da rica biodiversidade, o mosaico de áreas protegidas da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço (RBSE) vem despertando a curiosidade e o interesse de muitos estudiosos desde início do século XIX, haja vista as expedições científicas da Europa para o Brasil, sobretudo para Minas Gerais, nesse período. Homens como Carl Friedrich Philipp von Martius, Johann Baptist von Spix, Georg Heinrich von Langsdorff, Ludwig Riedel e Auguste de Saint-Hilaire foram alguns dos naturalistas estrangeiros a explorarem a Serra do Espinhaço e a revelarem a diversidade da flora mineira (VIANA et al., 2008).

Atendo-se apenas ao Município estudado, pode-se afirmar que neste lugar predominam biomas com fitofisionomias típicas do Espinhaço (Mata Atlântica e Cerrado), que se associam devido situar-se na borda leste do SdEM.

Considera-se, ainda, que há pelo menos seis tipos fitofisionômicos evidentes na região de Felício dos Santos: Campo, Campo Rupestre, Cerrado Denso, Cerrado Ralo, Cerrado Típico, Floresta Estacional Semidecídua, como será demonstrado no mapa (Figura 18).

Figura 18 - Mapa da vegetação de Felício dos Santos

Fonte: Autor, 2019.

Consoante o mapa (Figura 18), Felício dos Santos apresenta uma vegetação típica de Floresta Estacional Semidecídua, pontualmente nos vales, e de Cerrado; ambos possuem formações vegetacionais que se entrelaçam formando um ecótono¹⁸ (KNEGT, 2015). Isso indica que as possibilidades de vida ali existentes são relativamente maiores que outras regiões mais áridas e com maior escassez de água, de alimentos e outras provisões. Uma das explicações para tal fato são as áreas de florestas decíduas onde existem maiores disponibilidades de recursos, sendo que a diversidade de substratos das florestas integra inúmeras fontes de alimento que podem ser usufruídas pelos humanos (KELLY, 1983 *apud* KNEGT, 2015). Somado a esse fator, nessas florestas há maior quantidade de animais de pequeno porte e isso a transforma em ambientes mais atrativos que as savanas (KELLY, 1983 *apud* KNEGT, 2015).

¹⁸ Ecótono é uma área de transição ambiental que, no caso particular, é uma região resultante do contato entre dois biomas fronteiriços: Cerrado e Mata Atlântica.

Arqueologicamente, vale lembrar que as comunidades de Felício dos Santos onde estão implantados os sítios arqueológicos situam-se em regiões de fragmentos de florestas semidecíduais. As características geoambientais presentes nesses lugares fazem com que eles se tornem alvos de interesse para a preservação ambiental de parte da RBSE, devida sua ampla diversidade de recursos hídricos, faunísticos, florísticos, tal como pelo potencial arqueológico, turístico e outros mais.

Em decorrência dessas riquezas, o Alto Araçuaí se tornou alvo de empreendimentos desde o século XVIII com a extração de pedras preciosas, como o diamante e o ouro. Atualmente, sabe-se que imensuráveis espécies da flora e da fauna brasileira presentes ali ainda não foram catalogadas (VIANA et al., 2008). Inserido nesta região, Felício dos Santos se constitui uma área com tipos fitogeográficos de outros biomas que, com efeito, proporciona ambientes com propriedades tanto das florestas como dos campos, onde também as comunidades se adaptam e constroem seus modos de vida e sua cultura.

A única região que apresenta sinais característicos de Campo Rupestre localiza-se ao sul e sudoeste do Município; contudo, são predominantes os fragmentos da Floresta Semidecídua abrangendo quase toda a extensão territorial do lugar (Figura 18). De forma menos aparente, o Cerrado Típico confere um tom peculiar à região em razão de integrar características fitogeográficas do Cerrado (Figura 18).

A porção municipal cuja evidência da transição ambiental (ecótono) localiza-se no extremo sudeste/oeste (Figura 18) do Município, onde se situam as bacias hidrográficas (Jequitinhonha e Doce) e com elevado grau de endemismo florístico e faunístico (VIANA et al., 2008). Ecótono que, geograficamente, situa-se no Complexo Serra Negra dos quais a Serra da Bocaina ou Miranda ou ainda Indaiá e a Serra da Pedra Menina são componentes.

Em 2008 um grupo de botânicos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) realizou estudos em Felício dos Santos, particularmente na região da APA Felício. Desse trabalho foi produzido o “Relatório Técnico: Aspectos da vegetação da APA Felício”. A APA está integralmente situada na área estudada possuindo uma extensão de 11.476 ha sendo que 3.623 ha (31,57%) dessa é reservada à preservação e à conservação da vida silvestre (VIANA et al., 2008). Implantada ao sul e sudoeste deste lugar, a reserva ambiental fica na zona de transição entre os biomas Mata Atlântica e Cerrado (IBGE, 1993), onde são encontrados tipos fitofisionômicos como: Campos rupestres, Cerrado *Sensu Stricto* e florestais (VIANA et al., 2008).

Segundo o Atlas de Conservação da Biodiversidade em Minas Gerais, a APA Felício faz parte de uma região eleita como espaço prioritário para conservação de espécies de animais e plantas, tal como para a preservação do próprio ambiente (DRUMMOND et al., 2005 *apud* VIANA, 2008, p. 3). Tal afirmação evidencia os aspectos geoambientais que essa área possui para as comunidades (e ao entorno), também, para a RBSE devido ser rica em biodiversidades florística, faunística, etc.

Cabe dizer, no entanto, que toda essa região carece de estudos mais sólidos nos diversificados ramos científicos, tendo em vista suas potencialidades materiais e imateriais que precisam ser exploradas com muita sensibilidade, cuidado e responsabilidade. Não obstante a carência de estudos sobre a APA Felício, a equipe de botânicos da UFMG encontrou algumas espécies endêmicas e ameaçadas de extinção na Floresta Semidecidual regionalmente conhecida como Mata do Isidoro (Figura 19).

Figura 19 - Mata do Isidoro



Fonte: Autor, 2020.

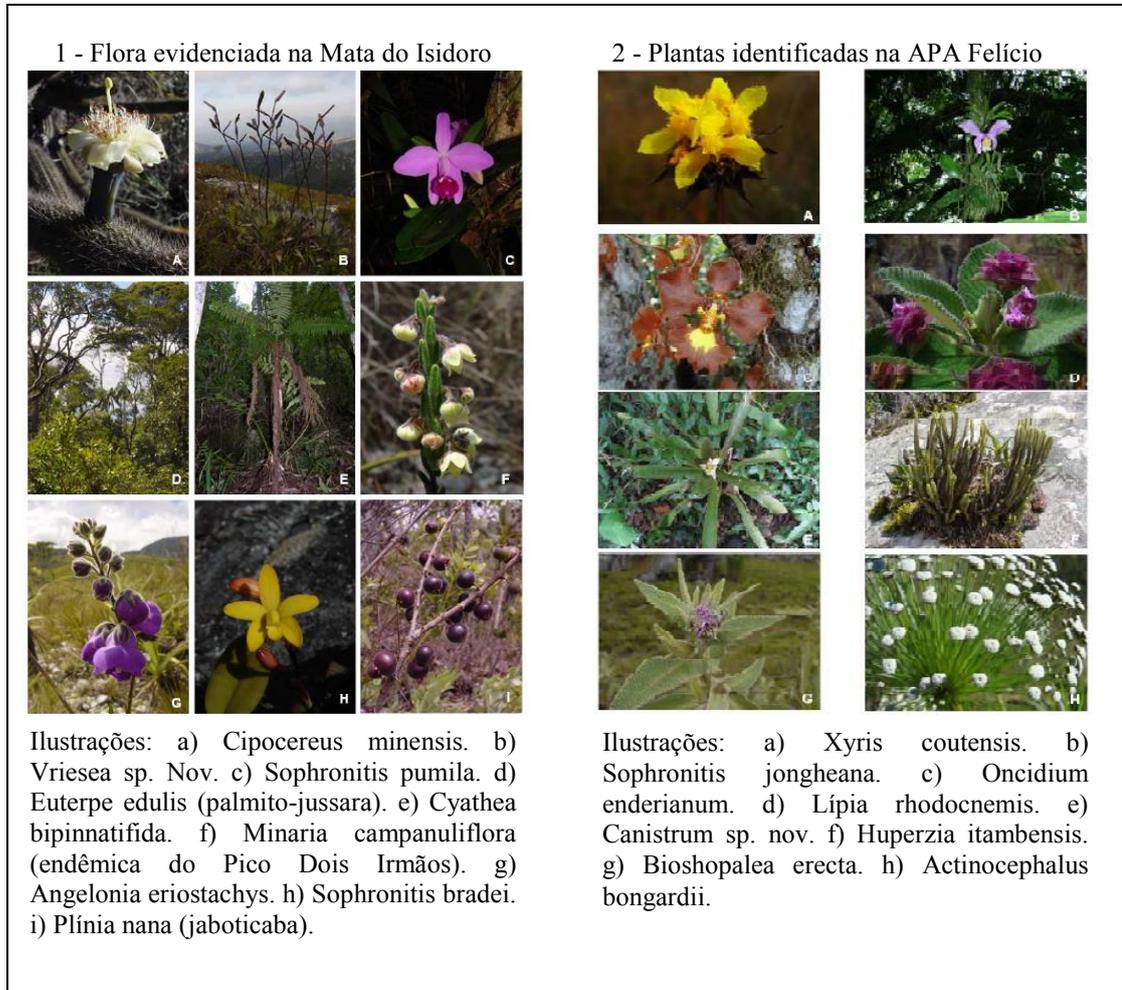
No Isidoro (Figura 19) foi registrado “(...) um elevado número de espécies típicas de formações mais úmidas da Mata Atlântica, como Serra da Mantiqueira e do Mar” (VIANA et al., 2008), o que revela sua importância para toda a região, inclusive, para a biota mineira. Ciente da relevância arborística dessa floresta para o contexto ambiental, Viana et al. dizem:

A Mata do Isidoro compreende um importante fragmento florestal em termos de biodiversidade vegetal e animal, além de ser uma área extremamente importante no contexto biogeográfico. A manutenção da integridade deste fragmento florestal é estratégica no sentido de ser fonte responsável pela reposição natural de centenas de espécies vegetais típicas da Mata Atlântica na região (VIANA et al., 2008, p. 9).

Assente ao trecho fica claro que o Isidoro (Figura 19) representa uma área de preservação significativa para a APA Felício, haja vista as muitas espécies típicas catalogadas

pelos botânicos nesse lugar que, inclusive, são ainda recorrentemente utilizadas pela população. Não obstante a variedade de espécies identificadas, nessa dissertação foram abordadas apenas algumas delas (Figura 20):

Figura 20 - Espécies de plantas identificadas na APA Felício



Fonte: Autor, 2019. Adaptado de Viana et al. (2008).

Além dessas plantas (Figura 20), foram evidenciadas algumas espécies endêmicas que, ainda hoje, são muito utilizadas em ornamentações de jardins, casas, lojas, quintais, etc., pelas comunidades tradicionais. Exemplo cabal são as orquídeas *Sophronitis pumila* e *jongheana* e *Oncidium enderianum* (Figura 20) cujo elevado valor ornamental as tornam tão desejadas, inclusive pelos comerciantes clandestinos. Outras plantas presentes ali são as bromélias (*Andrea selloana*, *Vriesea monacorum*, *Vriesea bituminosa*); epífitas de cactos (*Rhipsalis elliptica*, *Lepismium* spp.); gesneriáceas (*Nematanthus crassifolius*, *lanceolatus*), e as espécies

de bambus escandentes (*Merostachys fischeriana*, *Chusquea attenuata*, *Aulonemia aristulata* e *Eremocaulon setosum*¹⁹) (VIANA et al., 2008) (Figura 20).

Dentre as espécies catalogadas, destacam-se algumas de uso corrente por muitos moradores de Felício (e região), por exemplo: palmito-jussara (*Euterpe edulis*) (Figura 20): ingrediente da culinária de muitas famílias da região; o ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*) (Figura 20): árvores vistas em pastagens, jardins, florestas, etc., e muito utilizada em móveis; jacarandá-caviúna (*Dalbergia nigra*) (Figura 20): madeira para móveis e braúna (*Melanoxylon brauna*) (Figura 20): usada em cercados de propriedades rurais. Tais plantas são ameaçadas de extinção em função de suas qualidades ornamentais, valorativas, culturais, simbólicas, demais outras, que fazem parte do universo sociocultural daquela comunidade.

Toda essa diversidade florística da APA Felício, sobretudo na Mata do Isidoro (Figura 19), evidencia a importância dessa área tanto para a comunidade de Felício dos Santos (e região) quanto para a biota mineira. Assim, depreende-se que sua relevância remonta a épocas mais longínquas, se entendido que diversos grupos ameríndios estiveram nesse território e nele se estabeleceram ao longo do tempo.

Tudo isso tenciona para o estabelecimento de mecanismos e instrumentos para a preservação, conservação e salvaguarda dessa região que integra não somente as áreas de preservação, mas também o Parque Estadual do Rio Preto, dentre outras. Mas para isso devem-se mover forças conjuntas com órgãos públicos e os principais beneficiários desse ambiente: as comunidades tradicionais. Com a criação da APA Felício²⁰, em 2003, certamente foi um passo importante nesse sentido, visto que tem garantido a proteção de lugares estratégicos ecologicamente em reação aos ataques de empresas extrativistas ilegais, ao combate de incêndios criminosos e ao controle de queimadas recorrentes.

Conclui-se, então, que, embora o Alto Araçuaí possua uma vegetação predominante, evidenciou-se tipos fitofisionômicos particulares. Com uma escala específica para a área pesquisada inferiu-se que a região caracteriza-se pela biodiversidade florística e faunística devido à presença de ecótono. Nesse sentido, os atributos geoambientais desse lugar

¹⁹ Espécie de bambu endêmica da região e a primeira vez encontrada em Minas Gerais pelos pesquisadores científicos.

²⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE FELÍCIO DOS SANTOS. Criação da APA Felício pela Lei nº: 502 de 24 de março de 2003. Felício dos Santos/MG, 2003.

condicionaram o estabelecimento de indicadores naturais (marcadores sociogeográficos) dinâmicos que emergem nas múltiplas formas inter-relacionais dos moradores com seu meio.

1.5 Marcadores sociogeográficos do Município

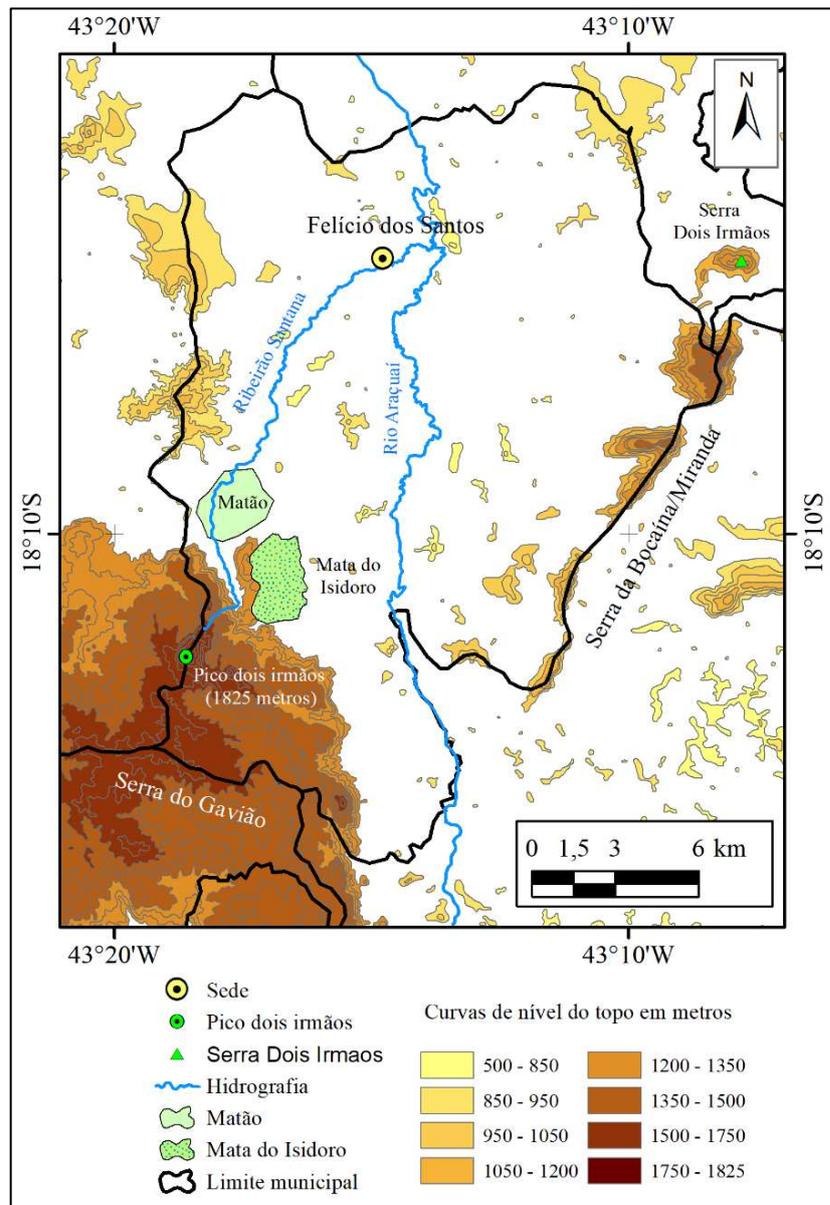
É sabido que grupos humanos desde tempos remotos se orientam pela fisiografia do ambiente, como: cursos d'água, serras, matas, árvores e uma imensurável quantidade de elementos que, conforme Fagundes (2019a; 2019b), denominaremos de marcadores sociogeográficos.

Entende-se por marcadores sociogeográficos o conjunto de características referenciais que se relaciona à união da fisiografia, de elementos artificiais (signos) e das relações êmicas que as comunidades estabelecem (símbolos) (FAGUNDES, 2019a; 2019b). Em síntese, são indicadores sociofisiográficos característicos da fisiografia de uma região que devido às suas qualidades acabam por fornecer orientação referencial, identidade e alteridade aos seus portadores, de forma tal que se permita o estabelecimento de lugares relacionados às ontologias próprias, aos espaços socioprodutivos, sagrados, uma vez que o meio é um pré-texto pelo qual humanos são capazes de expressar suas ideias no tempo-espaço e materialidade (FAGUNDES, 2019a).

Dessa forma, os elementos fisiográficos mais influentes como os cursos d'água, as matas, as serras são, portanto, os marcadores sociogeográficos de Felício dos Santos que a partir de percepções, inter-relações, negociações e outras características da vida, constituem os lugares que compõem a paisagem regional entendida como uma construção cultural.

Esses marcadores, ao que tudo indica, foram estabelecidos como tais tendo em vista suas qualidades, valores, sentidos, etc., como por exemplo: visibilidade, usos socioprodutivos, funções ontológicas, simbólicas, sagradas, materiais e imateriais, entre outros. Nesse ínterim, faz sentido identificá-los espacialmente no mapa (Figura 21) para assim caracterizá-los e evidenciar os possíveis motivos de seu estabelecimento como elementos identitários, de orientação, memória e alteridade.

Figura 21 - Localização dos marcadores sociogeográficos do lugar



Fonte: Autor, 2019.

Apoiado nesse mapa (Figura 21) pode-se inferir que são três os elementos sociofisiográficos da área estudada, quais sejam: os rios, as serras e as matas. Esses marcadores, de uma forma ou de outra, são tão inerentes à vida das pessoas, tão comuns ao cotidiano delas que a simples verbalização nem sempre traduz sua importância para as comunidades.

Para desvencilhar das possíveis armadilhas com respeito ao preestabelecimento dos marcadores sociogeográficos do lugar, torna-se, então, imprescindível caracterizá-los demonstrando os principais atributos de cada um, a fim de entender o processo de estabelecimento desses indicadores pela população estudada (Quadro 2).

Quadro 2 - Principais marcadores sociogeográficos do Município

Indicadores naturais	Marcadores sociogeográficos locais
1 – Rios	Araçuaí e Santana
2 – Serras	Dois Irmãos; Gavião e Bocaina/Miranda
3 – Matas	Isidoro e Matão/Jambreiro

Fonte: Autor, 2019.

Em função de seus atributos socioespaciais, presume-se que esses indicadores naturais são estabelecidos como marcadores sociogeográficos devido conferir orientação, identidade, memória, alteridade e sentido à vida dessa população, como será demonstrado pelos relatos dos sujeitos investigados. A hipotética predileção por esses e não por outros indicadores sem dúvidas é o principal motivo pelo qual não foram mencionados outros tantos que também funcionam como elementos referenciais daquela comunidade. Dessa maneira, não deixa de ser importante discorrer sobre tais marcos destacando, pois, seus atributos sociofisiográficos e dinâmicos:

- 1) **Os rios:** o Araçuaí é o principal curso d'água que traceja o território felissantista no sentido norte-sul; ribeirão Santana: afluente da margem esquerda do primeiro e com esse se funde em direção a Senador Modestino Gonçalves (Figura 21). A confluência de tais rios é simbolizada na bandeira de Felício dos Santos constituindo, assim, distintivo identitário e de alteridade daquela sociedade. Sabe-se que a hidrografia de uma região é vital à vida, não apenas por garantir a sobrevivência dos seres vivos, mas também por dar orientação e sentido ao mundo das pessoas. De fato, esses rios fazem parte da vida dos moradores locais dada sua localização, uso de força motriz, hidratação de animais, irrigação de plantios, demais outros usos materiais e imateriais.
- 2) **As serras:** a Serra Grande ou Pico Dois Irmãos possui formato de “V” no sentido NO-SO da área da pesquisa e lembra duas pessoas ou dois irmãos em parêntese; Serra do Gavião constitui-se de um conjunto contínuo de serras que forma o Espinhaço Meridional; Serra da Bocaina recebeu tal nome devido figurar a forma de “boca”, ao passo que o Miranda advém do sobrenome de um morador daquela região, segundo relatos locais (Figura 21). É patente uma toponímia quando se refere a essas serras.
- 3) **As matas:** a Mata do Isidoro é uma Floresta Estacional Semidecidual situada na APA Felício (Figuras 19 e 21) que possui certa relevância local devido seu contexto sócio

histórico. Seu nome origina-se com o senhor Isidoro: um negociador de pedras preciosas, sobretudo diamantes, na região do Distrito Diamantino. Esse homem fora tido como contrabandista e por isso fora perseguido refugiando-se naquela floresta com um grupo de garimpeiros para dar continuidade ao contrabando e proteger-se dos mandatários da Coroa Portuguesa (SANTOS, 1976). Isidoro foi procurado pelo Intendente dos Diamantes, Manuel Ferreira da Câmara, e por esse preso, torturado e morto no Tejuco em 1809 (SANTOS, 1976). O Matão é uma floresta interceptada pelo ribeirão Santana que, por vezes, é denominada localmente de serra do Jambreiro devido sua localização no povoado homônimo (Figura 21).

Tais marcadores sociogeográficos são muito além de pontos de referência (localização) para a maioria dos moradores de Felício dos Santos e região. Não deixam de ser, portanto, lugares e elementos nos quais as pessoas encontram fragmentos de suas identidades a partir das interações que estabelecem com esses indicadores naturais dinâmicos e com o próprio ambiente.

Observando o mapa (Figura 21), percebe-se que tais indicadores sociofisiográficos se situam predominantemente nas áreas limítrofes do Município, o que pode implicar no modo como os habitantes daquela sociedade se orientam, auto identificam, valorizam e conferem sentidos à sua própria existência, bem como organizam suas tarefas cotidianas, rituais, simbólicas, etc. Observações essas que permite inferir que aqueles marcadores sociogeográficos são distintivos centrais para o entendimento das inter-relações estabelecidas entre as pessoas e o meio na comunidade investigada.

CAPÍTULO 02 - CAMINHOS METODOLÓGICOS

Morais (2014) atesta que para a realização de uma pesquisa é imprescindível a formulação clara de um problema, dos objetivos, bem como do plano de coleta e análise dos dados. Isto posto, o norte metodológico escolhido para essa dissertação foi o hipotético-dedutivo que, por sua vez, conforme Gil (1993), centra-se numa problematização para a partir dela construir uma ou mais hipóteses e, por meio do processo dedutivo, testar se os fenômenos ocorrerão.

A pesquisa foi organizada em etapas cujos procedimentos metodológicos foram:

- (I) Revisão da bibliografia;
- (II) Reconhecimento da área a ser pesquisada;
- (III) Consultas arquivísticas;
- (IV) Aplicação de questionário elaborado (APÊNDICE B);
- (V) Entrevistas semiestruturadas (gravadas digitalmente);
- (VI) Cartografia da área de estudo (usos, ocupações e construção dos lugares e das paisagens).

2.1 A revisão bibliográfica

Segundo Trentini e Paim (1999), a excitação ao pensamento e a formulação de um questionamento de pesquisa científica deve ter como base metodológica a revisão da bibliografia sobre a temática escolhida. Dessa forma, a revisão bibliográfica consiste numa etapa que permite atingir os objetivos propostos dessa dissertação, uma vez que compõe-se de abordagens específicas ao estudo e entendimento das inter-relações entre os moradores de Felício dos Santos e seus ambientes constituídos paisagens. Assim, a revisão da bibliografia foi feita de acordo com os seguintes eixos direcionadores:

- **A Serra do Espinhaço e suas implicações na borda leste meridional:** Knegt (2015); Morais (2014); Velloso e Matos (1998); Saadi (1995) e Fagundes (2019a).
- **Das ocupações humanas da área estudada aos dias atuais:** Carvalho e Canuto (2002); Macedo (2017); Morais (2014); Knegt (2015) e Bispo Júnior (2016);

- **Caracterização da área da pesquisa:** Bispo et al. (2013); Knecht (2015); Fagundes et al. (2014a e 2019a); Moraes (2014); Lima (2007); Silva (2005); Viana et al. (2008).

Vale ressaltar que essa bibliografia citada foi o norte inicial para a escolha das outras referências empregadas nessa dissertação de mestrado.

2.2 O reconhecimento da área de estudo da pesquisa

Para o reconhecimento da área da pesquisa fizeram-se necessárias análises de mapas cartográficos, imagens de satélite, cartas topográficas e documentação arquivística que, respectivamente, foram consultados em Plano Diretor Participativo de Felício dos Santos; Folha Rio Vermelho e LAODH. Concomitante a isso, foram relacionadas as informações coletadas com os conteúdos cursados nas disciplinas do curso de Pós-Graduação em Ciências Humanas da UFVJM que, portanto, implicou na compreensão do universo sociocultural e geográfico do Município estudado.

Com efeito, o maior desafio nessa etapa foi o reconhecimento da área onde se realizou a pesquisa, pois a literatura sobre tal região continua sendo escassa. Porém, foi possível concluir esta fase por meio de interpretações e contextualização de dados obtidos em banco de trabalhos acadêmicos da UFVJM, bem como por informações documentais, cartográficas, imagéticas, relatos orais, entre outros.

2.3 As entrevistas

Para a aproximação e o estabelecimento de diálogos com a comunidade estudada foi escolhida a aplicação de alguns preceitos metodológicos da História Oral, que permite o emprego de metodologias qualitativas em função de resgatar a memória, história, cultura, enfim todo o conjunto sociocultural de uma sociedade (MORAIS, 2014). Corroborando com essa afirmativa, Thompson (1992) assegura que os métodos de Ciência têm como foco o resgate das experiências do sujeito pesquisado num dado momento de sua vida pessoal.

A entrevista semiestruturada eleita para este trabalho tem fundamento na concepção de Bailey (1982) que diz haver uma combinação de questões abertas e fechadas permitindo,

dessa forma, que o sujeito entrevistado discorra sobre o assunto sem que seja direcionado à resposta pré-determinada. Além do mais, esta categoria de entrevista tem como norte a elaboração de um roteiro com questões sobre o tema que, por sua vez, será explorado pelo pesquisador no decorrer do processo investigativo (GIL, 1993).

Com base nestes preceitos, a pesquisa centrou-se na aproximação da comunidade estudada de modo que fosse possível investigar o universo sociocultural dessa sociedade para compreender o processo inter-relacional da mesma a partir dos relatos orais, experiências de vida, práticas socioculturais e outras formas materiais e imateriais de ver e estar naquele ambiente.

É importante frisar que a entrevista semiestruturada valoriza tanto a presença do pesquisador como proporciona ao informante certa liberdade e espontaneidade durante a entrevista e, com isso, enriquece o processo investigativo (MORAIS, 2014). Sendo assim, a principal função do investigador é a de catalisar o entendimento, a percepção, os sentimentos, os valores, enfim, a visão de mundo do entrevistado acerca das questões direcionadas a ele (SELLTIZ et al., 1974).

Contudo, as metodologias aplicadas a coleta de dados dos testemunhos orais de certo modo trazem algumas armadilhas que devem ser levadas em conta no momento de análise dos conteúdos das entrevistas. A esse respeito, Queiroz alerta:

(...) todo registro de uma história de vida, mesmo quando hoje é feito por intermédio do gravador, desliga-a do contexto em que se deu a entrevista; e esta falha é mais grave se a entrevista teve lugar fora dos lugares em que o informante habita ou trabalha (QUEIROZ, 1988, p. 26).

Então, deve-se sempre considerar o lugar em que o entrevistado se encontra para tecer conclusões a respeito de suas falas, uma vez que o espaço de onde ele elabora mentalmente suas respostas nem sempre é um local libertário, espontâneo. Por isso é sumariamente importante escolher um ambiente estratégico para a realização da entrevista considerando sempre a disponibilidade de tempo e condições do sujeito investigado.

Assente a tais preceitos, a seleção dos lugares das entrevistas teve como critério a vontade do próprio entrevistado, o horário adequado e as condições para que no momento do diálogo não houvessem interrupção de agentes externos e indesejáveis ruídos. Desse modo, os locais escolhidos foram: ambiente domiciliar (moradores das comunidades rurais); residências (habitantes da Cidade) e local de trabalho (representantes de cargos públicos).

2.4 A escolha do público-alvo

A coleta de dados para a pesquisa teve como um dos métodos empregados as entrevistas semiestruturadas e os questionários elaborados (APÊNDICE B). O público-alvo da pesquisa foi selecionado tendo como parâmetro questões como: pertencimento ao Município; lugar em que o sujeito entrevistado se encontra atualmente (zona rural e/ou urbana); idade (entre 18 a 80 anos) e vínculo com a rede pública de ensino (escola estadual e/ou municipal).

A partir desse direcionamento foi necessário dividir os informantes deste estudo em três grupos, segundo os critérios escolhidos para compor cada qual:

- **1º grupo:** informante vinculado a alguma instituição pública do Município, com idade entre 18 a 80 anos e ensino superior completo;
- **2º grupo:** residente em uma das comunidades rurais de Felício dos Santos com idade entre 18 a 80 anos e possuindo ou não grau de escolaridade;
- **3º grupo:** morador da Cidade com idade entre 18 a 80 anos e com 1º grau de escolaridade completo (ensino médio).

Na etapa de trabalho de campo foram abordadas cinquenta (50) pessoas do Município, obedecendo aos critérios de escolha do público-alvo e tendo como objetivo principal a seleção de participantes das entrevistas. Contudo, dessa amostragem somente vinte e quatro (24) pessoas se dispuseram a participar do estudo, sendo que onze (11) autorizaram a gravação e doze (12) responderam ao questionário estruturado. É válido ressaltar que a pesquisa foi aprovada e autorizada pelo Comitê de Ética (CEP/UFVJM) (APÊNDICE C).

A partir da assinatura do TCLE (APÊNDICE A) os informantes da pesquisa foram entrevistados em um tempo médio de quarenta (40) minutos de duração e suas falas registradas num gravador de voz digital (Figura 22C). Como parte fundamental nesse processo, foram registradas outras informações no caderno de campo para complementação e aferição das análises de conteúdo das entrevistas.

Realizada a etapa de transcrição das entrevistas, seguiu-se para a fase de caracterização dos sujeitos entrevistados, sendo para isso, necessária a estruturação de um quadro, vejam:

Quadro 3 - Características dos sujeitos entrevistados da pesquisa

SUJEITO	IDADE	REPRESENTANTE
Entrevistado 01	65	Comunidade Fazenda Nova (Povoado Indaiá)
Entrevistado 02	35	Cidade de Felício dos Santos
Entrevistado 03	63	Ex-Diretor da Escola Estadual de Felício dos Santos
Entrevistado 04	53	Comunidade Grotta das Cobras
Entrevistado 05	22	Comunidade Corre Dona
Entrevistado 06	25	Comunidade Sampaio
Entrevistada 07	33	Departamento de Turismo (Prefeitura Municipal)
Entrevistado 08	56	Comunidade Loronha
Entrevistada 09	26	Comunidade Roseira
Entrevistada 10	44	Comunidade José Rodrigues
Entrevistada 11	55	Diretora da Escola Estadual Felício dos Santos

Fonte: Autor, 2019.

É importante enfatizar que os nomes dos interlocutores foram preservados para manter o sigilo de suas imagens e assegurar que os dados coletados não implicarão em prejuízo algum aos participantes da pesquisa. Com isso objetivamos garantir o respeito para com os sujeitos entrevistados de acordo com as diretrizes éticas indispensavelmente requisitadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM.

Vale deixar claro que as entrevistas foram realizadas de forma a tentar estrategicamente atingir os vários pontos de vista com relação ao estabelecimento de lugares do Município, considerando a localização dos informantes e a função ou representatividade naquela sociedade. Desse modo, foram visitados todos os povoados de Felício dos Santos, incluindo o perímetro urbano, com o objetivo de conhecer um pouco das vivências dos moradores e para seleção dos representantes de cada um dos três grupos supracitados.

2.5 As categorias e subcategorias

Na perspectiva de Bardin (2010) existe a possibilidade de utilização da análise de conteúdo sob três etapas elementares, quais sejam: (I) organização dos dados coletados por meio da pesquisa de campo; (II) análise propriamente dita das informações colhidas e (III) tratamento dos resultados com inferências e interpretação dos conteúdos narrados. A partir dessas três fases é viável a estruturação de categorias e subcategorias para inferências acerca das informações intrínsecas aos discursos das pessoas investigadas.

Neste tópico optou-se por descrever e analisar as categorias estabelecidas a partir da análise das entrevistas. O objetivo disso consiste na criação de recursos “(...) empíricos para problematizar o processo informativo das entrevistas como uma estrutura que propicia a

dinâmica entre as interações sociais” (MACEDO, 2017, p. 92) estabelecidas entre a comunidade e os lugares conformados paisagens.

Assim, a preocupação foi fazer análises interpretativas e críticas das informações mais relevantes para a compreensão do objeto de estudo. Posto isso, selecionou-se as narrativas manifestas pelos sujeitos entrevistados que se encontram mais próximos da temática proposta pela pesquisa e, desse modo, foram criadas categorias a partir do diagnóstico das falas dos próprios interlocutores. São elas:

- **Categoria 1:** a paisagem local;
- **Categoria 2:** atividades socioculturais praticadas na comunidade;
- **Categoria 3:** memória e identidade com os lugares;
- **Categoria 4:** vínculo com a UFVJM.

Quadro 4 - Categorias e subcategorias

Categorias	Subcategorias	Descrição
A paisagem local	Descrição fisiográficas do lugar onde mora os entrevistados	Objetiva-se descrever como a paisagem é construída na concepção dos interlocutores
Atividades socioculturais praticadas na comunidade	Usufruto dos recursos naturais (no passado e no presente)	Pretende-se descrever as condições de vida no Município
Memória e identidade com os lugares	Experiências individuais e coletivas vivenciadas nos lugares	Deseja-se descrever o resgate da memória e a consolidação da identidade
Vínculo com a UFVJM	Envolvimento e diálogos com a comunidade acadêmica	Almeja-se evidenciar as aproximações entre a UFVJM e a sociedade estudada

Fonte: Autor, 2019.

É importante lembrar que a análise de conteúdo em pesquisa qualitativa foi escolhida para a realização deste trabalho devido ser um estudo de caráter exploratório no qual não existiam categorias pré-definidas e, portanto, fez-se preciso a criação de categorias de análises advindas do próprio estudo em questão. Então, para a organização dos dados foram feitas transcrições das narrativas dos interlocutores, ciente que tal etapa consiste numa operação muito fatigante, trabalhosa que requer muita cautela no tratamento das informações. Não há dúvidas que seja uma tarefa árdua envolvendo “uma reconstrução da fala oral para um texto escrito, que demanda uma observação e apreensão do contexto social e cultural em que sucederam as entrevistas para que não se adentre na subjetividade do pesquisador” (MACEDO, 2017, p. 90).

Queiroz (1983, p. 181) assegura que “(...) ouvir e transcrever a entrevista constitui um exercício de memória em que toda cena é revivida”. Ciente disso, a etapa de transcrição das entrevistas foi realizada tendo como preceito a atenção na escuta das narrativas, como também a leitura e releitura das mesmas para que se pudesse entender bem as falas dos entrevistados e, assim, seguir para a fase de elaboração das categorias e subcategorias e organização dos dados.

Utilizaram-se também os procedimentos criados por Preti (1999) que auxiliam no processo de transcrição das entrevistas, vejam o quadro:

Quadro 5 - Recursos textuais utilizados para a transcrição das narrativas orais

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Entonação enfática	Escrita em MAIÚSCULA	<i>CÊ NEM VÊ FALAR NAQUILO QUE FOI CITADO...</i>
Prolongamento de vogal/consoante	:: podendo aumentar para ::: ou mais	<i>então a gente::: só mesmo aquele tempinho...</i>
Silabação	-	<i>aqueles pe-da-çi-nho onde...</i>
Interrogação	?	<i>porque chama Pico Dois Irmãos?</i>
Qualquer pausa	...	<i>quando a gente escalava o pico... e fazer acampamento nele...</i>
Comentários descritivos transcritor	((minúscula))	<i>Então a gente mudava pra ((pensando)) lá hoje é o Parque do Rio Preto...</i>
Comentários que quebram sequência temática da exposição, desvio temático	----	<i>---- Então o meu presente ainda está muito ligado a essa economia antiga...</i>
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto	(...)	<i>(...) igual a MATA DO ISIDORO (...) é uma lenda, a gente tem como realidade...</i>
Indicação de que o entrevistado gagueja	Repetição das sílabas das palavras	<i>e pela quantidade de-de da fauna que é presente naquele determinado lugar.</i>

Fonte: Autor, 2019. Adaptado de Macedo (2017, p. 91) *apud* Preti (1999).

2.6 Os roteiros de entrevista

Na elaboração do roteiro de entrevistas foi viável estabelecer alguns parâmetros, tais como: perguntas diretas (menos complicadas), localização do sujeito em relação aos marcadores sociogeográficos e uso de palavras e frases adequadas, condizentes com o vocabulário dos entrevistados.

Os roteiros empregados nessa dissertação tiveram como objetivo catalisar o entendimento, percepções, visão de mundo dos entrevistados acerca do ambiente onde estão

implantados. Desse modo tornou-se substancial a elaboração de três roteiros com perguntas distintas a serem direcionadas a cada um dos três grupos de informantes da pesquisa:

1 - Roteiro para representantes das comunidades rurais do Município:

- a) Qual a comunidade onde você mora?
- b) Como você descreve espacialmente o lugar onde vive? Como é a paisagem vista a partir da sua morada?
- c) Usos antepassados e atuais da região e dos recursos naturais;
- d) Experiências individuais e coletivas vivenciadas na sua comunidade;
- e) Com quais elementos físicos desse lugar você e sua comunidade se relacionam?
- f) Quais os nomes e significados vocês dão aos elementos naturais da comunidade? Há alguma relação, identificação entre vocês e esses elementos paisagísticos?
- g) Existe alguma relação entre sua comunidade e a UFVJM? Como tem sido esse contato?
- h) Deseja dizer mais alguma coisa?

2 - Roteiro para representantes da cidade de Felício dos Santos:

- a) Sempre morou na cidade ou há quanto tempo mora nela? Fale sobre isso.
- b) Quais os aspectos ou elementos físicos da paisagem de Felício dos Santos chamam mais sua atenção? Conte mais sobre eles.
- c) Existe alguma empatia, identificação entre você e os elementos naturais da paisagem do Município? Que tipo de relação é essa?
- d) Como você descreve o município de Felício dos Santos? Existe alguma característica particular? Fale mais sobre isso.
- e) Há algum contato entre você e a UFVJM? Poderia dizer mais sobre essa aproximação?
- f) Deseja acrescentar mais alguma coisa?

3 - Roteiro para representantes de instituição pública do Município:

- a) Conte um pouco sobre sua trajetória histórica nesse Município? Idade, origem, formação escolar, cargo que ocupa, pertencente a qual instituição e desde quando trabalha nesse órgão?
- b) Quais os impactos do seu trabalho no Município e na vida dos moradores locais?

- c) Há algum tipo de relação entre você e sua instituição com o lugar em que vive? Com quais elementos físicos desse lugar vocês se identificam? Conte-nos sobre.
- d) Existe algum serviço, projeto, ações voluntárias, enfim, algum movimento em defesa dos patrimônios culturais do Município? Fale mais sobre eles?
- e) Existe algum contato ou aproximação entre você e sua instituição com a UFVJM? Como esse envolvimento tem sido?
- f) Gostaria de inteirar com algo mais?

2.7 O questionário estruturado

Conforme Gil (2008), o questionário elaborado constituiu-se um dos instrumentos escolhidos para a coleta de informações sobre a temática estudada. Esse autor assegura que a aplicação do questionário é uma técnica conveniente quando se trata de pesquisa de caráter empírico, uma vez que permite apreender o universo de valores, crenças, sentimentos, símbolos, em suma, as percepções de mundo dos sujeitos investigados.

O questionário estruturado para este estudo (APÊNDICE B) teve como norte a busca de entender cinco questões a respeito do envolvimento dos participantes da pesquisa com seu meio, tais como: (I) concepções dos moradores acerca do patrimônio arqueológico; (II) formas de se relacionar com os vestígios do passado; (III) usos antecedentes e atuais das terras onde moram; (IV) contato entre a comunidade local e UFVJM e (V) conhecimento dos instrumentos de salvaguarda do patrimônio cultural do Município.

Todo o esforço nesta etapa foi direcionado à compreensão das inter-relações estabelecidas pelo público-alvo com o lugar onde vive, sendo para tanto imprescindível a elaboração das seguintes hipóteses:

- Que os moradores de Felício dos Santos conhecem e/ou já ouviram falar de sítios arqueológicos no Município.
- Que os habitantes continuam estabelecendo algum tipo de relação com os vestígios deixados pelos seus ascendentes.
- Que as comunidades continuam usufruindo dos recursos naturais do Município e com eles se inter-relacionando.
- Que há certa aproximação entre os moradores e a UFVJM nos últimos anos.

- Que existem algumas medidas de proteção e conservação dos lugares e dos patrimônios culturais daquela comunidade.

A escolha pelo questionário estruturado tem como fundamento a busca de visões diversificadas dos integrantes dos três grupos de participantes da pesquisa. Com efeito, Minayo e Sanches (1993) atestam a importância do testemunho oral, uma vez que:

(...) a fala torna-se reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles), e, ao mesmo tempo, possui a magia de transmitir, através de um porta-voz (o entrevistado), representações de grupos determinados em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 245).

Consoante tal excerto, a aplicação de um questionário elaborado e a realização de entrevistas semiestruturadas permitem ao sujeito entrevistado externar suas concepções individuais e coletivas acerca do assunto indagado. Portanto, essa permissão deve ser esclarecida pelo (a) investigador (a) no momento de sua abordagem tendo em vista a relevância da liberdade de expressão para o enriquecimento da pesquisa.

Quanto ao conteúdo, foram elaboradas dez questões padronizadas com respostas abertas e livres para acrescentamento (ANEXO B). Essa liberdade de expressão dada ao entrevistado apoia-se no fato de que “(...) na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55). Além do mais, embora a entrevista siga um roteiro, quem seleciona o que será dito ou não é o próprio narrador, visto que o entrevistador deve permanecer silencioso e atendo à elocução do sujeito entrevistado (QUEIROZ, 1988, p. 18).

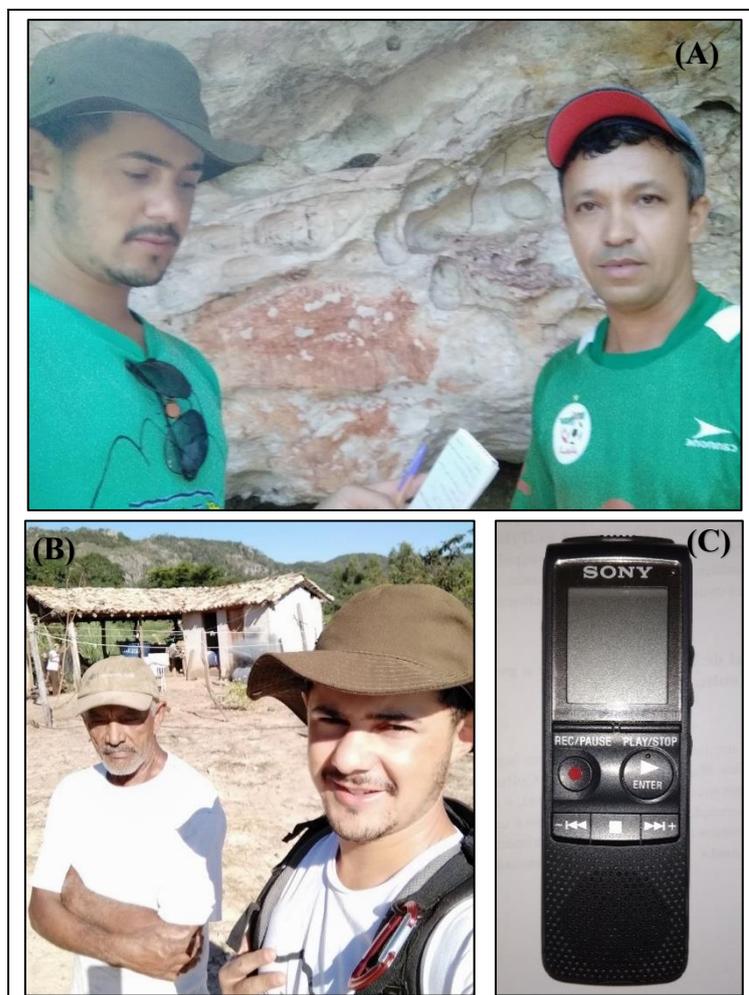
Seguindo esses direcionamentos, a aplicação do questionário estruturado (APÊNDICE B) teve como público-alvo vinte (20) moradores do município de Felício dos Santos, sendo que desse total apenas treze (13) pessoas colaboraram com a entrega dentro do prazo estipulado e concordaram em participar da pesquisa.

2.8 As fases da pesquisa de campo

A pesquisa de campo teve início com a imersão na área de estudo tendo como foco central a triagem dos moradores do Município que atendessem aos critérios de seleção assinalados no tópico 2.4 deste trabalho. Nesse primeiro momento foram feitas várias

conversas com alguns moradores das comunidades rurais a fim de identificar os porta-vozes (representantes) de cada uma delas, pois, por meio deles, as chances de acesso aos povoados aumentaram, como foi o caso de Cabeças (Figura 22A e B).

Figura 22 - Pesquisa de campo (fase das entrevistas)



Imagens A e B: entrevistas com moradores da comunidade Cabeças.
Imagem C: gravador de voz digital. **Fonte:** Autor, 2019.

A seleção de informantes da Cidade e das escolas do Município apresentou inicialmente dificuldades, mas foi possível dialogar com alguns representantes que decidiram contribuir com a pesquisa. Ainda na fase inicial houve a escolha dos moradores que atendessem aos critérios estabelecidos no tópico 2.4 desta dissertação. E após essa etapa foram entregues a cada informante o questionário, com explicação oral a respeito das sete questões elaboradas. Cabe frisar que no intuito de minimizar possíveis constrangimentos, repulsas, amnésias, etc., os participantes do estudo foram instruídos a ficarem com o dito formulário para ser respondido com atenção e cautela no prazo máximo de sete dias.

Na segunda fase selecionaram-se três (3) representantes da Escola Estadual Felício dos Santos e dois (2) funcionários da Prefeitura e Câmara Municipal. Além desses, foram eleitas duas (2) pessoas de cada comunidade rural para serem os porta-vozes do segundo grupo de informantes (moradores da zona rural). Por fim, foram selecionadas três (3) pessoas que, no momento da pesquisa, residiam na Cidade.

Após essa tarefa foram realizadas as entrevistas tendo como método de amostragem os critérios de seleção do público-alvo (Tópico 2.4). Vale ressaltar que, do total de trinta (30) pessoas entrevistadas, foram selecionadas onze (11), que somados aos treze (13) informantes do questionário, têm-se um conjunto de vinte e quatro (24) participantes da pesquisa.

Na terceira fase foi realizado o tratamento dos dados coletados nas entrevistas e questionários respondidos pelos participantes da pesquisa. Com base nos procedimentos ensinados por Alberti (2005), cada trecho de entrevista foi ouvido atentamente para familiarização com a fala do informante; depois, voltou-se ao áudio para ouvir a formulação das frases e, finalmente, dar início à transcrição. Todas as entrevistas foram registradas por um gravador de voz digital (Sony modelo ICD-PX820) (Figura 22C), ouvidas atentamente e transcritas para o computador (notebook) e, posteriormente, analisadas.

Após a etapa de transcrição, cada entrevista gravada no aparelho de voz digital (Figura 22C) foi conferida com o texto transcrito visando corrigir algumas informações mal interpretadas, tais como: datas, nomes de elementos naturais, de pessoas e lugares, entre outras distorções. A transcrição dessas entrevistas permitiu a análise de conteúdo tendo como finalidade atingir os objetivos dessa dissertação. As respostas dos questionários foram digitalizadas (no computador) e colocadas num formulário próprio, sempre respeitando o modo de formulação das frases do texto original. Feita essa tarefa tornou-se indispensável levar os documentos a cada informante para que apontassem possíveis confusões, equívocos, etc., decorridos do processo de transcrição.

2.9 O tratamento dos dados coletados

De acordo com Morais (2014), no momento de análise dos conteúdos das entrevistas é preciso estar claro para o pesquisador que nem tudo que o entrevistado diz deve ser tomado como objeto de análise da pesquisa. Consoante isso, Romanelli (1998) diz que a subjetividade

do pesquisador, como elemento de alteridade, deve ser levada em consideração e controlada pelos instrumentos metodológicos e base teórico-conceitual utilizados na pesquisa, bem como da experiência que esse investigador vai acumulando com a prática e o tempo.

Assim sendo, a opção pela Análise de Conteúdo nessa dissertação tem como fundamento a concepção de Bardin, que sintetiza esse método como “(...) um conjunto de técnicas das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1979 *apud* MORAIS, 2014, p. 41). Ainda segundo Morais (2014), essa metodologia de análise tem como foco o trabalho com o conteúdo, isto é, com a materialização da mensagem transmitida pelo entrevistado e pode ser categorizada a fim de compreendê-la de forma empírica.

Amparado nas bases teórico-conceituais e nos conteúdos recorrentes nas falas dos sujeitos entrevistados acerca das inter-relações estabelecidas com o ambiente foram definidas categorias de análise para as entrevistas realizadas com o público-alvo, que são esboçadas e discutidas no Capítulo 4 desse trabalho.

Definidas as categorias de análise, fragmentaram-se todas as entrevistas e segmentaram-se os discursos dos sujeitos entrevistados, organizando-os segundo o grupo de informantes ao qual pertence. Isso permitiu inserir um número considerável de texto que pudesse ser analisado pelo investigador das falas do entrevistado. A partir desse procedimento, foi criado um conjunto de informações que foram organizados numa tabela, obedecendo aos critérios de enquadramento ao grupo de informantes estabelecidos no tópico 2.4 deste trabalho e alinhamento às categorias de análises definidas.

Os resultados parciais dessa pesquisa foram apresentados não apenas ao público-alvo, mas a cada líder dos povoados de Felício dos Santos como forma de dar um retorno mínimo à comunidade estudada sobre o produto da pesquisa, bem como uma das estratégias de conscientização para a proteção e conservação dos bens culturais do Município.

Além desse público, foram levadas ao conhecimento de parte dos moradores da Cidade as comunicações em eventos científicos com o intuito de instigá-los a conhecer mais sobre a história local e regional e, assim, criar meios de valorizá-la preservando os elementos materiais e imateriais de sua memória e identidade. Também foram comparados a outros trabalhos acadêmicos desenvolvidos naquela comunidade, o que possibilitou uma visão mais abrangente do objeto de estudo da pesquisa.

Portanto, a partir deste procedimento tornou-se possível verificar se a literatura escolhida, se as hipóteses elaboradas, se a base teórico-conceitual dessa dissertação é pertinente à realidade vivenciada pelos moradores de Felício dos Santos no ambiente onde estão inseridos.

Quanto aos dados coletados no questionário estruturado (APÊNDICE B), tornou-se possível fazer análises interpretativas das respostas assinaladas no formulário tendo como aporte teórico e metodológico as referências bibliográficas deste trabalho condizentes com cada tema abordado pelos participantes da pesquisa.

2.10 A elaboração da cartografia

A elaboração dos mapas teve início na primeira fase do trabalho de campo. Nessa etapa foram consultadas publicações científicas sobre a região do Alto Vale do Jequitinhonha, particularmente do Alto Vale do Araçuaí, que dizem respeito ao município de Felício dos Santos.

Também foram utilizadas as Cartas Topográficas de Diamantina (SE-23-Z-A-III) e Rio Vermelho (SE-23-Z-B-I) na escala 1:100.000 compiladas do IBGE, ademais, dados do CPRM, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e da Agência Nacional de Águas (ANA).

Outras informações cartográficas foram coletadas em campo com a utilização do GPS MAP Garmin 64s e, em laboratório, transportados para o Software ArcGIS 10.3 gerando, pois, os mapas apresentados nesta dissertação.

CAPÍTULO 03 - PAISAGENS, LUGARES E AMBIENTES: CONCEITOS E DISCUSSÕES TEÓRICAS

Morais (2014) contextualiza que com o advento da Revolução Industrial os recursos naturais vêm sendo utilizados de tal forma a impactar marcadamente na modificação dos ambientes. Em seus próprios termos:

A partir da Revolução Industrial no século XVIII, o homem vem promovendo de forma marcante uma série de modificações socioambientais, tendo como base a lógica de uma sociedade técnico-industrial que motivou e/ou motiva a utilização de uma racionalidade econômica que tem como base o uso indiscriminado dos recursos naturais (MORAIS, 2014, p. 50).

Por meio dessa concepção fica evidente que na porção do Espinhaço Meridional as modificações socioambientais na paisagem são decorrentes, sobretudo, do processo de extração de minerais desde o século XVIII. Assim, a região da SdEM vem sendo estudada há anos por especialistas de diversos campos científicos que, conseqüentemente, resultou numa vasta bibliografia²¹ sobre inúmeros aspectos, mormente geológicos em função da incessante procura por metais preciosos, como por exemplo, ouro e diamante. Nesse sentido, de acordo com Saadi (1995), o descobrimento de minerais na região logo despertou o interesse de pesquisas geológicas no Espinhaço, o que também culminou em projetos desenvolvidos pelo Centro de Geologia Eschwege, a partir dos anos 1970.

Faz algum tempo que foram realizadas pesquisas arqueológicas enfocadas na compreensão de como se deu a ocupação humana no Planalto Central brasileiro. Ainda assim, na literatura pouco se tem estudado com acuidade o comportamento humano mais recente nessa região do País, principalmente nos Vales do Jequitinhonha e Araçuaí. Essa carência de estudos certamente implica na escassez de trabalhos centrados no entendimento de como se dão as relações entre a paisagem regional do Espinhaço e os humanos que ali vivem e agem sobre ela, modificando-a e por ela sendo modificados no decorrer dos tempos. Essa foi a mola propulsora da pesquisa que resultou nesta dissertação.

Diante tal realidade, fazem-se necessários estudos mais robustos que intentam para a compreensão do processo inter-relacional entre humanos e ambiente no contexto da SdEM atualmente. Partiu-se do princípio que tal empreitada permitiria um entendimento mais

²¹ São muitos os teóricos que publicaram sobre a geologia da região de Diamantina, dentre eles Derby (1906), Harder e Chamberlin (1915), Rimann (1920), Moraes (1928), Moraes e Guimarães (1930), Freyberg (1932) e Barbosa (1954). Destaque para o mapa geológico de Moraes (1937) com escala 1:2.000.000 que representa avanços no entendimento da geologia regional.

assertivo das relações estabelecidas pelas sociedades *in loco*, ademais, como se deram as ocupações humanas naquela região e quais suas implicações no presente.

É nesta seara que a pesquisa caminhou, uma vez que teve como foco a compreensão das inter-relações dos habitantes de Felício dos Santos com seu meio, estabelecendo lugares (onde as atividades sociais e ontológicas ocorrem) e, conseqüentemente, a paisagem, vista como um constructo, constituída para lugares materiais e imateriais que dão forma à vida e ao mundo das pessoas.

A essa altura, então, tornou-se pertinente a discussão sobre os conceitos de paisagens e lugares relacionando às definições de memória e identidade que, não há dúvidas, tangenciam às concepções de bens culturais com suas fronteiras conceituais.

3.1 Paisagem: um conceito interdisciplinar em Ciências Humanas

O primeiro relato sobre o emprego do termo “paisagem” na literatura universal encontra-se no “Livro dos Salmos” (Salmo 48) cuja relação às palavras hebraicas *noff* (paisagem) e *yafa* (beleza) eram feitas para a descrição da beleza cênica da cidade de Jerusalém à época de Salomão (NAVEH; LIEBERMAN, 1984 *apud* GUIMARÃES, 2002). O uso dessa expressão surge num contexto específico e com sentidos preestabelecidos: caracterização dos aspectos físicos dos bens materiais, mormente de edifícios, monumentos, templos, etc., dos líderes políticos/religiosos daqueles tempos. Com o passar dos séculos, a ideia de paisagem vem adquirindo novos contornos à medida que é utilizada pelo campo científico, tais como: Geografia, Antropologia, Etnografia, Arquitetura, História, Arqueologia, entre outros.

Guimarães (2002) assegura que na Geografia Humanista as pesquisas com temáticas relacionadas à paisagem foram feitas de múltiplas maneiras devido seu caráter interdisciplinar. A autora ainda realça que a partir desse ramo da Geografia:

(...) surgiram novas análises não mais restritas às áreas específicas desta ciência, mas inter-relacionadas às formas de expressão e representação plásticas e literárias, visto que todas são legítimas expressões da experiência e percepção ambientais respectivas à “paisagem vivida”. Muitos autores marcam a produção deste período, especialmente, em meados da década de setenta em diante, analisando a paisagem de maneira inter e multidisciplinar (GUIMARÃES, 2002, p. 124).

Nesse sentido, são inúmeras as possibilidades de analisar o termo e, então, o desafio tem sido a busca para sua definição, considerando que é uma palavra polissêmica e de conceitos complexos que tem expressão em diversas áreas da Ciência.

Em função da polissemia de significados evocados por ela, faz-se necessário encontrar definições que a aproxima da realidade do objeto da nossa pesquisa. Logo, encontrar sentidos vinculados aos aspectos fenomenológicos, isto é, da experiência humana vivida nos lugares, tornou-se uma das principais preocupações deste trabalho. Isso porque o entendimento das relações entre a comunidade de Felício dos Santos e seu entorno está intrinsecamente relacionado à ideia de paisagem.

Quando Cosgrove (1998) afirma que a paisagem é composta por muitas camadas de significados, infere-se que há uma gama de signos, significados, valores, símbolos, etc., que dão sentidos aos lugares cujos humanos se interagem entre si e com o espaço onde se encontram. Nessa concepção, a paisagem da Serra Dois Irmãos (Figura 23) pode ser tomada como exemplo de como os recursos naturais foram sendo utilizados de tal forma a transformar o próprio ambiente em lugares, pontos de referência, demarcadores geográficos e, porque não, elementos identitários e resgatadores da memória social e histórica já que se configuram como marcadores sociogeográficos da comunidade.

Figura 23 - Paisagem da Serra Dois Irmãos



Fonte: Autor, 2019.

Essa paisagem (Figura 23) demonstra elementos que remetem a um dos mais significativos marcadores sociogeográficos para a comunidade de Felício dos Santos, uma vez que os moradores locais se relacionam, autoidentificam-se e se orientam por ele: a Serra Dois Irmãos. Como dito anteriormente, o Dois Irmãos (Figura 23) possui certa relevância tanto

para a comunidade local quanto para regiões circunvizinhas devido às suas características sóciofisiográficas (materiais e imateriais).

As diversificadas formas de estabelecer o Dois Irmãos (Figura 23) são na verdade modos pelos quais a população encontrou para se relacionar com aquele lugar por meio do uso dos espaços e recursos naturais disponíveis, além de questões simbólicas (intangíveis). Concebido ora como ponto de referência para os moradores dos municípios vizinhos, ora como demarcador de territórios e ainda como elemento identitário e de alteridade, esse marcador pode ser entendido como uma paisagem repleta de significados, e camadas, para aqueles e aquelas que com ele se relacionam.

Segundo Fagundes (2019a; 2019b), a paisagem pode ser concebida como uma construção humana que, associada à cultura, envolve tanto os aspectos dinâmicos da natureza como as ontologias e cosmografias das pessoas que nos lugares se instalam. Dessa forma, a paisagem não pode ser vista apenas como espaço físico composto de qualidades geoambientais que podem ser apropriadas exclusivamente para fins funcionais e adaptativos. De fato ela é constituída dessas características/qualidades que garantem à sobrevivência, porém, há os aspectos simbólicos e ideológicos que compõem essas escolhas e que são fundamentais para orientar pessoas em seus mundos (FAGUNDES, 2019a; 2019b).

Corroborando com esta ideia, presume-se que as inter-relações entre ambientes e humanos na comunidade estudada emergem a partir das paisagens construídas pelos moradores que, como dito, não são tidas apenas como espaços físicos destinados às atividades materiais: por exemplo, área de plantio agrícola (Figura 23). Mas também é lugar de interações socioculturais rituais, simbólicas (imaginárias). É neste universo constituído paisagem pelos sujeitos sociais que surgem múltiplas relações a partir do momento que seus ocupantes humanos inter-relacionam dando formas e sentidos ao seu mundo e a sua cultura.

À medida que os recursos naturais são utilizados pelos grupos sociais, o ambiente sofre modificações socioambientais que transforma tanto ele próprio quanto seus agentes humanos. Semelhante processo ocorre com o Dois Irmãos (Figura 23) onde são evidentes as marcas de uso do solo (área de cultivo) que, seguramente, indicam a modificação do meio e a afixação do próprio agente modificador: o humano. Essa relação ambiente/homem implica na alteração de hábitos, costumes, cultura, enfim, na visão de mundo do sujeito acerca do espaço físico onde está implantado.

Essas ideias ajudam a pensar nas inter-relações estabelecidas entre os habitantes de Felício e o meio que os engloba; além de indicar transformações profundas tanto no primeiro quanto no segundo elemento dessa relação.

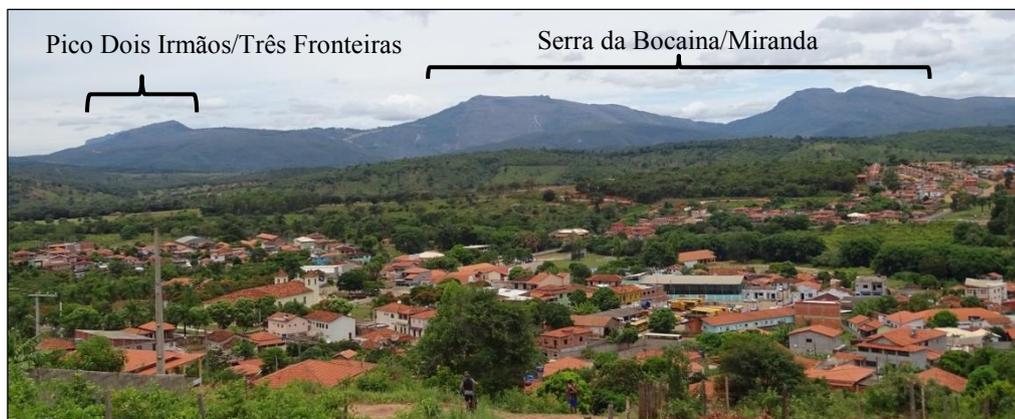
Conforme Fagundes (2014b), a paisagem vista sob o prisma interdisciplinar pode ser concebida como produto humano no qual diferentes povos interagem, interpretam e estabelecem suas relações socioculturais em tempos distintos de ocupação. Então, ela pode ser concebida como um elemento produzido pelo próprio Homem e por ele construído e reconstruído a seu modo e nas suas condições (materiais e imateriais).

Em síntese, “(...) a paisagem nada mais é do que um produto humano, da construção humana, podendo ser definida como um espaço social humanizado: no tempo e no espaço” (FAGUNDES et al., 2015, p. 15). Essa afirmação permite inferir que a atual paisagem de Felício dos Santos vem sendo construída por seus moradores, que, muitas das vezes, se utilizam dos mencionados marcadores sociogeográficos para orientação dos muitos aspectos da vida (individual ou coletiva), tanto material como imaterial; ademais, ações que remetem à subsistência, às diferentes ontologias (realidade na qual vive) e, principalmente, que confere identidade e alteridade aos seus possuidores.

É lícito dizer, então, que em seu conjunto os elementos naturais caracterizadores da população são na realidade paisagens produzidas por seus moradores e, portanto, podem ser lidas e interpretadas como símbolos adquirindo, assim, função cultural dentro das representações sociais daquela sociedade enquanto seu bem cultural (FAGUNDES, 2020).

Todos esses preceitos ampliam os horizontes conceituais e impulsionam para questionamentos acerca de como são estabelecidas as relações entre pessoas e ambientes estabelecidos paisagem na comunidade pesquisada.

Figura 24 - Vista panorâmica da cidade de Felício dos Santos



Fonte: Autor, 2019.

A vista panorâmica da Cidade (Figura 24) explicita marcas do processo de modificação socioambiental sobre o espaço tanto da área urbana (primeiro plano) como da zona rural (segundo plano). Esse lugar parece permitir as intervenções de seus agentes, harmonizando os próprios elementos naturais com as necessidades e anseios dos povos que ali vivem. Assim, nessa paisagem (Figura 24) evidenciam casas, postes de iluminação elétrica, edifícios públicos, igreja, hospital, etc. como também, serras, matas, plantações e, de forma discreta, parte do percurso do ribeirão Santana que, somado aos outros elementos, dão formas e características sociofisiográficas a essa comunidade e a seu povo.

São componentes harmônicos dessa imagem os três afloramentos rochosos (identificados pelas setas da figura 24) que, devido seus potenciais sociogeográficos se tornaram distintivos conferidores de identidade e alteridade para aquela sociedade. Juntos, esse conjunto de serras desenha e modela uma paisagem com formatos originais/particulares que distinguem o Município dos demais, mas que o une aos outros por meio de suas semelhanças. Toda essa reunião de elementos harmonizados tornados paisagem “abarca inter-relacionamentos entre as sociedades humanas e seus espaços de vida, mesclando, por sua vez, as paisagens naturais e construídas” (NAVEH; LIEBERMAN, 1984 *apud* GUIMARÃES, 2002, p. 121).

Essas concepções permitem afirmar que as paisagens de Felício dos Santos (e outros lugares) são constantemente construídas/reconstruídas e remodeladas a partir das interações estabelecidas pelos habitantes com o ambiente. Não há dúvidas que isso seja resultante de um

processo contínuo de uso e reuso do espaço, que não é apenas físico, pois é transformado em lugares e conformado em paisagens carregados de elementos tangíveis e intangíveis.

3.2 Lugar: um conceito polissêmico em construção

Sabe-se que grupos humanos reocupam regiões outrora habitadas e instauram ali sua cultura e seu modo de vida a partir das percepções que fazem acerca de seu entorno. Nesses lugares são impressos signos e símbolos de uma realidade que pode ser identificada por meio de vestígios arqueológicos, fragmentos da memória e história de povos que ali se instalaram. Nesse contexto, o contato entre humanos e ambientes resulta na construção de espaços de vivências, locais onde sociedades foram criadas e que também são recintos da memória.

À medida que as definições de paisagem tangenciam o universo de significados das comunidades, torna-se pertinente compreender como ela é concebida como meio humanizado, ou seja, espaço dinâmico, vivo no qual as pessoas realizam suas atividades cotidianas, ritualísticas, intangíveis, coletivas e individuais, etc. É a partir desse ângulo que se pretende encontrar conceitos de lugar que sejam condizentes com o objeto de estudo desta dissertação.

Relacionando os sentimentos evocadores de lembranças das pessoas nos lugares, Pierre Nora testifica:

Lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação (NORA, 1984, p. 13).

As paisagens de Felício dos Santos, se analisada por essa perspectiva, configuram-se como lugares de memória, histórias, sensações, sentimentos, etc., nas quais as pessoas constroem a partir de suas ontologias num processo contínuo de inter-relacionamento sócio-espacial. Esse fenômeno, como se buscou demonstrar nesse trabalho, é recorrente nesta sociedade visto que os modos de simbolizar visões da realidade a partir da paisagem são reflexos da vontade dos moradores em criar seus espaços recordativos. Esses últimos são

paisagens da memória²² nas quais são construídas e reconstruídas histórias e lembranças de pessoas ao longo do tempo.

O processo inter-relacional estabelecido entre os habitantes de Felício dos Santos e suas paisagens recordativas, de memória, acontece de forma dinâmica e contínua se observadas as relações afetivas, por exemplo, com os vestígios arqueológicos no Município. As visitas aos sítios rupestres da região são relativamente frequentes muito em função dos painéis pintados. Se o fato de “sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos” (TUAN, 1983) é possível que as inter-relações entre as pessoas e os bens arqueológicos se concretizam nas experiências vivenciadas nestes lugares a partir do contato com estes fragmentos da cultura humana impressos no ambiente.

Nesse soslaio, se os lugares de memória “(...) nascem e vivem do sentimento e que não há memória espontânea” (NORA, 1984) é porque as pessoas se interagem de modo afetivo com o meio conferindo-lhe significados e valores intrínsecos ao seu modo de vida e à sua cosmovisão (a maneira êmica de ver o mundo). É possível que muitos dos moradores dos povoados próximos aos sítios arqueológicos têm por estes últimos algum sentimento afetivo, uma vez que são locais de uso comum daquela comunidade em épocas distintas. Fato que confere a esses espaços o *status* de “lugares de memória”, onde a população faz visitas, por exemplo, visto que na concepção de muitos “(...) a experiência e a percepção concernentes ao meio ambiente [pleonismo, não!?] tornam-se essenciais para a sobrevivência de suas tradições” (GUIMARÃES, 2002, p. 132).

Então, torna-se presumível que muitos moradores de Felício dos Santos, especialmente os residentes na zona rural, alimentam suas histórias a partir do contato afetivo com aqueles espaços memorialísticos: os sítios arqueológicos²³.

Arantes (2009) afirma que existe grande potencial nos lugares como esferas onde acontecem os fenômenos sociais. Em seus próprios termos:

Lugares são espaços apropriados pela ação humana. São realidades a um só tempo tangíveis e intangíveis, concretas e simbólicas, artefatos e sentimentos resultantes da articulação entre sujeitos (identidades pessoais e sociais), práticas (atividades cotidianas ou rituais) e referências espaço-temporais (memória e história) (ARANTES, 2009, p. 18).

²² Termo utilizado por Edna F. Alencar em seu trabalho “Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade” apresentado em junho 2005 na forma de palestra na *International Conference on Storytelling and Cultural Identity*, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Açores, PT. pp. 95-110.

²³ Lembrando que os sítios arqueológicos são lugares dinâmicos, com uso continuado ao longo do tempo.

Assente tal excerto, recomenda-se que antes de conceber a área de estudo da pesquisa como um lugar humanizado deve-se considerar a importância sociocultural que os indicadores naturais têm para aquela comunidade. Dito de outra maneira, entender o município de Felício dos Santos foi necessário antes conhecê-lo como lugar cujos povos agiram e articularam de maneira a responder às suas necessidades de vida, inquietudes, desejos, etc. Logo, tudo aponta que a sociedade estudada (e região) configura-se como produto da articulação entre os três elementos citados pelo autor, isto é, sujeitos sociais, práticas socioculturais e referências espaço-temporais.

Assente esses preceitos, Guimarães (2002) garante que os lugares são experimentados (ou experienciados) pelos sujeitos sociais que neles se inserem. A autora testifica suas análises quando afirma:

Os lugares vivenciados estão e são com toda a força de expressão, registrados indelevelmente nas faces, nos corpos, e sobretudo, nas representações e nos olhares: no fundo dos olhos, trazemos paisagens interiorizadas nas profundidades dos nossos espíritos, vindas à luz por intermédio de experiências e percepções exteriorizadas em atitudes, condutas, emoções (GUIMARÃES, 2002, p. 132).

À luz dessa ideia pode-se dizer que o estabelecimento dos lugares como espaços de experiências, ou melhor, de vida, são nada mais que os locais de vivência das pessoas enquanto seres pertencentes a determinado grupo social que se organizam segundo suas perspectivas de ser e estar no mundo.

Assim, os lugares vivenciados na comunidade estudada podem ser vistos por meio dos modos de interagir das pessoas com os “lugares de memória” que, com certeza, são produtos das fluídas e dinâmicas relações dos sujeitos sociais com os ambientes. Vale dizer que nessa sociedade os lugares de vivência estão muito relacionados ao modo e ao espaço físico cujos moradores estão implantados, uma vez que as experiências dos residentes na Cidade são muitas das vezes bastante distintas dos habitantes da zona rural. Diferenças essas que aparecerão nesse estudo a partir das análises de conteúdo das entrevistas.

Em linhas gerais é permitido ressaltar que as supracitadas concepções sobre a ideia de lugar, de uma maneira ou de outra, relacionam-se à temática da memória e identidade que, indubitavelmente, são temas cruciais para o entendimento do objeto de estudo desse trabalho.

3.3 Memória e identidade: elementos complementares nas inter-relações humanos/ambientes

Os estudos sobre a temática da memória e da identidade abrangem diferentes áreas das Ciências Humanas e Sociais resultando, conseqüentemente, numa diversidade teórico-conceitual que frutificaram ricas discussões. Em função dos limites desta dissertação e, sobretudo, da especificidade do objeto de estudo da pesquisa fez-se pertinente a seleção de autores que tratam do tema da memória e da identidade de forma interdisciplinar e que possibilita a vinculação das noções de patrimônio cultural.

Sabe-se que para conhecer desde um pequeno povoado a uma grande cidade, ou mesmo megalópole, são elementares o entendimento e a interpretação dos processos de construção das memórias e identidades tanto individuais quanto coletivas dos sujeitos sociais que formam o corpo social. E se esses dois termos são uma das peças-chave para a compreensão de uma sociedade, fica evidente a necessidade de estabelecer conceitos que possibilitam a compreensão das inter-relações estabelecidas entre os moradores investigados e ambiente, tendo em vista o entendimento de como essa população estabelece os lugares e como se relacionam com eles por meio da evocação de recordações e do fortalecimento laços identitários, no decorrer dos anos.

A memória histórica, além de alimentar a História, “(...) procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”, dando condições para que as comunidades trabalhem “(...) de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2013, p. 437). Assim, tal memória é bastante relevante em função de instigar reflexões acerca das diferenças existentes entre as sociedades com memória oral e escrita, sobretudo, ao processo de transição da primeira para a segunda (LE GOFF, 2013). Certamente essa categoria de memória tem sido estrutural na consolidação dos laços identitários na população estudada se sabido que os moradores locais se relacionam com elementos de pertencimento implantados na paisagem construída, por exemplo, com os marcadores sociogeográficos e os lugares recordativos, por exemplo, os sítios rupestres.

Alencar (2007, p. 100) testifica que “(...) as âncoras da memória são buscadas em elementos fixos da paisagem como as montanhas, os rios, as cachoeiras, as ruas, os monumentos (...)” que, de modo geral, são componentes formadores de lugares com as quais as pessoas se interagem. De modo semelhante, Pollak (1989) alude que a memória como fruto

da seleção individual ou coletiva dos grupos sociais é, por assim dizer, um fenômeno construído no tempo e no espaço. Tais concepções induzem a pensar que na formação de um grupo social as pessoas estabelecem relações identitárias com meio a partir do resgate de recordações tanto individuais como coletiva. Uma maneira comunal de ancorar essas lembranças é a criação dos “lugares de memória”, onde sujeitos sociais reconstróem suas histórias e dão sentido às suas próprias vidas.

Nesse contexto pode-se dizer que o Município estudado (e outras regiões) é formado por elementos fixos da paisagem, denominados neste trabalho de marcadores sociogeográficos (FAGUNDES, 2019a; FAGUNDES et al., 2019b), uma vez que funcionam também como instrumentos de resgate das memórias daquela comunidade. Não obstante, ressalta-se que as pessoas não se relacionam sem motivo e de modo aleatório com quaisquer objetos ou indicadores naturais do lugar, pois há sempre um dinâmico e complexo processo de escolhas, cosmovisões, ontologias envolvendo as relações entre indivíduo e o meio.

Figura 25 - Lajeado de Felício dos Santos



Imagem A) Lajeado. Imagem B) Cachoeira do Lajeado. **Fonte:** Autor, 2019.

O Lajeado (Figura 25), por exemplo, está situado na comunidade Loronha e constituiu-se um marco sociogeográfico no Município tendo em vista suas características fisiográficas, mas também socioculturais (imateriais) que estão intrinsecamente relacionadas ao cotidiano das famílias que ali vivem, como também, de outros segmentos sociais que com esse lugar se identifica a partir das interações estabelecidas.

Em termos geológicos, esses dois lugares (Figura 25A e B) são formados basicamente por afloramento rochoso em quartzito e arenito que estabelecidos como marcadores sociogeográficos se tornaram pontos turísticos do Município. Como área de socialização, eles se constituem como espaços de encontro comum onde as pessoas se inter-relacionam dando sentidos às suas vidas a partir das experiências vivenciadas *in loco*.

Essa necessidade em estabelecer lugares para a ancoragem da memória e o fortalecimento de identidade é uma das estratégias dos grupos sociais em tentar assegurar a coesão grupal, que, substancialmente, diz respeito à própria vida. Sendo assim, esses dois elementos são como ingredientes primaciais para dar corpo e sentido aos sujeitos sociais e a seu coletivo.

A harmonia entre esses dois termos é assunto discutido em várias áreas do campo científico faz algum tempo, haja vista as múltiplas possibilidades de entendimentos acerca dessas indissociáveis expressões. Nesse sentido, a correlação ou interdependência da memória com a identidade foi problematizada e sintetizada por Pollak desta maneira:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente (...) podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e o sentimento de identidade. [...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 5).

Com base nessa noção, é presumível que as relações topofílicas²⁴ da população de Felício com os lugares sejam fruto da vontade de alimentar o desejo de pertencimento àquela região, por uma série de motivos, dentre eles a autoidentificação com os elementos naturais. Assim, tudo indica que a identidade do felissantista²⁵ é construída nas inter-relações estabelecidas com os marcadores sociogeográficos do lugar, visto que esses podem ser

²⁴ Topofilia é a afeição, percepção, valores, sentidos, etc., que as pessoas têm pelo ambiente onde vivem. Ver TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.

²⁵ Pessoa nascida no município de Felício dos Santos, MG.

concebidos como “elementos constituintes do sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 5) de muitos moradores daquela localidade.

Nora (1984) afirma que a memória, enquanto conceito interdisciplinar, é repleta de sentidos por se vincular à noção de existência dos indivíduos sociais, à fluidez das relações humanas, à vulnerabilidade e manipulação das pessoas. O autor sintetiza essa ideia da seguinte forma:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1984, p. 19).

Essa perspectiva deixa claro que a memória figurando-se como um instrumento vulnerável é condicionada ao uso e usufruto das pessoas ou grupos para dar sentido à sua própria existência. Isso implica na sua interdependência com as noções de identidade sociais à medida que os sujeitos ou comunidades são levados a ancorar suas memórias e construir suas histórias a partir do estabelecimento e relação com os lugares conformados paisagens, além de distintivos identitários e de alteridade. Portanto, a simbiótica relação memória/identidade faz pensar em conceitos que são indissociáveis, tendo em vista que há uma complementariedade de ideias entre ambos os termos.

Indubitavelmente que não se reconhece um indivíduo ou grupo social sem o mínimo conhecimento das suas referências espaço-temporais, como por exemplo, a memória e história. Nesse sentido somente tornará possível evidenciar as inter-relações estabelecidas entre a população estudada e seu ambiente se compreender como os habitantes concebem seus lugares a partir da criação de memória e fortalecimento dos laços identitários com os elementos formadores da paisagem regional. De fato, muitos moradores dessa comunidade visitam tanto os lugares antes habitados por seus ancestrais como espaços de socialização, por exemplo, os sítios rupestres e os pontos turísticos, talvez como uma das maneiras de resgatar suas origens e construir suas identidades a partir do contato com o “outro” ou com os vestígios do “outro” impressos no ambiente.

Lowenthal (1998, p. 83) alerta que relembrar o passado é um exercício fundamental para a construção da identidade, haja vista que “saber o que fomos confirma o que somos”. Assim, o fato de os habitantes de Felício dos Santos manterem algum tipo de contato com os “lugares de memória” e/ou locais de encontro é uma evidência de como essa sociedade busca

sua continuidade enquanto corpo social por meio da construção da memória coletiva e da identidade cultural.

Nesse contexto, o entendimento da ocupação humana de uma região tem levado em conta a compreensão dos processos que envolvem não apenas os vestígios materiais dos povos pretéritos, mas, sobretudo, a memória, história e identidade das pessoas do presente. Isso porque o ambiente foi sendo antropizado, humanizado de tal forma que o estabelecimento de lugares podem dar respostas de como os grupos humanos se instalaram numa dada área, que, com ela se inter-relacionam constituindo suas paisagens. Como de fato, a apreensão do processo inter-relacional entre humanos e o meio circundante condiciona a idealização da vida coletiva dos sujeitos sociais em épocas recuadas.

Dessa forma, os indivíduos são estimulados a pensar que a garantia de sua existência depende majoritariamente da memória, pois relembrar suas próprias experiências os faz conectar a si próprios de épocas passadas, embora tenham-se tornado outra pessoa no presente (LOWENTHAL, 1998).

Desvencilhar dos perigos da perda da memória e evitar que sejam destruídos seus elementos criadores é uma das grandes preocupações das comunidades que lutam pela sua unidade social e continuidade. Assim, a identidade não é sintetizada somente quando se clama por uma série de lembranças, mas sim a partir do instante que os indivíduos se inserem numa “teia de retrospectiva unificadora” (LOWENTHAL, 1998, p. 83). Com efeito, as referências espaço-temporais não são escolhidas isoladamente sem antes levar em conta o contexto de onde elas se formaram. As pessoas e comunidades buscam sua autodefinição naquilo que para elas possuem relevância segundo suas categorias de significados, símbolos, signos, valores, etc., portanto, dentro de suas cosmovisões. Por essa ótica, tanto a memória como a identidade são estruturas que se complementam para dar sentido, solidez, contornos tanto aos sujeitos quanto a seu coletivo.

Halbwachs (2013) endossa que as pessoas reconstróem suas histórias (individuais e coletivas) à medida que se apropriam de recordações ou feitos de outros indivíduos ou grupos. Muitas das vezes as pessoas se identificam com os elementos referenciais, identitários determinados pela própria sociedade como uma das formas possíveis de resgatar seu próprio passado e dar sentido à sua existência enquanto humanos (HALBWACHS, 2013).

O autor certifica que “(...) o funcionamento da memória individual [e coletiva] não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 2013, p. 72). Semelhante processo fica evidente no contexto das inter-relações estabelecidas pelos moradores de Felício dos Santos com seus “lugares de memória” a partir das relações socioafetivas com os recintos memorialísticos.

Nesse contexto, o autor supracitado propõe uma categorização da memória em três níveis indissociáveis. O primeiro nível diz respeito à memória individual e pode ser exemplificado da seguinte maneira: quando uma pessoa vivencia um fato e o relata como se fosse somente ela que o presenciou. O segundo nível refere-se à memória coletiva e ocorre quando sujeitos (ou grupos) experienciam um mesmo fenômeno e relatam coletivamente ou singularmente. Nesse caso, cabe ressaltar que a memória individual é, em última instância, uma memória coletiva se se leva em conta que as pessoas não recordam sozinhas os fatos; sempre procuram referências externas a si para construir suas lembranças.

O terceiro e último nível faz menção à seletividade da memória que, enquanto fenômeno social construído, é constituída pelos elementos eleitos pelas pessoas ou grupos de maneira intencional ou não, segundo suas maneiras de ver e estar no mundo (ontologias). Essa categoria de memória é mais comum à medida que os sujeitos ou as comunidades resgatam nas águas do *Lethes*²⁶ os itens por eles escolhidos para recordá-los no presente (HALBWACHS, 2013).

Consoante a tais esclarecimentos, fica evidente que as pessoas ou sociedades de uma maneira ou de outra buscam correlacionar todas essas categorias ou concepções de memória à medida que interagem de diversas formas com o ambiente.

Portanto, os indivíduos ou grupos humanos não deixam de ancorar suas recordações de modo individual ou coletivo com o intuito de dar sentido à própria existência a partir das relações estabelecidas com os lugares, onde estão implantados e com esses criando lastros coesos de pertencimento e alteridade.

²⁶ Na mitologia grega, o *Lethes* era o rio do esquecimento situado no *Hades*; a pessoa que bebesse de suas águas, o que era inevitável, seriam tomados pelo esquecimento.

3.4 Patrimônio cultural: fronteiras conceituais em foco

Se é verdade que ‘a cidade não é feita de pedras, mas sim de homens’ também é verdade que ‘as lembranças se apoiam nas pedras da cidade’ e não é por outra razão que os homens, ao longo dos séculos, têm lhes atribuído valor e trabalhado para que permaneçam (ou desapareçam) enquanto expressões da memória coletiva, de uma identidade compartilhada (SANTOS, 2001, p. 45).

Conforme Santos (2001), os lugares humanizados são carregados de memórias, de elementos tangíveis e intangíveis cujos indivíduos atribuem sentidos, símbolos, valores e, por um processo de apropriação, os concebem como bens culturais. Essa ideia induz a problematização e sintetização dos conceitos de patrimônio enquanto elemento da cultura humana, que, com certeza, cooperam com estudos sobre essa temática.

Sabe-se que os debates a respeito do conceito de patrimônio vêm ganhando novos contornos a partir das conferências internacionais desde o início do século XX. Do ponto de vista historiográfico, o patrimônio está vinculado ao sentido de sagrado, assim como, de legado que, portanto, se assimila à concepção de memórias (coletivas e individuais) e aos bens familiares (herança). A noção de “(...) patrimônio comum a um grupo social, definidor de sua identidade e enquanto tal merecedor de proteção nasce no final do século XVIII com a visão moderna de história e de cidade” (BABELON; CHASTEL, 1994 *apud* SANTOS, 2001, p. 43). Nesse ínterim, Santos (2001) assente nas noções de Fonseca (1997) contextualiza:

(...) Foi a ideia de nação que veio garantir o estatuto ideológico (do patrimônio), e foi o Estado nacional que veio assegurar, através de práticas específicas, a sua preservação. A noção de patrimônio se inseriu no projeto mais amplo de construção de uma identidade nacional, e passou a servir ao processo de consolidação dos estados-nação modernos (FONSECA, 1997 *apud* SANTOS, 2001, p. 43).

Nota-se, assim, o surgimento de uma percepção moderna de patrimônio que se origina no contexto de edificação e consolidação dos estados nacionais modernos com a finalidade de dar legitimidade a esses e aos inúmeros feitos de seus dirigentes. Seguindo essa linha de raciocínio foram realizadas, no âmbito internacional, inúmeras conferências tendo como foco de discussão a busca por conceitos e políticas formais acerca do patrimônio cultural.

A primeira foi sediada na cidade de Atenas (Grécia) em 1931 que resultou num protocolo intitulado Carta de Atenas. Nesse documento, grosso modo, foram tratados os princípios e doutrinas gerais acerca da proteção de monumentos com grande relevância para os estados nacionais modernos. Sendo assim, essa Conferência formalizou recomendações acerca da proteção, conservação e restauração de monumentos concebendo-os como bens tangíveis. A partir desse protocolo, que teve outra sessão em 1933, aconteceram outras

conferências: Recomendação de Nova Délhi (1956), Carta de Veneza (1964), Recomendação de Paris (1962 e 1964), Normas de Quito (1967), Convenção de San Salvador (1976), Carta de Lausanne (1990), entre outras.

Vale enfatizar que na Convenção do Patrimônio Mundial realizada pela UNESCO, em 1972, os parâmetros para reconhecimento de bens culturais estavam alinhados à ideia de universalidade, no entanto, no decorrer de seis anos os critérios de urgência, integridade, autenticidade e raridade foram acrescentados (SANTOS, 2001).

Nesse estudo não foram abordadas todas as recomendações contidas nesses protocolos internacionais, pois o intuito é expor o conjunto das doutrinas e princípios acerca do patrimônio cultural para entender a realidade do objeto de estudo da pesquisa. Portanto, de maneira sintética pode-se dizer que aquelas conferências tinham como foco principal o estabelecimento de diretrizes para as políticas patrimoniais, como: administração e legislação; respeito à propriedade privada e aos monumentos; valorização dos monumentos; materiais para restauro; deterioração; técnicas e conservação; cooperação internacional e papel da educação.

O Brasil, signatário desses protocolos, instituiu com o Decreto Lei nº 25/1937 o Serviço de Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (SPHAN, atual IPHAN) alinhado às recomendações internacionais de proteger, conservar e restaurar os bens culturais considerados de grande relevância para a consolidação do estado nacional brasileiro. Esse ato decretado tem fonte inspiradora no anteprojeto de Mário de Andrade que, inclusive, tinha como um dos objetivos a salvaguarda dos bens intangíveis (bens imateriais): as manifestações religiosas, folclóricas, corporais (dança e música), entre outros saberes e expressões populares.

No entanto, o projeto aprovado pelo Estado Novo Varguista foi readaptado à realidade jurídica brasileira tendo em vista a questão da propriedade, que, sendo assim, resultou na restrição à preservação institucional apenas de bens culturais tangíveis (materiais), portanto, centrados nos patrimônios edificados e nas belas artes do País.

Ferreira et al. (2015) alegam que a definição de patrimônio no início do século XX, no Brasil, centrava-se na noção de bens culturais pertencentes à sociedade brasileira enquanto seus bens coletivos, mas que deveriam ser reconhecidos e tutelados pelo aparelho estatal responsável: o SPHAN, porque se tratavam da criação de elementos legitimadores da ideia de

nação. Com esse pensamento, o Estado Novo instituiu o instrumento de “tombamento” que, calcado em padrões conservadores, seria utilizado para o reconhecimento e proteção de patrimônios culturais nacionais. O ato do tombamento da denominada política de “pedra e cal”²⁷, prerrogativa do poder Executivo, não implica em desapropriação e tampouco determina o uso do bem tombado; mas se trata de “(...) uma fórmula realista de compromisso entre o direito individual à propriedade e à defesa do interesse público relativamente à preservação de valores culturais” (SANTOS, 2001, p. 43).

Dessa maneira, as concepções de patrimônio podem ser concebidas desde 1936 à década de 1970 como “(...) o conjunto de bens móveis e imóveis de excepcional valor” para a legitimação da identidade nacional que o Estado pretendia forjar. Nessa conjuntura houve o ato de tombamento pela União de acervo de “obras de arte eruditas, monumentos arquitetônicos e sítios urbanos coloniais” (FERREIRA et al., 2015, p. 33), por exemplo, as cidades de Ouro Preto, Tiradentes, Diamantina, etc., enquadradas na política de “pedra e cal”.

Nessa conjuntura, o anteprojeto de Mário de Andrade (imbuído no reconhecimento de bens intangíveis, na valorização da memória e das tradições populares) ressurgiu nas discussões da década de 1980 e culmina com a Lei Federal nº 3551/2000 que diz respeito aos bens imateriais da sociedade brasileira.

Considera-se que, após a promulgação da Constituição Federal de 1988, a trajetória do patrimônio cultural brasileiro se consolida no sentido da preservação de bens que incluam à imaterialidade. A Carta constitucional desse período valoriza os saberes e fazeres da população brasileira que emergem nas mais diversas manifestações culturais expressas no País. Nos próprios termos dessa Magna-Carta lê-se:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

²⁷ A política de “pedra e cal” é uma expressão que remonta aos anos 1930, especificamente ao primeiro período conhecido por “fase heroica” (1937 a 1979), sendo caracterizada pelo foco nos bens patrimoniais de natureza material, sobretudo arquitetônicos e remanescentes à época colonial (FONSECA, 2005). Ver referência em: FONSECA, M. C. L. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/MINC-IPHAN, 2005.

- I - as formas de expressão;
 - II - os modos de criar, fazer e viver;
 - III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
 - IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
 - V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
- § 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.
- § 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.
- § 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.
- § 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.
- § 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (BRASIL, 1988, p. 35).

Tal reconhecimento do patrimônio imaterial brasileiro faz parte de um amplo contexto internacional que resultaram em inúmeros protocolos e acordos referentes à importância da proteção dos diversos e dinâmicos elementos da cultura popular.

No contexto do século XXI, a temática do patrimônio cultural tem sido objeto de pesquisa em diversos campos do conhecimento científico, muito em função das questões da memória e identidade que, como dito, são abrangentes nas Ciências Humanas e Sociais. Os debates acerca dos critérios para o reconhecimento dos bens culturais tornaram-se então um dilema em que o Estado foi tencionado a se debruçar na atualização de parâmetros, instrumentos e teorias conceituais a respeito da patrimonialização de bens culturais.

Na era da globalização, que implica no dinamismo de cultura e fluidez das identidades, os estados nacionais modernos necessitam de novas diretrizes que levam em conta a complexidade e dinâmica das sociedades contemporâneas. Tal fenômeno é tratado por Santos (2001) que, citando Fonseca (1997), contextualiza:

O patrimônio cultural, considerado em toda a amplitude e complexidade, começa a se impor como um dos principais componentes no processo de planejamento e ordenação da dinâmica de crescimento das cidades e como um dos itens estratégicos na afirmação de identidades de grupos e comunidades, transcendendo a ideia fundadora da nacionalidade em um contexto de globalização (FONSECA, 1997 *apud* SANTOS, 2001, p. 44).

Percebe-se então que a amplitude e complexidade conceitual da noção de patrimônio cultural tem início no processo globalizante das sociedades contemporâneas em resposta à fluidez das concepções de cultura e identidade nacionais.

Castriota (2015) conceitua patrimônio cultural como algo socialmente construído e afirma que seus valores são atribuídos pelo Estado, especialistas ou mesmo a comunidade, responsáveis em valorar objetos, lugares ou eventos, que vão adquirir valores e usos de acordo com cada grupo ou sociedade. Essa ideia permite entender que patrimônio cultural nada mais é que um elemento produzido pelas pessoas através da cultura tornando assim um dispositivo indispensável para a coesão social devido fomentar a criação de memórias e fortalecimento de laços identitários.

Se o patrimônio cultural é um produto humano culturalmente construído no espaço-tempo é porque quem os produziu, sobretudo as sociedades ocidentais, luta contra a perda dos elementos evocadores de referências histórico-sociais (memória e identidade). Nesse viés, Gonçalves (2015) alerta que a emergência em garantir a defesa e valorização dos patrimônios culturais é o mesmo que lutar pela própria vida e unidade grupal. Isso realça a importância em conhecer e criar instrumentos de proteção e salvaguarda daquilo que as comunidades tomam como seus bens culturais. O autor assegura que os patrimônios tangíveis e intangíveis:

(...) expressam ou representam a “identidade” de grupos e segmentos sociais. Um tipo de arquitetura, assim como uma culinária, uma atividade festiva, uma forma de artesanato ou um tipo de música, pode ser identificado como “patrimônio cultural” na medida em que é reconhecido por um grupo como algo que lhe é próprio, associado à sua história e, portanto, capaz de definir sua identidade (GONÇALVES, 2015, p. 213).

Essa perspectiva auxilia na compreensão das inter-relações entre lugares e pessoas em Felício dos Santos se se toma como base os depoimentos dos moradores a respeito dos elementos referenciais da comunidade. O sentimento de pertença dessa sociedade vem à tona na maneira como alguns se referem aos rios, matas, serras (marcadores sociogeográficos), bem como aos lugares de ancestralidade, de memória, de encontro (sítios arqueológicos) estabelecido por aquela sociedade.

Por um lado, a concepção ocidental e moderna de patrimônio cultural infere no requerimento de políticas e ações preservacionistas centradas na proteção dos bens culturais de uma dada sociedade. Por outro lado, parte das sociedades orientais se posiciona diferentemente dessas perspectivas conservacionistas e entendem que o discurso em torno da patrimonialização não deve focalizar a identidade como elemento principal; pelo contrário, trata-se da maneira como as pessoas se posicionam frente à ordem cosmológica natural e social, cujas entidades, animais, plantas, etc., são partes integrantes e complementares.

Gonçalves (2015), nessa perspectiva, entende que a noção de patrimônio é moderna, pois seu surgimento compreende o período entre os séculos XVIII e XIX: época na qual emerge a consciência de que os bens culturais estavam ameaçados de destruição, de perda. A título de exemplo, a legislação brasileira é clara quanto à defesa do patrimônio arqueológico, em especial a Lei Federal nº 3924/1961 que assegura ser todo vestígio arqueológico um bem pertencente à União. De acordo com o artigo 3º da referida Lei:

São Proibidos em todo o território nacional, o aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação, para qualquer fim, das jazidas arqueológicas ou pré-históricas conhecidas como sambaquis, casqueiros, concheiros, birbigueiras ou sernambis, e bem assim dos sítios, inscrições e objetos enumerados nas alíneas b, c e d do artigo anterior, antes de serem devidamente pesquisados, respeitadas as concessões anteriores e não caducas (BRASIL, 1961, não paginado).

Respalhando nas exigências da legislação, recomenda-se que as empresas de mineração implantadas no Alto Jequitinhonha (e região) façam estudos prévios direcionados aos bens culturais, visto ser patente o potencial histórico e arqueológico de lugares que guardam registros de culturas que muito pouco ou quase nada se sabe até o momento.

Arantes (2009) afirma que no complexo processo das relações sociais as sociedades atribuem valores diferentes às edificações construídas e aos elementos da natureza, além de materializar suas credences e testemunhar os fatos referenciais da memória coletiva. Esses modos distintos de valorizar os bens culturais parecem ter fundamento no que esse autor quando certifica que a maioria dos grupos humanos:

Cultivam atividades, conhecimentos e modos de saber-fazer que, ao mesmo tempo, servem a fins práticos e identifica, diferenciam e hierarquizam categorias e estratos sociais, participando da estruturação da vida em sociedade, da formação das identidades e da alimentação do sentimento de pertença (ARANTES, 2009, p. 1).

Corroborando com essa concepção fica esclarecido que as comunidades, de um modo ou de outro, sofrem com a mutilação dos elementos que remetem à sua própria história, às memórias e identidades sociais, uma vez que intrinsecamente alimentam o sentimento de pertencimento das pessoas de um dado corpo social. Na conjuntura de destruição ou mutilação dos elementos identitários das comunidades tradicionais depreende-se a necessidade de se criarem políticas patrimoniais tanto para a preservação dos “lugares de memória” como para o estabelecimento de atividades socioeducativas direcionadas para o reconhecimento dos bens culturais locais. Isso posto torna-se presumível que os grupos humanos tomarão consciência da importância de suas referências socioculturais a medida que se apropriarem dos bens culturais formadores de sua própria memória e identidade.

CAPÍTULO 04 - DISCUSSÕES E RESULTADOS

Na sociedade de Felício dos Santos as inter-relações estabelecidas com os “outros” são tecidas de múltiplas maneiras, tendo em vista a complexidade da interação entre as pessoas, ambiente e comunidade acadêmica, por exemplo. Torna-se, então, oportuna a utilização da metodologia de pesquisa com a análise de conteúdo para se ter dados mais assertivos no tocante ao processo inter-relacional na área estudada.

A análise de conteúdo compreende o conjunto de “(...) várias técnicas em que se busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos” (MACEDO, 2017, p. 88). Essa metodologia consiste em um conjunto de técnicas que servem para captar e analisar dados sobre o comportamento humano, possibilitando pelo menos duas finalidades, quais sejam: teste de hipóteses ou questões-problema e fazer inferências a respeito dos conteúdos manifestos pelos sujeitos investigados (MINAYO, 1994).

Bardin (2010) diz que esse método científico é o estudo analítico das informações comunicadas pelos sujeitos sociais utilizados para o alcance de resultados sistemáticos que possam ser usados na produção de inferências sobre o objeto investigado. Logo, a análise de conteúdo é entendida como uma metodologia de pesquisa “composta por procedimentos sistemáticos que proporcionam o levantamento de indicadores (quantitativos ou não) permitindo a realização de inferência de conhecimentos” (MACEDO, 2017, p. 88).

Assente aos preceitos desses autores torna-se indispensável a aplicação da metodologia de análise de conteúdo para a contextualização e formulação de inferências acerca das narrativas contidas nas entrevistas e das respostas do questionário elaborado, ambos direcionados ao público-alvo da pesquisa.

4.1 O estabelecimento de lugares em Felício dos Santos

O modo de descrever o local onde se vive, de certa maneira, diz respeito às várias formas de se enxergar o mundo a partir das experiências vivenciadas nos lugares. Os habitantes de Felício dos Santos descrevem esse espaço da vivência a partir das percepções e

interações (físicas e imaginárias) com o ambiente. Na concepção de muitos moradores a região onde habitam não pode ser caracterizada apenas pelos aspectos fisiográficos, mas, sobretudo, são repletos de atributos que estão intrinsecamente relacionados ao modo de vida e à cultura de cada um e de cada comunidade.

Vale ressaltar que onde hoje denomina-se Felício dos Santos fora ocupada por grupos humanos há pelo menos sete mil anos antes do presente (ver Tópico 1.1). Cômico disso, sabe-se que a atual população procura relacionar muitas de suas vivências com os vestígios da cultura ameríndia expressas na paisagem local. Isso surge de forma nítida em muitas respostas do público-alvo da pesquisa quando questionados sobre o processo de ocupação humana antiga daquele território:

Quadro 6 - Categoria de análise sobre a ocupação humana na área da pesquisa

Comunidades e órgãos públicos	Você ou seu grupo relaciona o processo histórico de ocupação deste Município com parte de suas vivências, experiências, enfim, com sua história pessoal?
Cabeças	<p>“<u>Tudo começou com aqueles nativos que viviam naquela região.</u> Assim, <u>sou descendente destes primeiros nativos que se misturou com os outros povos.</u> Então essa mistura de gente foi boa por um lado, mas ruim para outro, porque houve uma melhora por ter diminuído o sofrimento dos nativos e piorou pelo lado da destruição. Antes não tinha estradas por aqui, depois da mistura já fizeram estradas e com ela outras coisas para ajudar, mas muito também para destruir a natureza”. (Grifos meus). (Abril de 2019).</p>
Escola Estadual Felício dos Santos	<p>“(...) <u>acredito que a história de nossos antepassados também conta uma parte significativa da nossa própria história.</u> O processo inicial de ocupação deles aqui, ainda que há milhares de anos, foi fator primordial para que possibilitasse nossa estadia aqui hoje. É claro que diversos fatores interferiram para que houvesse essa ocupação justamente aqui, mas <u>acredito também que o processo de ocupação é contínuo,</u> e que a minha vivência e a de todos que aqui se encontram, ainda que inconscientemente, estão se relacionando com o processo de ocupação deste Município, que está cada vez mais se expandindo”. (Grifos meus). (Agosto de 2019).</p> <p>“<u>Não vejo relação de convivência</u> alguma com os sítios arqueológicos por aqui”. (Grifo meu). (Maio de 2019).</p> <p>“(...) sentimento de <u>pertencimento e resgate cultural</u>”. (Grifo meu). (Setembro de 2019).</p>
Cidade	<p>“Essa relação parte do pressuposto de que <u>o conhecimento dos povos primitivos em relação à escolha de locais propícios à habitação e desenvolvimento de suas atividades socioculturais tem passado de geração à geração,</u> o que permitiu a sobrevivência e evolução dos povos que hoje habitam a cidade”. (Grifo meu). (Agosto de 2019).</p>
Indaiá	Sem informação. (Agosto de 2019).
Fazenda Nova	<p>“Relatos de que <u>sou descendente de antepassados um pouco distantes (índio/nativo) que viveram e participaram e construíram de alguma maneira a sociedade e a história em nossa comunidade.</u> <u>Essa relação traduz o conhecimento do pertencimento de grupos sociais que viveram no passado.</u> <u>Minha avó paterna afirmava ser tataraneta de uma bugra capturada a laço na época da colonização da nossa região.</u> No entanto, a miscigenação absorveu qualquer traço que eu pudesse conservar da característica indígena”. (Grifos meus). (Maio de 2019).</p>
Sampaio	<p>“<u>Não tenho conhecimento suficiente para responder essa questão</u>”. (Grifo meu). (Maio de 2019).</p>

Corre Dona	“Esta relação se dá na medida em que interpreto que <u>o processo histórico de ocupação deste município deixou fortes rastros na cultura que faz parte da minha história pessoal</u> ”. (Grifo meu). (Maio de 2019) .
Carazal	“ <u>Sim, acredito que pelo fato dos índios morarem aqui conta a história do meu povo</u> ”. (Grifo meu). (Setembro de 2019) .
Grota das Cobras	“Sim. Temos <u>fortes relações com nossos antepassados</u> ”. (Grifo meu). (Agosto de 2019) .
Câmara Municipal	“Produção com harmonia possível da natureza; produzindo para sobreviver, <u>valorizando conhecimentos antigos e populares</u> ”. (Grifo meu). (Setembro de 2019) .

Fonte: Autor, 2019.

Dentre as comunidades e órgãos públicos, apenas Indaiá, Sampaio e um representante da Escola Estadual demonstram não possuir relação entre suas experiências coletivas e os povos originários que ocuparam aquela região. Por outro lado, os povoados do Cabeças e Fazenda Nova trazem histórias diferentes acerca da descendência indígena em suas famílias. De modo geral, percebem-se modos distintos de resgate tanto da cultura indígena quanto do conhecimento sobre a existência da ocupação ameríndia em Felício dos Santos.

A partir desse vínculo ao passado ameríndio, muitos moradores estruturam seus lugares “(...) por meio de elementos dinâmicos e interativos, sempre entendidos, significados/(res)significados por seus ocupantes” (FAGUNDES, 2019a, p. 228). Embora as pessoas tenham percepções diferentes acerca do seu entorno, elas retomam os elementos fisiográficos constitutivos do meio para criarem suas paisagens de vivência. Essas concepções vêm à tona em trechos das entrevistas com moradores dos povoados locais:

“Moro na comunidade da Fazenda Nova... É próximo da cabeceira do córrego do Indaial. A paisagem é constituída de serras... as serras ficam um pouco mais distantes... uma pequena ondulação e que hoje é coberta por, principalmente, pastagem. Mata que, oriunda da Mata Atlântica, tem poucos... poucas distâncias por assim dizer. Mais é ((pensando)) hoje por causa da exploração agropecuária tá tudo constituído de pastagem”. **(Entrevistado 01, Indaiá, Outubro de 2019)**. (Grifos meus).

“Minha comunidade fica a uns quatro quilômetros retirado aqui do centro da cidade é:: conhecido como Grota das Cobras. Nós temos lá as matas nativas, natural... temos o córrego... é um lugar onde tem uma vista muito descoberta que você consegue enxergar grande parte da... (...) não tem serra, mas consegue enxergar a grande parte de outra serra das outras comunidades, por exemplo: PEDRA MENINA (serra de Pedra Menina), serra do ((pensando)) eu não sei te explicar mais ou menos (...) mas enxerga várias, do Indaiá, da Bocaina (PEDRA ROXA, NÉ?) Fala muito dessa Pedra Roxa! Onde tá na cabeceira da ÁGUA QUENTE, CAPÃO BONITO... toda essa serra a gente consegue enxergar lá nessa comunidade”. **(Entrevistado 04, Grota das Cobras, Novembro de 2019)**. (Grifos meus).

“Eu moro na comunidade do Corre Dona. Fica próximo à cidade aqui, fica a uns dois quilômetros. Ah! Corre Dona é um lugar que ((pensando)) tem entorno de umas seis famílias que moram lá. Tipo assim... mais próximo onde eu moro ali. É ((pensando)) tem um pedaço que é mais limpo assim que é os pastos... tem um campo próximo a minha casa lá, basicamente do lado. Tem algumas matas... tem uma mata ao redor, mais no alto... o resto já foi desmatada, né?! Tem um córrego

que corria lá que hoje já não corre mais, porque já secou que era o CÓRREGO CORRE DONA, que um dos marcos também do lugar né?! É ((pensando)) além disso ali também é um lugar que a gente::: o pessoal planta roça... então tem algumas roças ali... o pessoal cultiva o urucum... planta milho e::: tem alguns cavalo também e alguns outros animais, mas é basicamente isso. Ali do Corre Dona você tem uma visão até boa. Ali você enxerga ali é ((pensando)) a SERRA DOIS IRMÃOS, né?! Seguindo a estrada direto tá próximo lá. Você também consegue enxergar aqui a SERRA DA BOCAINA que é a SERRA DA PEDRA MENINA também, né?! Que a maioria conhece assim. E você enxerga também as matas... que tá ao redor dessas serras, né?!”. (Entrevistado 05, Corre Dona, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“Eu sou da comunidade Sampaio que fica aproximadamente a sete quilômetros da sede de Felício dos Santos. A comunidade é totalmente rural e leva os traços da agricultura familiar e ela está inserida próximo as nascentes de um dos afluentes do ribeirão Santana. As serras do Matão... (...) fica próximo à Mata do Isidoro, que é uma importante mata da região... que está dentro de uma APA também... é a Área de Preservação Ambiental que preserva a vida e flora. Tem próximo o ribeirão Santana que até mesmo forma as cachoeiras do Lajeado... e tem outras nascentes ao entorno, porém com um volume menor. Então! A paisagem é uma paisagem que acho que ainda tá bem conservada, já teve bastante exploração, principalmente na época do carvão... que o carvão estava muito forte... entretanto, hoje você tem uma vista muito boa, muito preservada em questão da mata. (...) da minha casa, principalmente, eu consigo ver a serra do Taioabal que é uma serra que dentro do Parque Estadual do Rio Preto. Também o Pico Dois Irmãos que eu acho que é a montanha mais alta aqui na região. Consegue ver também a serra da Pedra Menina que tem um destaque bacana e próximo tem o LAJEADO que é importante ponto turístico da região e que tá dentro do ribeirão Santana”. (Entrevistado 06, Sampaio, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“Eu moro na comunidade de José Rodrigues lá numa região que chama Roseira. Esse local onde eu moro é de muitas serras, já não tem tantas matas como havia antes, passa pelo rio ARAÇUAÍ e... fica perto... perto não, mas a gente consegue ver a serra do Indaial de lá [Bocaina/Miranda]”. (Entrevistada 09, Roseira, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“Moro em José Rodrigues... a minha casa fica aproximadamente nove quilômetros da cidade, que é o local onde eu trabalho, e eu moro bem próximo ao rio ARAÇUAÍ. O lugar onde eu vivo é um lugar com matas... rios... MATAS FECHADAS. O lugar onde eu moro mesmo ((pensando)) minha casa é rodeada de muitas::: árvores... tem é::: animais silvestres. Não tem serra... próxima não. (...) tem o rio Araçuaí que passa à setenta metros da minha casa e ((pensando)) tem uma cachoeira... PEQUENA... de mais ou menos um metro de caída”. (Entrevistada 10, José Rodrigues, Novembro de 2019). (Grifos meus).

Percebe-se que há uma maneira afetiva de cada uma dessas pessoas em se apoiarem na fisiografia do meio para dizerem ou descreverem o lugar onde moram. Fato é que em todos os depoimentos é constante o uso de marcos fisiográficos (ou sociogeográficos) para a descrição ou construção dos espaços de vivências daqueles sujeitos. De uma maneira mais fundamentalista, os habitantes da cidade de Felício dos Santos descrevem o local onde vivem dando relevância aos indicadores naturais do entorno:

“(...) uma das questões que eu acho mais interessantes e evidente em Felício dos Santos, que apesar de ser essa região de vale, ou seja, uma grota grande como o próprio nome antigo de Felício já falava, ele está localizado numa região muito privilegiada. Porque a gente está no topo da::: na parte alta do Vale do Jequitinhonha,

a gente tem mais de 400 nascentes perene, ou seja, é um vale, é um município amplamente irrigado, ou seja, a questão hidrográfica do município é muito grande... (...) a gente é ainda a região do Vale do Jequitinhonha que tem muitas matas, tem três tipos de vegetação predominantes que são campos rupestres, cerrados e campos de altitudes que são matas é:: uma mata de transição entre cerrado e Mata Atlântica. E o ponto principal de Felício que eu mais gosto de destacar que a gente está numa região de ecótono que é uma região de alta biodiversidade de plantas, de animais, de fitofisionomias, de vegetais, ou seja essa localização geográfica entre um vale e outro. (...) Que a gente tá no Vale do Jequitinhonha na borda do Vale do rio Doce... essa região é primordial... ou seja, em questão de endemismo de plantas, animais e principalmente de questões climáticas e de vegetação que isso dá essa diferença. Nessa região de ecótono a gente tem a Mata do Isidoro, fica na região sul, na região leste a gente tem a serra do Miranda ou serra da Bocaina na região oeste a gente tem a Chapada e também na região sul a gente tem o ponto culminante que é a serra dois Irmãos. (...) Na parte central, como falei que é um vale, corre o rio Araçuaí onde tem um dos grandes tributários dele o ribeirão Santana". (Entrevistado 02, Cidade, Outubro de 2019). (Grifos meus).

"Eu vejo Felício como um dos lugares mais importantes do Alto Jequitinhonha na questão de riqueza ambiental e de paisagens. Porque? Nós estamos numa divisão de bacias hidrográficas. A gente tem o rio Araçuaí aqui, né?! Responsável por abastecer os outros municípios, ainda mais nessa crise hídrica, eu vejo ele como o principal meio de assegurar a água para os outros municípios. Nós estamos num território ex-tre-ma-men-te importante, né?! Estamos aí na vertente da SERRA DO ESPINHAÇO, estamos ainda nesse mosaico da Serra do Espinhaço e estamos também na Rota da Estrada Real o que dá uma identidade pra gente de um território rico de SERRAS... um território rico de diversidade ambiental... a gente vê uma transição muito forte de Mata Atlântica para o Cerrado, o que facilita a nossa vida, facilita a vida do agricultor, por exemplo, porque ele tem uma qualidade de uma terra melhor... ele tem uma qualidade de vida". (Entrevistada 07, Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal, Novembro de 2019). (Grifos meus).

A partir desses relatos supracitados parece que somente a fisiografia do local consegue traduzir as concepções dos moradores acerca dos lugares onde vivem. Contudo, vale lembrar que esses entrevistados não apenas se referenciam na materialidade do lugar, como também se relacionam com os elementos artificiais, tendo em vista o estabelecimento de relações êmicas na concepção e criação dos lugares (FAGUNDES, 2019a).

A demonstração de afetividade, sentimento de pertencimento com o espaço de vida (a comunidade onde mora) está presente na maneira como as pessoas investigadas concebem seus lugares. Esse fenômeno pode ser lido em depoimento, por exemplo, de um morador do Loronha:

"Moro na comunidade do Loronha. Pra mim é a minha vida, porque o Loronha é onde eu nasci... onde toda a vida da gente é... tudo relacionado ali naquele local... nessa comunidade. (...) Ali a gente tem muita ((pensando)) igual hoje diminuiu demais, mas antes eram muitas matas (...). É um local que... igual falei... é a vida... É uma coisa que não sai da mente da gente horas nenhuma". (Entrevistado 08, Loronha, Novembro de 2019). (Grifos meus).

Observa-se que essa postura emotiva, afetiva de descrição do lugar diz respeito àquilo que Yi-Fu Tuan (1983) chamou de topofilia, isto é, afeição pelo ambiente onde o sujeito está

inserido. Nesse sentido, o entrevistado relata que sua comunidade é sua própria vida, uma vez que está intrínseca à sua maneira de ser e estar no mundo: à sua cosmovisão e ontologia.

Em todos esses relatos, os depoentes se reportam à fisiografia do meio para descrever o local de seu cotidiano, de suas vivências, de suas vidas, uma vez que para isso eles citam as principais matas, serras, rios e córregos da região. Se as paisagens são experiências de vida (ZVELEBIL, 1997) tudo indica que aqueles marcadores sociogeográficos indicados pelos relatores, além de constituírem lugares influenciam na maneira como essas pessoas entendem e constroem suas comunidades, levando em consideração que esses indicadores naturais são importantes porque fazem parte do cotidiano dessa população.

4.2 Culturalização dos lugares: usos e interpretações do ambiente

Sabe-se que “as paisagens refletem o uso social da terra, por indivíduos e comunidades, ao longo do processo histórico, onde as diferentes atividades da vida humana modificam e culturalizam sua constituição, visto que são criadas e modificadas pela história” (FAGUNDES, 2019a, p. 228). Ciente disso, grande parte das atividades socioprodutivas praticadas atualmente em Felício dos Santos tem raízes nos modos de vida e cultura das gerações anteriores. Ainda hoje o vínculo com a terra por meio da lavoura, do uso dos campos de altitude (as chapadas), das serras, das matas e dos cursos d’água, etc., colocam em evidência as permanências e aprimoramento de técnicas, ferramentas, tal como da utilização e reutilização dos recursos naturais e do próprio ambiente atual.

No tocante às atividades socioprodutivas, os sujeitos entrevistados relataram que há vários modos de usufruto dos lugares onde eles atualmente moram:

“No passado a principal atividade econômica da região, e não só dessa região mas do município inteiro, era a produção agrícola (milho, feijão, arroz, cana, mandioca), mas com o passar do tempo a atividade econômica foi mudando. Hoje, basicamente, não só aqui na minha comunidade, mais praticamente em todo o município de Felício dos Santos é (...) pequenas criações de animais, pequenos criadores, mas a grande maioria do espaço ... é natural ... é coberto por pastagens. Ainda é praticado numa escala muito pequena a plantação de milho, pocã, mas mais destinado mesmo a alimentação de animais. Ah! A integração co-coletiva das pessoas fica mais relativizado na questão da exploração desse... de-dessa exploração mesmo de agropecuária. O pessoal se organiza e trabalha nessa linha de pequenos criadores”. (Entrevistado 01, Fazenda Nova, Outubro de 2019). (Grifos meus).

“Antes nossa terra era uma terra até muito boa... a gente tinha a vage que dava para plantar um arroz, pra cana era uma terra muito boa onde tinha muito quantidade de

canavial que meu avô e meus pais tocavam. Também pra mandioca... e assim... ela não era muito boa pra plantação de milho e feijão, mas tinha alguns fundos que a gente considerava como quintal que a gente plantava o milho e feijão. Mas pra outros tipos de qualquer plantação a terra era ótima... laranja... bananeira... tudo quanto há que você acha de fruta a terra era bem produtiva. Hoje muito pouco plantamos, porque a gente saiu foi empregar fora... os pais da gente hoje (...) não tá aguentando mais trabalhar, né?! Por causa da idade e tudo... aí os avós já foi falecido... então a gente:: só mesmo aquele tempinho, aquele intervalo assim fora dos empregos, a gente ainda planta alguma coisinha... temos o quintalzinho lá... planta alguma coisa, mas muito pouco... mas tudo que planta nessa terra é colhido. A terra é bem cultivada ainda!”. (Entrevistado 04, Grota das Cobras, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“Antepassado era mais para a agricultura, né?! Familiar. Cultivo de milho, feijão, arroz e alguns outros alimentos, basicamente isso. Tem também alguns pastos para animais, cavalo, mas também antigamente foi roça. Já atualmente se planta lá um pouco de milho, mas o cultivo maior lá é o urucum e hoje também a plantação de eucalipto lá que serve para o uso da própria comunidade. (...) também para a apicultura, né?! Tem um produtor de mel lá na localidade, que é meu pai, e então serve muito para a apicultura”. (Entrevistado 05, Corre Dona, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“No passado a economia de lá girava entorno do carvão. Então a exploração da mata através do carvão. Como também a produção de cana de açúcar pra produção de rapadura, plantio de feijão, de milho, de arroz e a:: pecuária também. Atualmente o que mais prevalece é a PECUÁRIA, ou seja, é o pastoreio e essas coisas e questões voltadas para a agricultura familiar mesmo: hortaliças... vegetais... verduras... basicamente isso”. (Entrevistado 06, Sampaio, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“Na época da gente, dos meus pais, dos meus avós, o que que eles faziam eram plantação de subsistência mesmo. Eles desmatavam um local para plantar milho, arroz que era na área mais baixa, mandioca. Quando eles falava que a terra estava ficando fraca, eles deixavam ela brotar a mata e aí eles mudavam pra não acabar. (...) As matas, as nascentes ali estavam vivas, porque as matas não acabavam, NÃO DESNUDAVA A TERRA. Hoje é muito pouco... uma pelo clima que tá assolando demais a população e aí já vem o êxodo rural que as pessoas, ao invés de ficar naquela vida ali simples, eles buscam as grandes cidades pra-pra sobreviver, por assim dizer”. (Entrevistado 08, Loronha, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“Lá sempre o pessoal sempre trabalhou com plantação de milho, arroz, feijão, urucum. E continua plantando não com a demanda de antes, muitas pessoas não vivem só disso. Antigamente era mais. (...) Minha mãe inclusive ainda trabalha em plantação”. (Entrevistada 09, Roseira, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“(...) Os meus pais que são produtores rurais... meu pai produtor rural, meus irmãos são também, então plantava milho, plantava feijão, arroz... e isso até hoje. (...) ainda tem um irmão que consegue levar isso com mais dificuldade devido talvez a escassez do solo que tem demonstrado bem mais frágil, mas ele ainda consegue ainda seguir muitas coisas dessa economia que a gente tinha no passado. ---- Então o meu presente ainda está muito ligado a essa economia antiga, como se eu não tivesse saído dele ainda”. (Entrevistada 10, José Rodrigues, Novembro de 2019). (Grifos meus).

Esses depoimentos esclarecem que o sustento de grande parte da população advém dos vários modos de cultivar a terra, sendo que muitas famílias do Município ainda vivem da economia de subsistência ou da agricultura familiar. As plantações (milho, feijão, arroz,

mandioca, cana de açúcar, etc.) e a pecuária de “solta” estão dentre as atividades socioprodutivas mais praticadas nas comunidades pesquisadas.

O sofrimento de muitos núcleos familiares que não tinham terras produtivas e eram obrigados a deslocarem para outras regiões em busca de fontes de renda para sua sobrevivência era um fato recorrente. Essa realidade está viva na memória de um depoente:

“A experiência da gente ali é uma coisa que é e foi muito importante (...) que a gente naquela época, vivendo nessa comunidade naquele sofrimento total, então a gente vivia muito de campina, a gente fala CAMPINA... é SEMPRE-VIVA. Então a gente mudava pra ((pensando)) lá hoje é o Parque do Rio Preto, mas faz divisa aqui com o Loronha, então a gente mudava pra lá pra pegar sempre-viva e ficava ali desfrutando daquilo que é uma renda. (...) talvez a lavoura não estava dando nada... tava pouco... então aquilo era um acrescentamento para manter mesmo! Pra manter a alimentação”. (Entrevistado 08, Loronha, Novembro de 2019). (Grifos meus).

Esse relato deixa implícito o uso recente dos campos de altitude (as chapadas) pelas famílias que realizavam a coleta de flores para complementação de renda, ainda que seja uma atividade penosa, como expresso pelo morador do Loronha.

Nos últimos anos alguns povoados têm sido alvos de empreendimentos dos plantadores de eucalipto e café, o que tem impedido o cultivo dos produtos de subsistência e a tímida atividade pecuarista de “solta” desenvolvida há tempos pelos pequenos produtores da região.

Sobre a silvicultura naquela localidade, dois depoimentos expressam o descontentamento da comunidade em relação aos impactos causados por aquela:

“Tem vindo também grandes plantações [café e eucalipto] que estão buscando águas desse rio e tirando um volume muito grande de água. Então tudo isso tem contribuído pra que esse rio diminua e nem chega talvez daqui uns anos ao final do Jequitinhonha”. (Entrevistada 10, José Rodrigues, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“(...) e vem os grandes fazendeiros e aquelas matas... aqueles pe-da-çi-nho onde era desmatado que o restante estava preservado, hoje eles metem o trator em cima e planta CAPIM, aí na época da chuva o capim tá verde... BONITO... a terra protegida. Quando é na época da seca, o capim seca todo, a criação come aquela bagaceira e fica a terra desnudada. A causa maior das nascentes nossas de água de percolação estarem secando”. (Entrevistado 08, Loronha, Novembro de 2019). (Grifos meus).

Os plantios de café na comunidade José Rodrigues e eucalipto próximo ao Loronha, segundo esses relatos, contribuíram para a escassez das águas que antes garantiam o sustento dos pequenos núcleos familiares. Dessa forma, presume-se que a utilização dos recursos hídricos era mais constante naquela sociedade, visto ser de fundamental importância para o

desenvolvimento das atividades socioprodutivas que remontam ao período colonial, como: roda de farinha, engenho d'água, moinho, dentre outras máquinas movidas à água.

Nas últimas décadas tem sido dito com frequência a expressão “agricultura familiar” para se referir à forma de economia empregada pelos pequenos produtores rurais de regiões interioranas do Brasil. Essa expressão vem à tona explicitamente, mas às vezes implicitamente, nas falas dos entrevistados para demonstrar as formas de sobrevivência na comunidade por meio dos diversos usos das potencialidades de cada lugar. Dessa forma, os diversificados modos de utilização do ambiente fazem parte do processo de construção da paisagem regional que, por ser um produto humano (FAGUNDES, 2015; FAGUNDES, 2019a), diz respeito aos modos de vida e cultura das sociedades.

A utilização dos campos rupestres, por exemplo, coloca em evidências certas práticas socioprodutivas que algumas comunidades desenvolvem quando se interagem com as chapadas onde há resquícios de grupos humanos pretéritos:

Quadro 7 - Categoria de análise sobre os usos dos campos rupestres do lugar

Comunidades e órgão públicos	Quais os usos vocês faziam ou fazem dos campos rupestres onde há sítios arqueológicos?
Cabeças	“ <u>Antes plantávamos perto daquela lapa</u> , mas sempre cuidava para não destruir ela. Ali tinha <u>roça de milho, feijão, mandioca, arroz</u> e tudo quanto for mantimento que nós precisávamos para viver. Uma <u>caçada nós gostávamos de fazer naquelas serras por ali</u> , mas não fazemos mais porque temos a consciência de preservar para não acabar com tudo. <u>Hoje em dia planto ali somente braquiária para alimentar meu gado e futuramente quero produzir mel de abelha</u> . E eu sonho é fazer uma <u>pousada para receber pessoas e levar para visitar a lapa das pinturas</u> ”. (Grifos meus). (Abril de 2019) .
Escola Estadual Felício dos Santos	“ <u>Apanhar sempre-viva ainda é um hábito</u> . <u>Pastorear gado</u> acredito que é uma das atividades que mais tenha crescido devido ao aumento da população. As <u>caçadas</u> , graças ao avanço da humanidade em relação ao armazenamento de comida e também por ter se tornado crime, diminuíram bastante, mas ainda assim não desapareceram por completo. (...) as <u>passagens das tropas</u> , essas foram cedendo lugar para criação de novas estradas. <u>Atualmente acredito que o campo rupestre do município de Felício tem sido também local de campo de estudo, de turismo e de exploração dos recursos minerais</u> ”. (Grifos meus). (Agosto de 2019) . “ <u>Esses campos rupestres foram utilizados por mim e pelos meus familiares na colheita de sempre-viva e no uso das estradas de tropa</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019) . “ <u>Nenhum</u> ”. (Grifo meu). (Setembro de 2019) .
Indaiá	“Eu, por exemplo, descobri alguns quando estava com <u>uso do local para extrair madeira e orquídeas</u> . Sei que outras pessoas estavam usando o local para <u>caçadas e passeios ecológicos</u> ”. (Grifos meus). (Agosto de 2019) .
Fazenda Nova	“(...) <u>extração de areia, de granito, pastoreio de animais, atividades agrícolas, etc.</u> , no entorno dos sítios arqueológicos. <u>O uso propriamente dito do campo rupestre como arqueologia é insignificante</u> , uma vez que a população ainda não se convenceu do seu valor histórico”. (Grifos meus). (Maio de 2019) .
Sampaio	“(...) na região onde moro, é muito comum o <u>pastoreamento de gado</u> , também se faz presentes <u>trilhas</u> , e há também <u>retirada de madeira para o uso próprio</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019) .
Corre Dona	“ <u>Caminhadas próximas aos sítios arqueológicos</u> . O uso que fazemos desses sítios

	arqueológicos e campos rupestres são apenas para <u>visitas</u> ". (Grifos meus). (Maio de 2019) . "Provavelmente estão sendo usados para o <u>pastejo de gados</u> . (...) esses locais foram usufruídos por <u>tropas</u> ". (Grifos meus). (Maio de 2019) .
Cidade	" <u>Nenhuma atividade é realizada por mim</u> . Hoje, os campos rupestres têm sido inseridos às <u>atividades pastoris</u> , principalmente com o <u>uso de fogo</u> , mas há também atividades relacionadas à <u>extração de recursos minerais</u> , até mesmo desfigurando os sítios arqueológicos em si". (Grifos meus). (Agosto de 2019) .
Carazal	"Fiquei sabendo por um amigo que neste local existia a <u>extração de areia nos sítios de Três Fronteiras</u> . Os campos rupestres ainda são utilizados como <u>pastagem para a criação de gado</u> ". (Grifos meus). (Setembro de 2019) .
Grota das Cobras	"A minha região era de sobrevivência porque tinha <u>frutas do cerrado</u> , por exemplo. <u>Porém, hoje não tem mais essa cultura</u> porque o plantio de eucalipto e o lixão tomou conta". (Grifos meus). (Agosto de 2019) .
Câmara Municipal	"Fazíamos deles <u>passagem de tropas e lugares de caçadas</u> ". (Grifo meu). (Setembro de 2019) .

Fonte: Autor, 2019.

Esses depoimentos indicam que os principais usos dos campos rupestres da área pesquisada são destinados aos caminhos de tropeiros e boiadeiros, locais de caçadas e coleta de flores, raízes medicinais, entre outras (Quadro 7). A lavoura, o garimpo, a extração de madeiras e orquídeas são práticas que foram e ainda são desenvolvidas nos povoados, porém em menor quantidade (Quadro 7). Há somente uma informação cuja resposta foi negativa para a utilização daquele ambiente (3º representante da E. E. Felício dos Santos, Quadro 7), o que porventura pode indicar a falta de conhecimento ou contato com aquele lugar. Por outro lado, o turismo ecológico tem-se mostrado uma das atividades mais frequentes da atualidade com relação aos usos dos campos de altitude, conforme relatado pelos moradores de Cabeças, Indaiá, Sampaio, Corre Dona e o 1º representante da escola (Quadro 7).

Se os usos dos ambientes são tão diversificados, como mostram os relatos supracitados, certamente porque os modos de ocupação dos lugares envolvam questões de ordem não apenas materialistas, adaptativas, mas simbólicas, imaginárias. Sabe-se que grupos humanos ocupam uma área não somente pelas potencialidades ambientais intrínsecas a ela, uma vez que as escolhas fazem sentido devido aos porquês, como e onde se estabelecer (FAGUNDES, 2019a).

Portanto, todas essas narrativas colhidas nas entrevistas e questionário permitiram inferir que as atividades socioculturais praticadas em Felício dos Santos estão intrinsecamente relacionadas ao modo de vida e à cultura daquela população. Cultura essa de pequenos produtores rurais, comerciantes, funcionários públicos, estudantes, etc., que ainda mantêm sólidos vínculos com a terra, os rios e as matas; inerentes ao seu cotidiano, às suas experiências, enfim, às formas e percepções do mundo onde vivem.

4.3 As memórias e identidades emergentes nos lugares da comunidade

As narrativas acerca do senhor Isidoro²⁸ estão vivas na memória histórica da comunidade pesquisada. Memória tal que tem a função de resgatar os resquícios do passado para servir ao presente e garantir o futuro das pessoas ou grupos (LE GOFF, 2013). Ela é evocada nas histórias, causos, lendas e mitos contados pelos indivíduos de uma sociedade que, na maior parte das vezes, buscam perpetuarem suas experiências de vida recontando suas façanhas e fatos memorialísticos. Esse fenômeno ocorre quando se analisam os relatos de alguns moradores que pastoreavam gado na Chapada do Couto (Figura 15) e na região da Mata do Isidoro (Figuras 19):

“(...) igual a Mata do Isidoro (...) é uma lenda, a gente tem como realidade... que ali existia garimpo na época que esse Isidoro Marques que disse que era um homem FUGITIVO SEI LÁ dos portugueses na época e ali na Mata do Isidoro é uma mata conhecida por a gente”. (Entrevistado 08, Loronha, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“(...) O pessoal conta que um escravo minerador das bandas do Jequitinhonha tirava os diamantes lá e vinha guardar os diamantes aí nessa mata que ficou conhecida como Mata do Isidoro. Se é verdade a gente não sabe! Mas tem algumas lendas a respeito desse escravo minerador”. (Entrevistado 01, Fazenda Nova, Outubro de 2019). (Grifo meu).

“A Mata do Isidoro também tem um apreço muito grande por ela. Principalmente pelo contexto histórico que ela tem [relativo ao senhor Isidoro]... e pela quantidade de-de da fauna que é presente naquele determinado lugar”. (Entrevistado 06, Sampaio, Novembro de 2019). (Grifos meus).

Está implícito nesses trechos que a atividade minerária praticada no Isidoro (Figura 19) legou inúmeras recordações das experiências vividas pela população. Alguns relatos revelam que o garimpo não deixou de existir naquela floresta, uma vez que os antigos moradores da região para ali se deslocavam tanto para garimpar com bateias como para procurar o tão sonhado chifre cheio de diamantes que fora escondido ali pelo senhor Isidoro.

Tal façanha permeia o imaginário daquela sociedade até hoje, como pode ser lido no depoimento do neto de um garimpeiro naqueles arredores:

(...) Meu pai não era muito de andar assim não, ele andava muito pouco, mas agora meu avô já gostava, por exemplo: tinha a Mata do Isidoro que é uma mata muito falada também, né?! (...) então ele gostava de levar um garimpo tipo assim... um divertimento... um esporte. (...) Ele tinha aquele sonho lá que tinha uma riqueza lá.

²⁸ Negociador de diamantes na região do antigo Arraial do Tejuco (atual Diamantina), ver tópico 1.5 deste trabalho.

Então costumava juntar e ia pra lá BATEAVA MESMO com as peneiras... mas assim, como esporte. Então era assim... com a intenção de destruir nem nada não. Então era assim... que ELE GOSTAVA MESMO de ter aquele garimpo, né!? Que fala garimpo sadio. (Entrevistado 04, Grota das Cobras, Novembro de 2019). (Grifos meus).

Esse relato esclarece que os usos da dita floresta estavam relacionados às atividades de garimpo, mas também de usufruto de boiadeiros, caçadores, coletores de flores e outros grupos de pessoas que, além de se aventurarem na procura da possível riqueza do Isidoro, tinha como foco a própria subsistência e a complementação de renda. Desse modo fica evidente que “a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução” (NORA, 1984, p. 19).

Se os lugares são formadores de paisagens (FAGUNDES, 2019a), as experiências vivenciadas neles podem ser entendidas como produtos constitutivos das memórias (individuais e coletiva) e da própria identidade. Todavia, as vivências não são apenas parte da história dos usuários de determinados espaços, uma vez que estão vivas na memória coletiva das pessoas ou grupos à medida que são recordadas no presente. Assim sendo, Alencar (2007, p. 100) certifica que “(...) as âncoras da memória são buscadas em elementos fixos da paisagem”. De fato, alguns membros da comunidade se reportam em marcos sociogeográficos da região para dizerem das suas experiências com e nos lugares por onde estiveram:

“(...) o pico ainda é uma grande referência, porque mesmo que a gente não utiliza a Chapada como meio de levar criação e tal, mas utiliza como passeio. Então, nossos antepassados passaram isso para a gente como era a referência... passaram esses nomes pra gente... como por exemplo, o PICO DOIS IRMÃOS como é conhecido hoje a gente conhece também como SERRA GRANDE. Ou seja era um costume que trouxe e eles batizaram dessa forma e a gente também conhece dessa forma”. (Entrevistado 06, Sampaio, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“(...) o ponto mais destacante de Felício dos Santos, visto em quase todas as paisagens que a gente estiver, é chamado PICO DOIS IRMÃOS... que ele é um pico de 1800 metros aproximadamente... que ele está num topo. Ele é um divisor de águas (...) ele está no Parque Estadual do Rio Preto (...) ele é um marco evidente que pode ser visto todos esses municípios (...) também servia como local para a gente visitar, tirar fotos, ver os municípios ao redor... quando a gente escalava o pico... e fazer acampamento nele... ou seja desde pequeno a gente sempre frequentou esse ponto elevado da nossa paisagem que é o grande destaque físico da paisagem de Felício. (Entrevistado 02, Cidade de Felício, Outubro de 2019). (Grifos meus).

As relações socioafetivas com os elementos fisiográficos da paisagem são evidentes nas formas de descrição dos lugares cujos habitantes estão inseridos:

“(...) minha relação com a natureza assim... é desde pequeno. Nos contatos com os rios, matas, com a população local a gente sempre teve contato conversando com os mais velhos vendo porque tinha o nome desses pontos físicos... porque chama Pico Dois Irmãos? Porque que chama RIBEIRÃO SANTATNA, RIO ARACUAÍ? No nome das matas? Ou seja desde que entendo por gente eu sempre busquei conhecer

o espaço físico do município”. (Entrevistado 02, Cidade de Felício, Outubro de 2019). (Grifos meus).

“(…) lá na SERRA GRANDE [serra Dois Irmãos] a gente tinha como um lugar específico pra gente refletir. Muitas vezes eu pensava e até aqui hoje eu penso dentro de casa... eu me transporto pra lá. É como se eu tivesse lá pensando alguma coisa, num lugar deserto onde a possibilidade de chegar alguém ali é muito pequena. ---- Cada um dá um nome diferente a essa serra: ela tem nome de SERRA GRANDE, PICO DOIS IRMÃOS, SERRA NEGRA, é a mesma serra só que cada um dá o nome, mas pra nós aqui em Felício dos Santos, o pessoal daqui acha o nome mais correto pra gente é SERRA GRANDE”. (Entrevistado 03, E.E. de Felício dos Santos, Outubro 2019). (Grifos meus).

Sobre as recordações dos tempos vividos em meio as matas, serra e rios do Município, alguns informantes relataram:

“A gente sempre ia também, por influência do meu pai e alguns tios, passar uma temporada de carnaval, as vezes descansar, dormir nas matas... por exemplo a MATA DO ISIDORO, fazê acampamento. A gente dormia no JAMBREIRO que é uma área de cerrado... a gente dormia também em locais próximos, em parques estaduais de regiões vizinhas... ou seja... a gente teve um contato muito próximo com a natureza tanto visitando... nos rios pescando... como tomando banho... como levando turista. Área de lazer mesmo a gente as vezes ia fazer um churrasco numa área em algum ponto turístico ou coisa assim. (...) desde pequeno nas nossas férias de escola, os nossos passeios de fim de semana, sempre a gente tava em contato com os rios. (...) a gente tomava banho no rio ARAÇUAÍ e no ribeirão SANTANA. A gente sempre ficava nas margens dele tomando banho nos pontos turísticos que é o Lajeado (...) a gente pescava bastante nos rios. (...) Depois da escola o prazer da gente era tomar banho no ribeirão Santana ou no rio Araçuaí”. (Entrevistado 02, Cidade de Felício, Outubro de 2019). (Grifos meus).

“Eu tenho alguns lugares que eu gosto bastante que eu posso citar, por exemplo a MATA DO ISIDORO, porque é um lugar que a gente sempre... como eu sempre gostei de caminhadas, acampamentos e essas coisas, a gente foi muitas vezes nesses lugares e acredito que era um lugar bem distante de tudo e distante da cidade que a gente vivendo ali e vivia um tempo muito bom com as lembranças, com aquelas pessoas que estavam junto com a gente”. (Entrevistado 03, E. E. Felício dos Santos, Outubro de 2019). (Grifos meus).

“(…) tive a oportunidade de visitar ali a Cachoeira do Sumidoro, né?! Que é onde passa o rio Araçuaí. E também visitei um lugar que está ali próximo a Cachoeira do Sumidouro que a gente chama de Chapada, né?! Que tá pra cima lá da comunidade onde eu moro... onde também a gente passa próximo a serra Dois Irmãos e próximo a Mata do Isidoro que é uma mata que é bastante conhecida, principalmente pelas pessoas mais velhas daqui da cidade”. (Entrevistado 05, Corre Dona, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“A gente utiliza o Lajeado como um local ou ponto de recreação. (...) o rio [Santana] que faz a extrema da nossa comunidade com a comunidade do Loronha. Principalmente época do verão que tá muito quente é muito utilizado tanto por nós como por outras comunidades de Felício dos Santos como de outros municípios. A gente tem também a serra da Pedra da Janela que é uma serra que tem um orifício no meio que a gente se identifica bastante com ela... pela estrutura que ela tem”. (Entrevistado 06, Sampaio, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“(…) tenho lembrança, e até um lugar que eu pretendo voltar, que é essa serra do Indaial [serra da Bocaina] que eu fui deve que eu tinha uns doze anos. Eu achei lá muito bonito e tem uma família lá que é amiga da nossa e a gente ia com a nossa família almoçar... ia passear lá. É um local que eu pretendo voltar”. (Entrevistada 09, Roseira, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“Tenho forte vínculo com o espaço rural... com a plantação... com o cultivo... com o rio. O rio [Araçuaí] esse não tem como fugir da relação dele, porque até hoje (...) a gente depende dele pra muita coisa. É um lugar que a gente visita sempre”. (Entrevistada 10, José Rodrigues, Novembro de 2019). (Grifos meus).

Conforme esses depoimentos, infere-se que as recordações socioafetivas da comunidade estão associadas à maneira como as pessoas se relacionam com os elementos fisiográficos do meio, especialmente com as florestas, os cursos d’água e as serras da região. Nessa perspectiva, partilhamos com a ideia de Halbwachs (2013) quando diz que a memória é um fenômeno tanto individual quanto coletivo, uma vez que as lembranças são resgatadas não apenas por um indivíduo, mas pela coletividade. É o caso dos sítios arqueológicos da sociedade estudada cujas múltiplas vivências são produto de uma memória coletiva:

Quadro 8 - Categoria de análise sobre as memórias vivenciadas nos sítios rupestres

Comunidades e órgãos públicos	Quais seriam suas recordações quando se refere aos sítios arqueológicos de seu conhecimento?
Cabeças	“Aqui tem poucas lembranças daquela lapa onde estão as pinturas, porque comprei este sítio há uns mais ou menos 7 a 10 anos atrás. Mas <u>lembro bem de quando meu pai e avós falavam que ali tinham umas pinturas de bugre e eu fiquei curioso para conhecer elas</u> . Passado um tempo eu resolvi comprar aquela a área pensando em preservar. <u>Hoje moro ali com minha família e guardo a cada dia boas lembranças dali...</u> ” (Grifos meus). (Abril de 2019).
Escola Estadual Felício dos Santos	“ (...) Quando conheci o sítio arqueológico na região de <u>Três Fronteiras</u> , eu soube da existência de <u>índios que viveram aqui há milhares de anos</u> . Na minha memória eu obtinha informação sobre a história da cidade há apenas um século ou pouco mais do que isso, nunca tinha sequer ouvido falar de registros de índios nessa região. Acredito então, que precisamos primeiro conhecer nossa história para depois sermos capazes de fazer essa associação entre nossa memória com os sítios arqueológicos aqui situados, que acabam por nos contar uma parte imprescindível da nossa história, até então desconhecida”. (Grifo meu). (Agosto de 2019). “ <u>Não tenho recordação alguma de sítios arqueológicos</u> ”. (Grifo meu). (Maio de 2019). “As recordações são referentes aos <u>ensinamentos e história</u> de nossos antepassados”. (Grifo meu). (Setembro de 2019).
Indaiá	“As minhas recordações seriam de <u>respeito, admiração, cuidado</u> e muito mais, pois é um bem que nos foi deixado não sabemos há quantas gerações, quantos anos”. (Grifo meu). (Agosto de 2019).
Fazenda Nova	“As minhas recordações são bastante fortes no que diz respeito <u>a concepção dos meus antepassados (pai, avô) que me ensinaram que tais pinturas rupestres eram atribuídas aos bugres (índios ou nativos)</u> e apesar do pouco conhecimento deles, <u>tinham entendido que aquilo era uma forma de expressão ou comunicação dos nativos</u> naquela época remota. <u>Essas recordações são fruto das conversas, visitas ao entorno dos sítios rupestres em ocasiões de caçadas, coleta de raízes e folhas de plantas medicinais que faziam e ainda fazem parte dos costumes da sociedade local</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019).
Sampaio	“São poucas as relações que tive com os devidos sítios, entretanto, <u>me lembro que ainda criança ouvia falar e isso mexia com minhas expectativas para conhecer</u> . Então em um certo dia tive a oportunidade de conhecer uma e minha primeira impressão foi algo muito bom, <u>fiquei admirando as pinturas e tentando imaginar o contexto delas</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019).
Cidade	“ <u>Devido à falta de incentivo à visitação desses sítios, seria difícil recordar de algo</u> , senão o fato de que eles poderão deixar de existir devido ao processo de extrativismo mineral nessas áreas”. (Grifo meu). (Agosto de 2019).

Corre Dona	“Baseando-se nas <u>histórias contadas por moradores da própria comunidade</u> conclui-se que as <u>pinturas rupestres</u> presentes nas rochas demonstram algum tipo de <u>comunicação</u> naquela época”. (Grifos meus). (Maio de 2019) .
Carazal	Sem informação.
Grota das Cobras	“Lembro dos <u>meus avós</u> que nestes lugares faziam suas <u>rezas com terços e benziam reunindo pessoas de vários lugares onde dançavam, etc.</u> ”. (Grifos meus). (Agosto de 2019) .
Câmara Municipal	“Me recordo dos trabalhos realizados com <u>tropas, transporte com tração animal</u> ”. (Grifo meu). (Setembro de 2019) .

Fonte: Autor, 2019.

As lembranças acerca dos contatos com os sítios arqueológicos são, por um lado, diversificadas, por outro, comuns e até inexistentes. A referência à arte rupestre presente nos abrigos é um indicativo da memória coletiva construída nas comunidades do Cabeças, Fazenda Nova, Sampaio e Corre Dona (Quadro 8). A inexistência de quaisquer contatos ou recordações com esse patrimônio é expressa nos depoimentos dos moradores da Cidade, do Carazal e da Escola Estadual (Quadro 8). Elementos marcantes nesses relatos são as atividades socioprodutivas (caçadas, tropas, coleta de raízes), tal como manifestações culturais (rezas, benzimentos, danças) e visitas, conforme relatado em Fazenda Nova, Grota das Cobras e Câmara Municipal (Quadro 8).

Então, se a memória como produto da eleição das pessoas (ou grupos) é um fenômeno criado no tempo/espaço (POLLAK, 1989) fica claro que os lugares e os elementos contidos neles são, nesse sentido, fruto das escolhas dos sujeitos que com eles se inter-relacionam ao longo dos anos.

A memória como um produto social construído no espaço/tempo é, em última instância, um fenômeno coletivo que tem forte vínculo fenomenológico com o sentimento de pertencimento (POLLAK, 1992). Por seu turno, a identidade tem fundamental importância na construção da memória individual e coletiva das sociedades, tendo em vista que os indivíduos (e grupos) necessitam de elementos referenciais que os auxiliem no reconhecimento de sua própria pessoa, cultura, corpo social, etc.

Posto isso, parece que as memórias sociais da comunidade estudada estão intrinsecamente vinculadas ao sentimento de pertencimento das pessoas com os lugares e com os elementos sociofisiográficos (materiais e imateriais) que os caracterizam.

Os lastros identitários com os resquícios dos povos originários que ocuparam a área de estudo em tempos idos aparecem em relatos como os apresentados no Quadro 9.

Quadro 9 - Categoria de análise sobre o sentimento identitário com a cultura indígena

Comunidades e órgãos públicos	Quais os elementos dentro do contexto dos sítios rupestres auxiliam você e sua comunidade na construção de sua identidade?
Cabeças	“(…) <u>meus antepassados eram índios. Minha bisavó, por exemplo, foi capturada a laço. Então acredito que aquelas pinturas são pertencentes a minha família de alguma forma. Aí entendo aquelas pinturas são as coisas mais importantes para nós porque são heranças deixadas por meus antepassados</u> , tem muito valor para nós aqui”. (Grifos meus). (Abril de 2019).
Escola Estadual Felício dos Santos	“ <u>Os registros arqueológicos nos auxiliam na construção de nossa identidade no sentido de que podemos melhor entender nossa história a partir dos povos que viveram aqui, compreender alguns de nossos costumes advindos deles e que perpetuam até hoje, entender até mesmo algumas de nossas características físicas</u> , e também como era nossa composição geográfica há milhares de anos e como esse fator foi importante para permanência desses povos aqui e quais as são condições que nos mantém aqui até hoje”. (Grifos meus). (Agosto de 2019). “Na verdade, <u>esses sítios ficaram abandonados ao longo do tempo. Quase nada influenciaram na construção de identidades desse povo</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019). “Alguns elementos como (...) <u>armas, acessórios e paramentos</u> , etc.”. (Grifo meu). (Setembro de 2019).
Corre Dona	“Esses bens culturais <u>trazem fortes sentidos para mim, pois demonstram a possibilidade de entendermos como se deu o processo de construção da nossa cultura e identidade</u> . (...) As <u>pinturas rupestres</u> e as interpretações que estas possibilitam, <u>a paisagem em torno do sítio...</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019). “A forma com que as pessoas do passado desenvolveram muitas de suas <u>atividades socioculturais</u> , desempenhando contextos de <u>comunicações como as pinturas rupestres</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019).
Cidade	“ <u>A arte expressa através das pinturas, os resquícios de fogueiras, cachimbos e materiais utilizados no dia a dia por aqueles que habitaram o local em um determinado espaço de tempo</u> ”. (Grifos meus). (Agosto de 2019).
Indaiá	Sem informação. (Agosto de 2019).
Fazenda Nova	“(…) as <u>pinturas, que embora nos identifiquem com os antepassados distantes, são pouco valorizadas ainda pela sociedade contemporânea. Também posso pontuar o conhecimento popular acerca das sociedades antepassadas, que se faz notar através dos sítios arqueológicos: é forte a crendice de que o machado de pedra (artefato pré-histórico) encontrado no ambiente seja produto do raio em momento de tempestade (machadinho de corisco). E ainda tem-se encontrado em algumas cavernas cachimbos de cerâmica com característica do homem pré-histórico</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019).
Sampaio	“ <u>Não vejo uma relação clara entre os sítios rupestres e as relações que temos em nossa comunidade</u> (...) pois grande parte da sociedade (já me incluindo) <u>não tem o conhecimento prévio da representação das pinturas para o contexto social</u> , uma boa parte tem apenas ciência da existência dos sítios”. (Grifos meus). (Maio de 2019).
Carazal	“ <u>Não há nenhum elemento</u> ”. (Grifo meu). (Setembro de 2019).
Grota das Cobras	“ <u>Os ensinamentos de meus pais e tios</u> ”. (Grifo meu). (Agosto de 2019).
Câmara Municipal	“ <u>A maneira simples de se viver</u> ”. (Grifo meu). (Setembro de 2019).

Fonte: Autor, 2019.

Conforme Lowenthal (1998), o ato de recordar o passado é essencial para a consolidação da identidade, porque uma das formas de saber o que somos é conhecendo o que fomos. Desse modo, o lastro de pertencimento com o patrimônio arqueológico é explicitado por quase todos os sujeitos investigados e, de modo sintético, dizem respeito à descendência, aos vestígios materiais e às memórias coletivas desses indivíduos ou de seu grupo (Quadro 9).

No entanto, o sentimento de pertença não se resume a um quadro de recordações aleatório, haja vista que as pessoas necessitam de dar sentidos às suas memórias individuais e coletivas que as unem enquanto corpo social (LOWENTHAL, 1998). Sendo assim, as comunidades Indaiá, Carazal e um relato da Escola Estadual (2º informante) registraram não haver quaisquer elementos que os remetem a estabelecer vínculo com os povos pré-coloniais ou resquícios de sua cultura na região (Quadro 9).

Todos esses depoimentos evidenciam que a memória individual e coletiva com e nos lugares dizem respeito aos modos de inter-relacionar com o meio onde essas pessoas vivem. Foram destacadas histórias e experiências com os marcadores sociogeográficos que certamente são elementos com os quais aquela comunidade se orienta, se autoreconhece, enfim, constroem seu mundo e sua cultura. Isso indica que o contato físico de cada entrevistado com o ambiente influencia na maneira como ele relata suas histórias resgatando suas memórias e, assim, construindo sua identidade.

4.4 A população local e a comunidade acadêmica

Faz algum tempo que no Alto Araçuaí são realizadas múltiplas pesquisas encabeçadas por docentes e discentes das mais variadas áreas científicas da UFVJM, resultando em aproximações cada vez mais estreitas e profícuas que, grosso modo, têm como foco a conscientização das pessoas acerca das relações de interdependência entre os saberes científicos e os populares.

Sobre o envolvimento da população estudada com a comunidade acadêmica que faz pesquisa na região, algumas informações foram dadas, como:

“Nós tivemos ações isoladas, não temos um projeto em si. Mas eu tenho uma ligação com o Setor de Turismo, até com o coordenador do Curso de Turismo. (...) Outra atuação é de capacitações, né?! Os meninos do Curso de Turismo sempre vêm, a gente sempre faz uma troca de figurinhas, né?! De seis em seis meses eles vêm aqui fazer estudos sobre a ÁGUA QUENTE. (...) Agora ultimamente teve a primeira audiência na Câmara sobre o turismo, né?! E envolvimento da comunidade e isso teve uma parceria com o Núcleo de Turismo da UFVJM. (Entrevistada 07, Depto. Turismo da Prefeitura Municipal, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“No meu caso mesmo eu procuro sempre tá levando outras pessoas, principalmente alunos, para conhecer o ambiente universitário e até mesmo despertar o interesse, mas é igual eu falei... a UNIVERSIDADE É UM BERÇO AQUI NO VALE DO JEQUITINHONHA, então tudo que vivencia aqui acaba que tem uma influência da Universidade. E igual lá em casa mesmo que somos alunos - ou eu ex-aluno do

Curso de Educação Física - então tá mais ainda essa relação com esse ambiente universitário". (Entrevistado 06, Sampaio, Novembro de 2019). (Grifos meus).

"Na minha comunidade específica não tem feito pesquisas. Mas lá próximo sim! Lá no CABEÇAS [estudos do LAEP/CEGEO]. (...) Não tão próximo, mas lá no TRÊS FRONTEIRAS. Mas na minha comunidade em específico até o momento não". (Entrevistada 09, Roseira, Novembro de 2019). (Grifos meus).

"(...) Nós tivemos os estagiários de Educação Física e o professor, ele veio aqui, acompanhou in loco. E ele se disponibilizou a fazer um trabalho. Inclusive levou nossos alunos lá pra conhecer a Universidade. Então eles fizeram essa parceria conosco e teve esse momento desse intercâmbio. Eu acho que é muito positivo". (Entrevistada 11, E. E. Felício dos Santos, Novembro 2019). (Grifos meus).

"E com relação aos pesquisadores do UFVJM, eu acho, eu particularmente acho que é bastante positivo no sentido de preservar a história dos antepassados e até mesmo gerar na comunidade uma consciência de que a Universidade deve tá mesmo se integrando com os habitantes das zonas rurais, das cidades menores para que haja uma integração mais direta com a Universidade... isso vem, TENHO CERTEZA... beneficiar o povo". (Entrevistado 01, Fazenda Nova, Outubro de 2019). (Grifos meus).

Por meio dessas falas fica explícita a influência que a UFVJM possui nas vidas das pessoas de Felício dos Santos e, certamente, em outros municípios do Vale do Jequitinhonha e Mucuri. Em 2006 a expansão de novos campus universitários resultou na abertura de novos cursos nas diversas áreas da Ciência, que passou a dar maiores chances de estudos aos jovens e adultos não só daquela região, mas de todo o País. Nesse período, a juventude de Felício e cidades próximas teve possibilidades de ingressar em alguma faculdade em busca de uma profissão, como pode ser lido nos depoimentos:

"(...) eu só saí da cidade para mim estudar, ou seja, eu estudei na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. (...) Eu já estudei lá, fiz engenharia agrônômica. Eu fiz mestrado na área de Solos (gênese e classificação de solos) e depois que fiz doutorado em Lavras, eu voltei para a região de Felício e tenho uma relação muito grande de colaboração e de participação em pesquisa principalmente com o grupo do LAEP. (...) tenho uma relação muito ativa com os professores principalmente do LAEP que estudam a paisagem na região de Felício dos Santos. Então é muito próximo essa relação da gente". (Entrevistado 02, Cidade de Felício, Outubro de 2019). (Grifos meus).

"O que eu acho interessante é que muitos alunos agora trabalham ou já estudam no sentido de conseguir uma vaga na UFVJM. Que isso quando eu trabalhei na escola - quando eu dirigir a escola - não existia essa forma de aluno pensar de ir pra lá, até porque nem existia UFVJM mesmo". (Entrevistado 03, E. E. Felício dos Santos, Outubro 2019). (Grifos meus).

"(...) Tem meus filhos, né!? Que hoje faz faculdade lá também. É, minha filha hoje ela é dessa federal". (Entrevistado 04, Grota das Cobras, Novembro de 2019). (Grifos meus).

"Hoje sou aluno da UFVJM, curso História, tô no 3º período. Eu tenho um contato muito próximo com à Universidade e a Universidade também tem tido um contato próximo com a região aqui, entendeu?! (...) tem desenvolvido alguns estudos aqui, principalmente o Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem, que é o LAEP. Ele tem muito tempo... deve ter pelo menos uns dez anos que ele estuda a região aqui, entendeu?! Então eu acho que tem uma relação bem próxima da Universidade"

com a comunidade através desses estudos que são desenvolvidos aqui". (Entrevistado 05, Corre Dona, Novembro de 2019). (Grifos meus).

"Eu vejo que a Universidade aqui no Vale do Jequitinhonha ela é um berço, né?! Então, assim... se a gente for olhar em Felício tem muitas pessoas daqui que estudam lá. Da mesma forma lá em casa não é diferente, sabe?! São três filhos e os três filhos estudam na Universidade. Eu já me formei no Curso de Educação Física, já leciono. Mais eu tenho duas irmãs que estão também diariamente lá nos cursos frequentando à Universidade. (Entrevistado 06, Sampaio, Novembro de 2019). (Grifos meus).

"A UFVJM ((pensando)) eu sou estudante de lá, né!? Minha trajetória acadêmica foi toda lá, bacharelado em Humanidades e licenciatura em História e agora estou fazendo o Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas". (Entrevistada 09, Roseira, Novembro de 2019). (Grifos meus).

"Tenho uma relação, assim, estreita porque eu estudei na FAFIDIA, fiz uma especialização em Educação do Campo lá na UFVJM onde apresentei um projeto de pesquisa da minha comunidade falando sobre o desenvolvimento da agricultura local da comunidade. (...) eu tenho vontade de enlargar esses laços mais, seguir uma carreira... fazer mestrado, alguma coisa assim". (Entrevistado 10, José Rodrigues, Novembro de 2019). (Grifos meus).

Se por um lado há certa aproximação da população com a comunidade acadêmica da UFVJM, por outro, nota-se um distanciamento muito grande entre ambas e isso ficou registrado em relatos dos participantes da pesquisa:

"Felício dos Santos está numa região muito privilegiada e muito pouco estudada e pelo pouco de estudo que já teve aqui a gente vê o grande potencial dessa região. Então eu acho que os órgãos governamentais deviam investir mais em pesquisas nessa área, porque ainda tem muito que ser desvendado. Ainda mais tendo a Universidade tão próxima da gente aqui 78 quilômetros onde a questão de deslocamento, a questão de logística fica muito mais fácil. Fica um apelo aí para a UNIVESIDADE ter uma visão maior pelo município que aqui tem um grande potencial de pesquisa". (Entrevistado 02, Cidade de Felício, Outubro de 2019). (Grifos meus).

"Eu acredito que a UFVJM não tem muita influência aqui não. Aparecem alguns pesquisadores assim, mas muito pouco. (Entrevistado 03, E. E. Felício dos Santos, Outubro 2019). (Grifos meus).

"(...) Alguns estudantes, professores andarem por aí procurando:: as pinturas que eles chamam de pinturas rupestres (pinturas de índio) e aqui na nossa comunidade é bem próximo aqui tem algumas que a gente pode perceber. E também, junto com essas:: pinturas... outras:: coisas, por exemplo é:: os machadim, né? Que eles chamam de machadim corisco, mas que na verdade a gente hoje já sabe que era utensílios utilizados pelos nativos. Então eles têm pesquisado. Mas a gente não tem um contato mais direto com essas pessoas. A gente vê essas pessoas passarem por aí e tal, mas assim, se relacionar diretamente com eles e tal é muito pouco". (Entrevistado 01, Fazenda Nova, Outubro de 2019). (Grifos meus).

"Essa relação é muito vaga, porque muitas vezes vem pessoas fazendo trabalho de campo, pesquisas... e dali parece que não sei o que acontece, SOME!!! Não aparece nunca mais... CÊ NEM VÊ FALAR NAQUILO QUE FOI CITADO. Igual a gente que é mais simples da área rural, então que trouxesse um jornal ESCRITO relacionado àquela comunidade pra que as pessoas se interessasse mais na-na ob-serva-ção da conservação... de passar as coisas que tem na nossa comunidade. MUITAS VEZES ELES SOMEM E A GENTE ATÉ ACHA QUE AQUILO FOI INÚTIL!!!". (Entrevistado 08, Loronha, Novembro de 2019). (Grifos meus).

“Projeto propriamente dito acho que é muito pouco. (...) eu acho assim que as pessoas vêm participa aqui da Escola fazendo estágio... as horas acadêmicas, né?... e terminou eles não voltam mais. Eles não oferecem pra gente mais apoio. Deveriam, né?! Eu acho que seria muito interessante. Então eu acho que isso fica a desejar”. (Entrevistada 11, E. E. Felício dos Santos, Novembro de 2019). (Grifos meus).

A partir da análise desses últimos relatos torna-se evidente que os indicativos desse distanciamento podem ser sintetizados do seguinte modo: há tímidas formas de diálogos entre a academia e a comunidade; pouco investimento governamental para o desenvolvimento de políticas públicas socioeducativas e ausência de comprometimento social, uma vez que são raros os projetos de pesquisa que dão retornos significativos à população estudada.

Como alternativa a isso, o LAEP/UFVJM tem centrado na realização de trabalhos interdisciplinares que buscam a socialização do conhecimento científico acerca das ocupações antigas em Serra Negra (FAGUNDES, 2019a). Sabe-se que outras equipes têm buscado o mesmo objetivo em outras regiões e, dessa forma, tentado criar estratégias de reconhecimento e conservação dos lugares de interesse não só da Ciência, mas da sociedade como um todo.

4.5 Patrimônios culturais de Felício dos Santos

Os conceitos de patrimônio cultural têm sido o baluarte de inúmeros congressos científicos nos últimos tempos, porém ainda permanece a noção de materialidade relacionada a essa expressão. De fato, na sociedade brasileira atual há uma espécie de aura entorno dos bens materiais que dizem respeito ao seu passado colonial cujas construções em estilo colonial (casarios, igrejas, prédios e monumentos públicos, etc.) revelam a aceitação da política de “pedra e cal” do SPHAN (atual IPHAN) nos anos 1930.

São inúmeros os bens de natureza material reconhecidos pela Prefeitura Municipal de Felício dos Santos, todavia, nessa dissertação serão apresentadas apenas quatro edificações que exemplificam a permanência da política estadonovista²⁹ das primeiras décadas do SPHAN. Vejam:

²⁹ Referente ao período de governo conhecido como Estado Novo (1937 – 1945), do então presidente Getúlio Dornelles Vargas.

Figura 26 - Bens culturais inventariados pelo poder público municipal



Imagem A) Antiga residência da família Basílio. Imagem B) Capela de Dona Isabel da Hungria. Imagem C) Casa de Almir e Maria Nascimento. Imagem D) Igreja de Santa Luzia. **Fonte:** Autor, 2019.

Na comunidade pesquisada o reconhecimento público de edificações é um forte indicativo de que as concepções materialistas da política dos anos 1930 ainda têm certo respaldo, como se vê nas ilustrações (Figura 26). O casario (Figura 26A) representa uma sede de uma das fazendas localizadas no povoado Sampaio, que fora propriedade de um dos tropeiros da região: o senhor Otávio Basílio. As duas capelas (Figura 26B e D), situadas nas respectivas comunidades de Dona Isabel e Maravilha, apresentam características arquitetônicas que, certamente, influenciaram no reconhecimento municipal como patrimônios culturais. A casa de Almir e Maria Nascimento (Figura 26C), localizada no centro da Cidade, possui traços típicos das edificações coloniais; dado que seguramente justificou seu tombamento pelo poder público municipal.

A partir das conferências internacionais que sucederam a Carta de Atenas em 1931 (ver Tópico 3.4), têm-se buscado conceitos mais adequados acerca do patrimônio e, com isso, centrados no resgate das origens, da memória, da identidade, enfim, no dinamismo cultural das sociedades ao longo do tempo. No Brasil, particularmente, isso aconteceu a partir da Constituição Federal de 1988.

No contexto das inter-relações entre os habitantes de Felício dos Santos e seus bens culturais, as referências em relação ao patrimônio arqueológico vêm crescendo de modo vertiginoso após inúmeras intervenções realizadas pela equipe do LAEP/UFVJM, que há mais de dez anos tem realizado trabalhos significativos no tocante às ocupações humanas antigas

do Alto Vale do Araçuaí. As oficinas de educação patrimonial, encabeçadas por esse laboratório, aos poucos têm atingido de forma positiva as comunidades pesquisadas e demonstrado a importância da preservação e conservação dos lugares com potencial: arqueológico, histórico, etnográfico, botânico, etc. daquela região. Digo de nota que outras atividades em corroboração com a população local foram realizadas nesse Município com múltiplos interesses que neste trabalho não será possível demonstrar.

Como resultado das ações corroborativas têm-se que atualmente a comunidade investigada continuam construindo laços identitários e resgatando memórias individuais e coletivas por meio de contatos socioafetivos com vestígios arqueológicos locais (Quadro 10). Vejam:

Quadro 10 - Categoria de análise sobre o conhecimento popular dos sítios arqueológicos

Comunidades e órgãos públicos	Você conhece algum sítio arqueológico?
Cabeças	“ <u>Sim</u> . Os <u>sítios Cabeças</u> que os pesquisadores chamam, mas na verdade nós conhecemos como Sítio Vale do Sol ou Lapa do Café”. (Grifos meus). (Abril de 2019) .
Escola Estadual Felício dos Santos	“ <u>Sim</u> , conheço um sítio arqueológico situado na região de <u>Três Fronteiras</u> ”. (Grifos meus). (Agosto de 2019) . “ <u>Conheço alguns dos sítios arqueológicos</u> aqui do município de Felício dos Santos”. (Grifo meu). (Maio de 2019) . “ <u>Conheço apenas de fotografias</u> ”. (Grifo meu). (Setembro de 2019) .
Indaiá	“ <u>Sim</u> . <u>Conheço alguns (...)</u> ”. (Grifo meu). (Agosto de 2019) .
Fazenda Nova	“ <u>Já visitei dois ou três locais onde existem pinturas rupestres</u> ”. (Grifo meu). (Maio de 2019) .
Sampaio	“ <u>Tenho contato visual com dois</u> que estão próximos a minha comunidade, um localizado na <u>comunidade Fazenda Sampaio</u> e outro na <u>comunidade Cabeças</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019) .
Corre Dona	“ <u>Sim</u> ”. (Grifo meu) . (Maio de 2019) . “ <u>Devidamente sim, o sítio arqueológico da Serra do Jambreiro</u> ”. (Grifo meu). (Maio de 2019) .
Cidade	“ <u>Conheço</u> e os interpreto como <u>patrimônios culturais</u> de extrema importância histórica para a humanidade”. (Grifos meus). (Agosto de 2019) .
Carazal	“ <u>Sim, na comunidade de Três Fronteiras</u> . Numa roda de amigos foi comentado por um deles, que nessa comunidade tinha essas <u>pinturas rupestres</u> ”. (Grifos meus). (Setembro de 2019) .
Grotas das Cobras	“ <u>Sim</u> . <u>Pedra com pintura, cruzeiro, árvores</u> que eram identificadas por moradores”. (Grifos meus). (Agosto de 2019) .
Câmara Municipal	“ <u>Sim</u> ”. (Grifo meu). (Setembro de 2019) .

Fonte: Autor, 2019.

Majoritariamente, os participantes da pesquisa responderam que sabem da existência de sítios arqueológicos no Município. Na concepção de alguns, a associação do patrimônio arqueológico se resume aos grafismos rupestres presentes nos abrigos em rocha, como se observa nos povoados Fazenda Nova, Carazal e Grotas das Cobras (Quadro 10). Mesmo por

imagens, o contato com os vestígios arqueológicos aponta o interesse pelo conhecimento dos grupos humanos que habitaram aquela área no passado. Vale frisar que foram inclusive lembrados os nomes de alguns complexos arqueológicos, como: Cabeças, Três Fronteiras, Sampaio e Jambreiro (Quadro 10).

Com base nesses relatos, tudo indica que Santos (2001) tenha razão quando diz que os lugares são cobertos de memórias e elementos materiais e imateriais onde as pessoas conferem valores, sentidos, significados, etc., e por isso os consideram como seus bens culturais.

Sabe-se que são inúmeras as formas de interpretar as marcas deixadas pelos diversos grupos humanos nas paisagens ao longo dos anos. No tocante aos registros arqueológicos não é muito diferente, visto que com o tempo as pessoas atribuem os mais diversos significados, símbolos, signos, sentidos, etc.

Arantes (2009) assegura que no processo dinâmico das relações sociais, as pessoas (ou grupos) valorizam de diferentes modos as produções humanas e a natureza para materializar suas crenças e garantir o testemunho das suas memórias sociais. Toda essa dinâmica pode ser observada em respostas dos participantes da pesquisa quando indagados sobre suas concepções acerca do patrimônio arqueológico, vejam:

Quadro 11 - Categoria de análise sobre concepções atribuídas aos sítios arqueológicos

Comunidades e órgão públicos	Como são simbolizados, (res) significados os sítios arqueológicos na sua perspectiva ou de seu grupo? Quais os sentidos destes bens culturais para vocês?
Cabeças	“Para mim as pinturas têm maior valor. Para nós aqueles lugares são tipo sagrados porque estão ali há muitos anos e são as principais provas da existência do Homem na Terra. Então o sentido principal para nós são aquelas pinturas porque elas são abençoadas, sagradas, e aquele lugar passa a ser de muito valor por causa das pinturas”. (Grifos meus). (Abril de 2019).
Escola Estadual Felício dos Santos	“Os sítios arqueológicos, que antes se apresentavam como a realidade e vivência de um povo, para mim, hoje, são patrimônios culturais que devem ser preservados, por contarem uma parte muito significativa da nossa história. Os interpreto, de forma geral, como essenciais para um melhor entendimento da nossa cultura, de alguns dos nossos costumes e também para um maior aprofundamento da estrutura geográfica nas quais estamos situados”. (Grifos meus). (Agosto de 2019). “Tais sítios arqueológicos são apenas parte do município, praticamente não influenciam a comunidade em nada. Na verdade eles têm pouquíssimo significado para a população de Felício dos Santos”. (Grifos meus). (Maio de 2019). “Interpreto como registro de pessoas que por ali passaram há anos e tentaram registrar algo de inteira importância para sua cultura e que desejavam compartilhar com a sua e outras gerações”. (Grifos meus). (Setembro de 2019).
Indaiaí	“(…) penso eu que foi a forma em que o homem daquele tempo usou em suas pinturas para expressar ou comunicar aos demais o que eles encontraram em abundância em tal região. Pelo pouco conhecimento que tenho eu as admiro, contemplo e fico querendo entender o que aquele povo ou grupo social queria nos deixar registrado em sua história e filosofia de vida”. (Grifos meus). (Agosto de 2019).

Fazenda Nova	“No meu entender <u>eles simbolizam simplesmente formas de expressão e comunicação de comunidades ou grupos sociais</u> de um passado distante e que <u>pouco significado tem para a sociedade felissantense</u> . Como indivíduo sou consciente do valor histórico que os sítios arqueológicos possam traduzir a sociedade hoje (...). Conhecendo ainda que de forma bem simples esses locais, porém <u>tenho ciência de que são importantes para entender como os antepassados viviam</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019) .
Sampaio	“Vejo que tais sítios são de suma importância para <u>a construção e valorização de aspectos relacionados a nossa cultura e demais manifestações histórico/sociais</u> ”. (Grifo meu). (Maio de 2019) .
Corre Dona	“Entendo que <u>são lugares de fundamental importância para a sociedade</u> , pois são lugares que servem de grandes <u>fontes históricas que podem contribuir para os estudos que tentam compreender como vivem as pessoas há milhares de anos atrás nessas regiões</u> . São simbolizados como locais de suma importância para a comunidade, que devem ser <u>preservados pelas pessoas que habitam a região</u> e, principalmente, pelos órgãos públicos locais (...). (Grifo meu) . (Maio de 2019) . “ <u>São pinturas rupestres que provavelmente contam com alguma identificação histórica e símbolo cultural dos antepassados</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019) .
Cidade	“Os sítios arqueológicos são simbolizados como <u>elementos históricos</u> , que passam uma <u>ideia dos costumes e modos de vida das pessoas que habitaram o município em tempos primórdios</u> ”. (Grifos meus). (Agosto de 2019) .
Carazal	“Para mim <u>são pinturas feitas por indígenas que habitaram naquele local</u> . (...) <u>Os sítios são locais onde habitaram tribos indígenas</u> . Para mim são importantes, porque <u>são locais onde viveram nossos antepassados</u> ”. (Grifos meus). (Setembro de 2019) .
Grota das Cobras	“Entendo que são importantes para <u>manter a nossa cultura</u> ”. (Grifo meu). (Agosto de 2019) .
Câmara Municipal	“ <u>São simbolizados como de valores históricos</u> . Nos dão o poder de imaginar e refletir nossa origem. <u>Pintura rupestre: maneira de comunicação dos antepassados</u> ”. (Grifos meus). (Setembro de 2019) .

Fonte: Autor, 2019.

Há uma forte tendência em interpretar os resquícios arqueológicos como formas de comunicação por meio dos grafismos rupestres dos abrigos, como mostram os depoimentos de Cabeças, Indaiá, Fazenda Nova, Corre Dona, Carazal e Cidade e Câmara municipal (Quadro 11). Mas, se por um lado a maioria dos depoentes relataram a importância desses sítios para a compreensão das ocupações humanas da região, por outro, apenas o 2º representante da Escola Estadual informou não haver influência alguma desses registros para a comunidade atual (Quadro 11). Contudo, as pessoas investigadas entendem que o patrimônio arqueológico de Felício dos Santos pode ser sintetizado como moradia dos ancestrais e resquícios da cultura indígena materializados nos grafismos e abrigos rupestres.

Não obstante as considerações dos sujeitos investigados sobre a relevância dos vestígios arqueológicos para a sociedade atual, ainda são tímidas as ações em prol dos patrimônios regionais de valor arqueológico, histórico, botânico, etc. Pensando nisso, corroboramos com a ideia de que há uma urgência na defesa e valorização dos bens culturais, sendo que isso resulta na luta pela própria existência da coletividade humana (GONÇALVES, 2015).

Em função das atividades extrativistas ilegais no Município é possível ilustrar parte da mutilação e perda de elementos constitutivos da memória e da identidade na sociedade estudada. Ações criminosas de fato dificultam o conhecimento e, não há dúvidas, inibem a proteção do patrimônio arqueológico regional.

Assim, torna-se oportuno dizer que o Complexo Arqueológico de Três Fronteiras (Figura 27) continua sendo alvo de empresas minerárias que têm desenvolvido atividades depredatórias irregulares, por exemplo, extração de blocos de quartzito (Figura 27A-D) e areia (Figura 27B), queimadas não controladas, pichações de painéis com pinturas rupestres (Figura 27C). Vestígios desse impacto ambiental podem ser vistos nas ilustrações (Figura 27):

Figura 27 - Atividades extrativistas ilegais e criminosas em Três Fronteiras



Imagem A) matacões destruídos. Imagem B) extração de areia.
Imagem C) pichações de pinturas rupestres. Imagem D) transporte de blocos de quartzito.
Fonte: Autor, 2019.

Essas ilustrações (Figura 27) permitem inferir que a ideia de patrimônio enquanto bem cultural da Nação não se desvinculou das concepções materialistas, integralistas concebidas desde os anos 1930 à década de 1970 (FONSECA, 1997 *apud* SANTOS, 2001). Soma-se a isso o fato de que os órgãos públicos competentes têm-se demonstrado pouco eficientes na salvaguarda dos bens culturais, sobretudo dos lugares de interesse arqueológico e histórico do Município, como o Três Fronteiras (Figura 27).

Vale lembrar nessa perspectiva que a área onde se localizam os sítios rupestres do Três Fronteiras (Figura 27) tem sido alvo de interesses das microempresas extrativistas faz algum tempo. Com raras intervenções protecionistas e com a ineficácia na aplicação de leis

ambientais aos infratores, os patrimônios arqueológicos poderão deixar de existir com o desenvolvimento das atividades extrativistas e agroindustriais irregulares que há tempos têm adentrado o Vale do Araçuaí e ocupado vastas áreas relevantes, mormente para a conservação da biota mineira.

Todavia, essa realidade tem incomodado bastante alguns setores sociais e públicos do Município estudado. Quiçá esse descontentamento seja fruto das oficinas de educação patrimonial, palestras, atividades socioeducativas e uma série de ações realizadas por várias instituições públicas que, em parceria com o poder público e com a população locais, ajudaram na conscientização dessa sociedade a respeito da valorização dos lugares de interesses patrimoniais.

Mas é válido ressaltar que, de modo geral, os complexos arqueológicos de Felício dos Santos estão em bom estado de conservação devido a alguns fatores, como: se situam em regiões de difícil acesso; os proprietários dos terrenos, de certa forma, protegem os abrigos com artes rupestres e a maioria deles está implantada na área da APA Felício.

Perante às depredações no Três Fronteiras, a Escola Municipal Santo Antônio (Figura 28) por meio de seus alunos e professores fizeram visitas a área decerto no intuito de conhecer os vestígios arqueológicos, mas também para tentar demonstrar o sentimento de pertencimento àquele patrimônio em processo de mutilação.

Figura 28 - A escola e o patrimônio arqueológico



Turma do 4º ano da Escola Municipal Santo Antônio em Três Fronteiras 01.

Fonte: Autor, 2019.

Num contexto medonho de perda das referências sociais (memória e identidade) infere-se a tentativa dos alunos e professores do colégio municipal (Figura 28) de estabelecer relações socioafetivas com os lugares que foram ocupados por seus ancestrais no pretérito. Locais esses que foram utilizados por seus ancestrais para a realização de diversificadas atividades socioprodutivas, como: coleta de flores e raízes medicinais, pastoreio de gado, extração de lenha, caça, pesca, plantações, bem como ponto de pouso e arranchamento.

Tudo leva a crer que a oportunidade que essas pessoas tiveram de conhecer, mesmo que superficialmente, alguns sítios rupestres, refletirá na maneira como eles entenderão o contexto das ocupações ameríndias naquela região. Fato é que, segundo relatos dos professores daquela Escola, o motivo central da visita ao Três Fronteiras foi a curiosidade dos alunos acerca das ocupações humanas na região antes da conquista europeia. Nesse ínterim, outros setores da sociedade estudada têm feito visitas aos sítios arqueológicos do Município não somente para o conhecimento dos vestígios arqueológicos, quiçá, para a compreensão de como e em quais condições viviam os grupos humanos que ali habitaram por algum tempo. Nesse caso, algumas imagens podem contribuir para a elucidação desse fenômeno ao tentar mostrar o contato entre moradores e sítios arqueológicos, vejam:

Figura 29 - A população e o patrimônio arqueológico

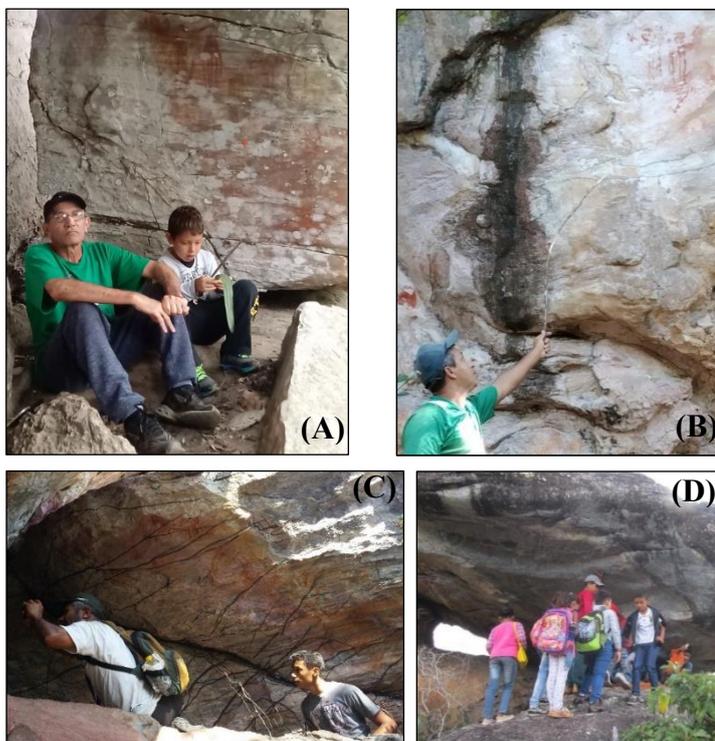


Imagem A) Sítio Sampaio. Imagem B) Sítio Cabeças 05. Imagem C) Sítio Indaiá. Imagem D) Sítio Três Fronteiras 02. **Fonte:** Autor, 2019.

Essas ilustrações (Figura 29A, B, C e D) podem auxiliar no entendimento de que o patrimônio arqueológico de Felício dos Santos tem sido ao menos reconhecido como distintivo da cultura local, pois não aparenta ser apenas curiosidade de alguns em ver os painéis rupestres dos abrigos. Isso porque no complexo processo de interação entre as pessoas e o meio que os cercam, há a necessidade de se associar elementos conferidores de identidade e memórias. Essa emergência tem espaço de destaque quando alguns moradores, movidos pelo interesse próprio, mas também pelo sentimento de pertencimento, vão a esses sítios e com eles se inter-relacionam de modo afetivo.

Embora de modo muito tímido, alguns proprietários de terras do Município têm movido forças no sentido da proteção dos lugares cujos sítios rupestres estão implantados. Diversas são as formas de tentar proteger os patrimônios arqueológicos daquela região que, por sua vez, dizem respeito à cultura e modos de vida da própria sociedade. Nesse trabalho esboçaremos algumas contestações, preocupações e ações preventivas em prol dos bens arqueológicos locais, especialmente dos abrigos com arte rupestre visível (Quadro 12).

Quadro 12 - Categoria de análise sobre a defesa do patrimônio arqueológico

Comunidades e órgãos públicos	Vocês criaram alguma estratégia de proteção aos patrimônios culturais (sítios rupestres) na sua comunidade?
Cabeças	“(...) <u>na minha propriedade eu faço esforço para preservar a lapa onde ficam as pinturas. Para preservar nós deixamos o mato nativo crescer. Também pretendo cercar a área para criação não entrar. Sempre que posso eu faço aceiros para combater o fogo na lapa</u> ”. (Grifos meus). (Abril de 2019) .
Escola Estadual Felício dos Santos	“ <u>Que seja do meu conhecimento não foi criada pela comunidade de Felício dos Santos nenhuma estratégia para proteção dos patrimônios culturais. O que não quer dizer que não tenha, mas sim que não é do meu conhecimento</u> ”. (Grifo meu). (Agosto de 2019) . “ <u>Não existe estratégia alguma para impedir os impactos nos sítios arqueológicos. O poder público (...) seja no âmbito municipal, estadual ou federal eles não veem importância alguma nessa preservação. Isso também acontece com a quase totalidade das pessoas que aqui vivem</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019) . “ <u>Sim. (...) as escolas e outros grupos fazem um trabalho de conscientização através do diálogo, imagens impactantes em alguns casos, até protestos contra atitudes destruidoras da cultura local. Tais projetos, ainda tímidos, conseguem sensibilizar algumas pessoas</u> ”. (Grifos meus). (Setembro de 2019) .
Indaiá	“ <u>Eu particularmente não conheço nada feito para tal. Até sei que um sítio arqueológico rupestre foi danificado, pichado por vândalos ou interesseiros em extrair pedras e areia e tal atividade foi embargada, mas o poder público nem mesmo o município tem feito algo significativo para proteger nossos sítios ecológicos. Olha! Para ser sincero eu não sei de nenhuma ação movida por nenhum grupo</u> ”. (Grifos meus). (Agosto de 2019) .
Fazenda Nova	“ <u>Não é do meu conhecimento que foram implementadas ações para impedir impactos de exploração econômica no entorno dos sítios rupestres pela comunidade ou pelo poder público. Uma política pública nesse sentido é inexistente. Mas a UFVJM na pessoa de professores e alunos impediram a extração de granito no sítio arqueológico de Três Fronteiras no município de Felício dos Santos</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019) .

Sampaio	“ <u>Não tenho o conhecimento se há algum movimento nesse sentido</u> ”. (Grifo meu). (Maio de 2019) .
Corre Dona	“ <u>Existem as leis ambientais que impedem a exploração, porém, não sei se são executadas com a proteção das mesmas</u> ”. (Grifo meu). (Maio de 2019) . “ <u>Sobre o meu conhecimento não existe nenhuma ação que vise impedir a ação dos possíveis impactos, salvo o esforço de algumas poucas pessoas, alguns vindos até da UFVJM, que tentam denunciar e paralisar as possíveis ações que visem a destruição desses patrimônios</u> ”. (Grifos meus). (Maio de 2019) .
Cidade	“ <u>Nenhuma atividade é realizada por mim</u> ”. (Grifo meu). (Agosto de 2019) .
Carazal	“ <u>Não conheço</u> . Existe apenas um grupo de moradores que nos alertam sobre a importância das pinturas”. (Grifo meu). (Setembro de 2019) .
Grota das Cobras	“ <u>Não criamos</u> ”. (Grifo meu). (Agosto de 2019) .
Câmara Municipal	“ <u>Não</u> ”. (Grifo meu). (Setembro de 2019) .

Fonte: Autor, 2019.

Com vistas nesses relatos (Quadro 12), as formas de intervenção para inibir a destruição dos sítios arqueológicos são: fechamento e aceiros na área para coibir a entrada de gado e alastramento de queimadas (comunidade Cabeças); trabalhos de conscientização (Escola Estadual). No tocante aos órgãos públicos competentes não foi registrada nenhuma ação preventiva visando à proteção dos bens culturais da comunidade. Tanto que representantes de Fazenda Nova e da Escola Estadual disseram não existirem políticas públicas em defesa dos sítios rupestres (Quadro 12). Em contrapartida, Fazenda Nova e Corre Dona informaram que houve alguma influência da UFVJM no sentido de impedir a atividade minerária irregular no Complexo Três Fronteiras (Quadro 12). Além do mais, as comunidades Indaiá, Sampaio, Carazal, Grota das Cobras, bem como o informante da cidade e da Câmara municipal, todos registraram a não existência de quaisquer medidas protecionistas movidas tanto pela população quanto pelos órgãos públicos em todas as esferas (Quadro 12).

Em seu conjunto, esses relatos demonstram que as noções de patrimônio cultural devem ser repensadas, reestruturadas tendo em vista sua dinâmica e complexidade nas diversificadas áreas científicas. Os depoimentos esclarecem a ideia de patrimônio cultural como um fenômeno produzido pelos indivíduos e grupos, que, em corroboração com os poderes públicos, tornam-se os principais detentores e responsáveis pelos elementos de sua própria cultura (CASTRIOTA, 2015). Conclui-se, então, que no município de Felício dos Santos os bens culturais têm vários sentidos na medida em que os moradores deles se apropriam, com eles se relacionam e atribuem valores, significados, signos de acordo com suas escolhas, necessidades adaptativas e fatores de ordens socioculturais, políticas, imaginárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em foco o objetivo geral desta pesquisa (**o estudo das inter-relações estabelecidas entre os moradores de Felício dos Santos e o ambiente para entender como os lugares foram constituídos ao longo do tempo e quais são as percepções estabelecidas de modo que o ambiente foi sendo transformado em paisagem**) tentamos caminhar no sentido de investigar temáticas interdisciplinares sobre Arqueologia da paisagem, memórias e identidades sociais e patrimônio cultural.

Entender como se dão as interações entre humanos e ambientes no Alto Araçuaí, especificamente em Felício dos Santos, foi um grande desafio para nós; porém compreendemos que existem uma pluralidade de maneiras pelas quais as comunidades tradicionais se relacionam com e no meio, criando lugares constituidores de paisagens, memórias, identidades, histórias, entre outros.

Nesse sentido, a pesquisa realizada nesse município demonstrou que os moradores continuam estabelecendo vínculos e conferindo significados, signos, sentidos, valores, etc. aos lugares a partir das interações socioafetivas com os marcadores sociogeográficos da paisagem regional. Marcadores esses que são concebidos pela própria comunidade na inter-relação com as serras, matas e rios da região.

Com as análises dos depoimentos dos sujeitos investigados ficou nítido que as memórias (individuais e coletivas) surgem das relações das pessoas com os marcadores sociogeográficos da paisagem, como: as matas (Isidoro, Matão, Jambreiro); os rios (Araçuaí e Santana) e as serras (Pico Dois Irmãos ou Serra Grande, Bocaina/Indaiá).

É importante frisar que, com o desenvolvimento da pesquisa de campo, as categorias e subcategorias de análise foram se modificando conforme os depoimentos dos sujeitos entrevistados. Essa alteração é conseqüentemente natural e, sem dúvidas, possibilita outras interpretações acerca dos marcadores sociogeográficos estabelecidos. Isso demonstra que esses últimos não são elementos naturais estáticos, mas sim dinâmicos e complexos, pois modificam e ganham nossos significados à medida que a eles são conferidas outras categorias.

A pesquisa mostrou que a população estudada, de certa forma, tem consciência da relevância do legado indígena para a consolidação da própria identidade, pois nos relatos das

peças entrevistadas ficou claro que muitos sabem da existência de vestígios arqueológicos na região em virtude dos sítios com pinturas rupestres. E não apenas tem conhecimento dos abrigos pintados, mas, sobretudo os utilizam em suas atividades cotidianas, como: locais de descanso, currais, “espera” de animais silvestres, lugares ritualísticos, etc.

O estudo também evidenciou que as comunidades tradicionais da região continuam usufruindo dos recursos naturais e com eles se relacionando, haja vista as interações com os marcadores sociogeográficos da paisagem, como: os rios, as florestas e as serras.

No que tange ao diálogo entre comunidade acadêmica e população, a pesquisa indicou que nos últimos anos os habitantes de Felício dos Santos têm tido um envolvimento mais constante com os pesquisadores e alunos universitários que estudam aquela região, mormente da UFVJM.

Os resultados da pesquisa evidenciaram tímidas estratégias políticas em prol da conservação dos lugares de interesse patrimonial, porém a sociedade civil tem dado importância a alguns bens culturais e, nesse sentido, tem realizado ações protecionistas para a defesa dos patrimônios regionais, como: os sítios arqueológicos, os casarios e as igrejas em estilo colonial, entre outros.

A investigação desenvolvida no município de Felício dos Santos foi apresentada nessa dissertação de mestrado com o intuito de fomentar discussões acerca dos bens culturais regionais para instigar a criação de políticas públicas que visam à sua proteção. Além disso, o estudo teve como foco proporcionar o estabelecimento de diálogos e a aproximação da Academia com a população investigada. Desse modo, procuramos trazer um pouco das histórias, dos costumes, da religiosidade, das atividades cotidianas praticadas pelas pessoas dessa comunidade.

Portanto, com a realização dessa pesquisa pretendemos ampliar o entendimento de como se dão as inter-relações entre as comunidades de Felício dos Santos e seus ambientes, inclusive como meio de que possam valorizá-lo e, assim, criar políticas de salvaguardar os patrimônios paisagístico, histórico e cultural frente às constantes investidas ilegais das microempresas extrativistas e agroindustriais que vêm a cada dia destruindo aquela região.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In.: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. p. 155-202. São Paulo: Contexto, 2005. 304p.
- ALENCAR, Edna F. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. **Teoria & Pesquisa**, vol XVI, nº 02, pp. 95-110, Jul/Dez de 2007.
- ARANTES, Antônio A. Patrimônio cultural e cidade. In.: **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. FORTUNA, C.; LEITE, R. (orgs.). Coimbra: Almedina, 2009.
- BABELON, J. P.; CHASTEL, A. *La notion de patrimoine*. Paris Liana Levi, 1994.
- BAILEY, K. D. **Methods of social research**. 2 ed. New York: The Free Press, 1982.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. (1977). Lisboa (Portugal): Edições, v. 70, 2010.
- _____. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979. 229p.
- BISPO, Diêgo Faustolo Alves. **Caracterização quali quantitativa dos recursos hídricos e da dinâmica do carbono de turfeiras das cabeceiras do Rio Araçuaí**. Dissertação de Mestrado, Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2013.
- _____. et al. Hydrology and carbon dynamics of tropical peatlands from Southeast Brazil. **Catena**, v. 143, p. 18-25, 2016.
- BISPO JÚNIOR, Heitor A. **Devotos do Rosário: a celebração da Marujada na Festa do Rosário de Felício dos Santos/MG, 2003 a 2009**. Trabalho de Conclusão de Curso (monografia). Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Bacharelado em História, 2016.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. Editora Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. **CONSTITUIÇÃO, 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal - Centro Gráfico, 1988.
- _____. **DECRETO-LEI Nº 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.
- _____. **DECRETO-LEI Nº 3.551, DE 4 DE AGOSTO DE 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.
- _____. **LEI Nº 3.924, DE 26 DE JULHO DE 1961**. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.
- CARVALHO, Nivaldo de Jesus; CANUTO, Geraldo da Consolação. **Felício dos Santos: histórias, lendas e costumes**. Rio de Janeiro: s/ed, 2002.

CASTRIOTA, Leonardo B. Uma agenda de pesquisa para o patrimônio. In.: **Ciências do patrimônio: horizontes transdisciplinares**. ROSADO, A.; GONÇALVES, W. B. (orgs.). Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais/Arquivo Público Mineiro, 2015.

CHUENG, Karina et al. Reconstituição Paleoambiental da Área Arqueológica de Serra Negra, Face Leste do Espinhaço Meridional (Minas Gerais), através da Análise de Fitólitos. **Revista Brasileira de Geografia Física**, 2018.

COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS. **Projeto cadastro de abastecimento por águas subterrâneas, Estados de Minas Gerais e Bahia: diagnóstico do município de Felício dos Santos, MG**. Belo Horizonte, 2004.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, pp.92-123, 1998.

DRUMMOND, et al. **Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação**. 2ed. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 2005, 222p.

FAGUNDES, M. et al. Implicações Geológicas e Ecológicas para Assentamentos Humanos Pretéritos – Estudo de Caso no Complexo Arqueológico Campo das Flores, Área Arqueológica de Serra Negra, Vale do Araçuaí, Minas Gerais. **Revista Espinhaço**, v. 1, nº 01, pp. 41-58, 2012a.

_____ et al. Paisagem cultural da área arqueológica de Serra Negra, Vale do Araçuaí-MG: os sítios do complexo arqueológico Campo das Flores, municípios de Senador Modestino Gonçalves e Itamarandiba. **Tarairiú – Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB**, v. 01, nº 05, pp. 41-66, 2012b.

_____ et al. A área Arqueológica de Serra Negra. **Revista de Arqueologia**, [S.l.], v. 27, n. 2, p. 100-124, dez. 2014a. ISSN 1982-1999. Disponível em: <<https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/406>>. Acesso em: 09 set. 2019.

_____. Natureza e cultura: estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem nas Ciências Humanas. **Revista Tarairiú**, v. 1, n. 7, pp. 32-54, 2014b.

_____ et al. Conjuntos líticos de Horticultores Ceramistas-Associados à Tradição Aratu-Sapucaí: Estudo de Casos dos Sítios Mato Seco e Canoas, Médio do Vale do São Francisco, Minas Gerais. **Revista Tarairiú**, Campina Grande-PB, Ano VI, v. 1, 2015.

_____. O Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha: sítios arqueológicos, cultura material e cronologias para compreensão das ocupações indígenas holocênicas no Alto Vale do Rio Araçuaí, Minas Gerais – Brasil. **Revista Científica Vozes dos Vales da UFVJM**, nº. 10, pp.1-25, 2016.

_____ et al. **Conjunto artefactual lítico do sítio Itanguá 02: Complexo Arqueológico Campo das Flores, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais, Brasil – Cadeia operatória de distribuição espacial**: Revista Tarairiú, v. 01, n. 14, p. 01-18, 2018.

_____. Arqueologia em Serra Negra: uma síntese interdisciplinar das ocupações humanas antes da conquista nas paisagens do Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais. In.: **Diálogos interdisciplinares no Vale do Jequitinhonha**. Bonadiman et al. (Orgs.). 1ª ed. Curitiba: CRV, 2019a.

_____ et al. Implantação e Mapeamento das Estruturas Arqueológicas em Collud-Zarpán e Cerro Ventarrón – Marcos Sociogeográficos, Lugares e Paisagem Para Compreensão das Ocupações Antigas Na Costa Norte, Lambayeque, Peru. **Revista Espinhaço**, 2019b.

_____ et al. Paisagens e lugares - caracterização geoambiental e cultural dos sítios arqueológicos do Complexo Três Fronteiras, Alto Vale do rio Araçuaí, Minas Gerais. **RAE'GA**, v. 47, n. 1, p. 67-84, 2020.

FERREIRA, et al. A preservação do patrimônio arqueológico pelo Estado brasileiro: desafios e conquistas. In.: **Ciências do patrimônio: horizontes transdisciplinares**. ROSADO, A.; GONÇALVES; W. B. (orgs.). Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais/Arquivo Público Mineiro, 2015.

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.

FEAM et al. **Mapa de solos do estado de Minas Gerais: legenda expandida**. Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais. 2010.

GALVÃO, Landerson Gomes. **Estudo do conjunto lítico do sítio Sampaio, Felício dos Santos, MG**. 112f. 2017. Monografia (Bacharelado em Ciências Humanas). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina – MG, 2017.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1993.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GRECO, W. S. 2019. **Espelho de Pedra: a estrutura emergente da arte rupestre nas matas do Alto Araçuaí (Felício dos Santos, MG)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas), Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina – MG, 2019.

GONÇALVES, José Reginaldo. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 28, n. 55, pp. 211-228, Jan./Jun., 2015.

GUIMARÃES, S. T. L. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Revista Geosul: Florianópolis**, v.17, n.33, p 117-141, jan./jun. 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, v. 2, n. 3, p. 77-85, jul./ dez. 1997.

HORAK, I. et al. 2011. *Pedological and isotopic relations of a Highland tropical peatland, Mountain Range Of the Espinhaço Meridional (Brazil)*. **Revista Brasileira Ciências do Solo** 35 (1): 41-52.

IBGE. **Mapa de Vegetação do Brasil**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1993.

_____. Censo 2010; 2016; 2017. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br>>. Acessado em 04 de Janeiro de 2019.

INGOLD, Tim. **Antropologia: Para que serve?** Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petrópolis: RJ: Editora Vozes, 2019.

ISNARDIS, Andrei. **Entre as pedras: as Ocupações Pré-históricas recentes e os Grafismos Rupestres da Região de Diamantina, Minas Gerais**. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-24072009-111435/pt-br.php> Acesso em: 09/09/2019.

KELLY, R. L. Hunter-Gatherer Mobility Strategies. *Journal of Anthropological Research*, v. 39, n 3, pp277-306, 1983.

KNEGT, L. M. P. DE. **Indicadores da paisagem para a ocorrência de sítios arqueológicos na Área Arqueológica de Serra Negra, face leste do Espinhaço**. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

LE GOFF, Jacques. Memória. In.: **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. 7. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2013, pp. 387-435.

LIMA et al. **O solo no meio ambiente: abordagem para professores do ensino fundamental e médio e alunos do ensino médio**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Departamento de Solos e Engenharia Agrícola, 2007.

LOPES, M. A; MARTINS, M. L. Negócio à moda antiga: tropas de comércio em Diamantina nos meados do século XX. **História (São Paulo. Online)**, v. 30, p. 332-348, 2011.

LOWENTHAL, David. “Como conhecemos o passado”. In: Projeto História: trabalhos da memória. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História**. São Paulo: PUCSP, nº 17, pp. 63-201, Nov. 1998.

MACEDO, Thaisa Dayanne Almeida. **“Vou te proteger”**: a Educação Patrimonial como estratégia para proteção e valorização do patrimônio arqueológico do município de Felício dos Santos, MG. Dissertação de Mestrado, Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2017.

MARTINS, M. L. Transportes e abastecimento local na ponta norte da Estrada Real: Diamantina, 1870-1930. **Cronos (Pedro Leopoldo)**, Pedro Leopoldo, n.9, p. 113-131, 2005.

_____. As variáveis ambientais, as estradas regionais e o fluxo das tropas em Diamantina, MG: 1870-1930. **Revista Brasileira de História**, v. 26, p. 141-169, 2006.

_____. O comércio de "gêneros do país" no Mercado de Diamantina, Minas Gerais: décadas de 1880 a 1930. **Locus (UFJF)**, v. 16, p. 157-173, 2010.

_____. Uma história das relações sociedade-natureza no Vale do Mucuri: 1852-1983. **Tempos Históricos**, v. 19, p. 413-439, 2015.

MATTOS, Izabel Missagia. **Civilização e revolta: os botocudos e a catequese na Província de Minas Gerais**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. *Quantitative and qualitative methods: opposition or complementarity?*. Cadernos de saúde pública, v. 9, n. 3, p. 237-248, 1993.

_____ et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAIS, Marcelino Santos de. **A realidade socioambiental imposta às comunidades locais pela criação e implementação dos parques estaduais do Biribiri e Rio Preto**. Tese de Doutorado, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

NAVEH, Zev; LIEBERMAN, Arthur S. *Landscape Ecology: theory and application*. New York: Springer-Verlag, 1984.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. In.: *Les Lieux de mémoire*. Tradução de Yara Aun Khoury. Paris: Gallimard, 1984, pp. 7-28.

PALHARES, Danilo. **Pintando a Paisagem: uma Análise Do Complexo Arqueológico Três Fronteiras, Senador Modestino Gonçalves, Minas Gerais**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas), Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina – MG, 2018.

PERILLO, Átila. **Análise lítica e dispersão dos materiais arqueológicos do sítio Itanguá 02, Vale do Jequitinhonha, MG**. 128f. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas – RS, 2016.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Tradução Dora Rocha Flaksman. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, pp. 3-15. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

_____. Memória e identidade social. Tradução de Monique Augras. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, pp. 200-212. Rio de Janeiro: FGV, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FELÍCIO DOS SANTOS. **Plano Diretor Participativo do Município de Felício dos Santos/MG: Relatório Final**, 2009.

PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. 4ª. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora da UnB, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva**. 2. ed., São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983. Col. Textos, 4.

_____. **Relatos orais: do indizível ao dizível**. In: SIMSON, Olga de Moraes (org.). Experimentos com história de vida Itália/Brasil. São Paulo: R. T., 1988.

ROMANELLI, G. A entrevista antropológica: troca e alteridade. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto: Ribeirão Preto*, pp. 119-133, 1998.

SAADI, A. A Geomorfologia da Serra do Espinhaço em Minas Gerais e de suas margens. *GEONOMOS - Revista de Geociências*: Belo Horizonte, vol. 3, n. 1, 1995, pp. 41-63. DOI: <<http://dx.doi.org/10.18285/geonomos.v3i1.215>>.

SANTOS, Cecília Rodrigues. Novas Fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural. *Revista São Paulo em Perspectiva*. vol.15, nº. 2, Abr./Jun. São Paulo: SEADE, 2001.

SANTOS, Isadora A. C. **Estudo dos conjuntos líticos do sítio Itanguá 02, Campo das Flores, MG**. 56f. 2014. Monografia (Bacharelado em Ciências Humanas). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina – MG, 2014.

SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio**. 4 ed. Itatiaia, Belo Horizonte; São Paulo: USP, 1976.

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **Mapa de solos do Estado de Minas Gerais**: legenda expandida. Universidade Federal de Viçosa; Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais; Universidade Federal de Lavras; Fundação Estadual do Meio Ambiente. Belo Horizonte: Fundação Estadual do Meio Ambiente, 2010.

SELLTIZ, C et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: E.P.U., Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

SILVA, Lidiane Aparecida. **O Holoceno Médio na Serra Negra: Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais**. 174f. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas – RS, 2017.

SILVA et al. **Serra do Espinhaço Meridional: paisagens e ambientes**. Belo Horizonte: O Lutador, 2005.

THOMPSON, P. R. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRENTINI, M.; PAIM, L. **Pesquisa em enfermagem: uma modalidade convergente-assistencial**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI. **Laboratório de Organização de Documentos Históricos (LAODH)**. Diamantina, 2018.

VELLOSO, André; MATOS, Ralfo. A Rede de Cidades do Vale do Jequitinhonha nos séculos XVIII e XIX. **Revista Geonomos**, v. 6, n. 2, 1998.

VIANA, Pedro L. et al. **Relatório técnico: aspectos da vegetação da APA Felício, Felício dos Santos, Minas Gerais, Brasil**. Belo Horizonte, 2008.

ZVELEBIL, Marek. *Hunter-gatherer ritual landscapes: spatial organization, social structure and ideology among hunter gatherers of northern Europe and western Siberia*. **Analecta Praehistorica Leidensia**, n. 29, pp. 33-50, 1997.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Comitê de Ética em Pesquisa



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: “Lugares e Gentes: as relações entre pessoas, paisagens e Arqueologia em Felício dos Santos, Minas Gerais, (2010-2018)”, em virtude de ser funcionário (a) público municipal ou estadual, com idade entre 30 a 70 anos e Ensino Superior completo e que tenha ocupado o cargo de direção de uma das escolas públicas de Felício dos Santos (municipal ou estadual) por período superior a um ano; ou por ser informante (homem ou mulher) com idade entre 18 a 80 anos, com ou sem escolaridade (Ensino Médio ou Superior) e residente na zona rural do dito Município ou ainda por ser morador (a) com idade entre 18 a 80 anos e Ensino Médio completo e residente naquela Cidade. Esta pesquisa é coordenada pelo mestrando Heitor Alves Bispo Júnior e supervisionada pela Prof^a. Dr^a. Maria Cláudia Almeida Orlando Magnani (Docente na UFVJM). A sua participação não é obrigatória sendo que, a qualquer momento da pesquisa, o (a) senhor (a) poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não acusará nenhum prejuízo para sua relação com o pesquisador, supervisora, UFVJM ou com quaisquer entidades ou moradores do município de Felício dos Santos/MG. O objetivo principal dessa pesquisa é identificar para compreender as relações socioculturais (afetivas, memorialísticas, históricas, etc.) entre a população (integrantes dos três grupos entrevistados) e o patrimônio arqueológico de Felício dos Santos concernente aos anos de 2010 a 2018. Os objetivos específicos são: a) Entender como a população concebe (dão sentido, valores, interpretam, etc.) os lugares onde vivem e quais interpretações faz acerca deles; b) Identificar as relações socioculturais (afetivas, memorialísticas, etc.) dos felissantistas com as paisagens para entender como elas são construídas e mantidas; c) Mapear as intervenções nos complexos arqueológicos para identificar e compreender quais seus efeitos na sociedade em foco. Esclarecido isso, caso o (a) senhor (a) decida aceitar o convite, será submetido (a) aos seguintes procedimentos: fará parte de um dos três grupos de informantes (grupo 1, 2 ou 3) para relatar sua experiência pessoal ou coletiva acerca do patrimônio arqueológico. O tempo previsto para sua participação é de aproximadamente uma hora (01h00min), com datas e horários agendados. Os riscos relacionados com sua participação podem trazer possíveis danos a sua pessoa, como: estará sujeito a desconforto psicológico em recordar fatos tristes ou afetivos referentes às suas experiências com os bens arqueológicos, mas para amenizá-los todas as entrevistas serão feitas em sala reservada onde terá liberdade e privacidade para expressar. Poderá sofrer desconforto ou constrangimento em revelar alguma experiência pessoal traumática ou íntima do contato com o patrimônio arqueológico, entretanto esse risco poderá ser abrandado com o sigilo de seus dados pessoais ou parte desses. Pode haver algum constrangimento de sua parte por dizer das memórias individual ou coletiva acerca dos bens arqueológicos, contudo, isso será suavizado a partir do instante em que o (a) senhor (a) quiser que não sejam expostos quaisquer dados concernentes a sua experiência pessoal ou de seu grupo. Estará sujeito a sofrer mal-estar emocional com algumas perguntas, todavia, para aliviá-lo o (a) senhor (a) poderá a qualquer momento pedir a interrupção da entrevista ou não

responder às indagações. Os participantes dessa pesquisa não serão beneficiados direta ou indiretamente com a realização da mesma, apenas participarão como informantes. Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares. Entretanto, informações pessoais serão compartilhadas apenas mediante consulta e autorização prévia do (a) senhor (a). Não há remuneração pela sua participação, bem como a de todas as partes envolvidas. Não está prevista indenização por sua participação, mas em qualquer momento se o (a) senhor (a) sofrer algum dano comprovadamente decorrente dessa pesquisa será indenizado (a). O (a) senhor (a) receberá uma via impressa deste termo onde constam meus contatos (telefone, endereço e e-mail) para que sane suas dúvidas sobre a pesquisa e sobre sua participação agora ou a qualquer momento.

Coordenador da Pesquisa: Heitor Alves Bispo Júnior

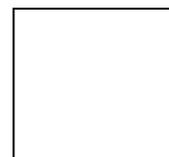
Endereço: Rua Mário Brant, nº: 181A, Bairro: Penaco, Diamantina, Minas Gerais

Telefone Celular: Operadora Vivo (038) 9 9807-8474. E-mail: h.bispoj@gmail.com

Declaro ter entendido os objetivos, a forma de minha participação, riscos e benefícios da mesma e aceito o convite para participar. Autorizo a publicação dos resultados da pesquisa a qual garante o anonimato e o sigilo referente à minha participação.

Nome do participante da pesquisa: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____



Obs: O informante analfabeto registrará sua digital no quadro ao lado.

Polegar direito

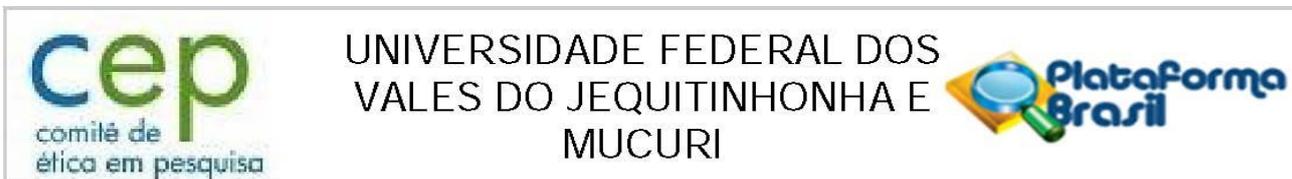
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

Questões sobre o patrimônio arqueológico de Felício dos Santos

1. Felício dos Santos está situado numa região denominada arqueologicamente de Área Arqueológica de Serra Negra onde está implantado um número elevado de sítios com arte rupestres próximos às comunidades desse Município. Diante disso, você conhece algum sítio arqueológico e como você os interpreta?
2. A memória é um elemento fundamental para construir e unificar grupos sociais. Através da memória coletiva de uma organização social pode-se conhecer profundamente a cultura e modos de vida de uma sociedade. Os sítios arqueológicos fazem parte da memória de alguns agentes dessa sociedade (felissantista) à medida que eles se relacionam com esse bem cultural afetivamente. Portanto, quais seriam suas recordações quando referimos aos sítios arqueológicos de seu conhecimento?
3. Uma das formas de construir e consolidar a identidade de um povo é valorizar e preservar os elementos que os caracterizam. Alguns sítios arqueológicos, nessa lógica, são produtos humanos que, de alguma maneira, identificam grupos sociais. Nesse sentido, quais os elementos dentro do contexto dos sítios rupestres auxiliam você e sua comunidade na construção de sua identidade?
4. Os sítios arqueológicos são parte da história dos habitantes de Felício dos Santos à medida que nesses locais povos do passado desenvolveram muitas de suas atividades socioculturais. Pensando nisso, você ou seu grupo relaciona o processo histórico de ocupação deste Município com parte de suas vivências, experiências, enfim, com sua história pessoal? Como é essa relação?
5. A Arqueologia entende que no processo de ocupação de um espaço natural grupos sociais modificam esse ambiente conforme sua realidade, seu modo de ver o mundo e vice-versa. Nessa relação, a paisagem é entendida como uma construção social e histórica que reflete uma série de significados pelas comunidades que as habitaram e (re)habitam durante o tempo. Perante isso, como são simbolizados, (re)significados os sítios arqueológicos na sua perspectiva ou de seu grupo? Quais os sentidos desses bens culturais para vocês?
6. A região de Felício dos Santos onde estão implantados os sítios arqueológicos é o campo rupestre (próximos às matas, logo, nas comunidades rurais). Nesses campos foram desenvolvidas com o tempo várias atividades (Ex.: apanhar sempre-viva, pastorear gado, local de caçadas, passagem de tropas, etc.) que também modificaram devido às circunstâncias e necessidades da população. Nesse processo de uso e (re)uso desses lugares onde os sítios rupestres estão quais as atividades são realizadas por você? Quais os usos vocês faziam ou fazem dos campos rupestres e dos sítios arqueológicos?
7. A destruição dos sítios arqueológicos implica na perda de identidades e memória e pode acarretar a extinção de um grupo social. Frente aos impactos socioambientais com os empreendimentos das microempresas de mineração, agropastoris, agroindustriais, etc., nos municípios com potenciais minerais são patentes que os sítios arqueológicos estejam sobre ameaças. Refletindo sobre o assunto, existem ações em sua comunidade para impedir esses possíveis impactos? Vocês criaram alguma estratégia de proteção aos patrimônios culturais (sítios rupestres) na sua comunidade?

Diamantina, __ de _____ de 2019.

APÊNDICE C - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Lugares e gentes: as relações entre pessoas, paisagens e Arqueologia em Felício dos Santos, Minas Gerais, (2010-2018).

Pesquisador: HEITOR ALVES BISPO JÚNIOR

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 03109318.5.0000.5108

Instituição Proponente: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.122.984

Apresentação do Projeto: O presente trabalho tem como objetivo entender como os moradores de Felício dos Santos (integrantes dos três grupos de participantes da pesquisa) interpretam, simbolizam, percebem e dão sentidos ao patrimônio arqueológico local (sítios rupestres, matas, serras, rios, etc.). A metodologia escolhida ampara-se em métodos interdisciplinares com revisões bibliográficas, consultas aos arquivos públicos e municipais, seleção e distribuição dos participantes em três grupos segundo os critérios de inclusão e exclusão para aplicação de formulários elaborados, entrevistas; por fim, participação em escavações arqueológicas. O aporte teórico baseia-se em conceitos interdisciplinares referentes aos temas da memória, identidades, patrimônio e paisagem. Espera-se como resultados informações mais assertivas sobre como se estabelece a relação afetiva, simbólica, perceptiva dos moradores de Felício dos Santos acerca do patrimônio arqueológico local.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: A pesquisa tem como objetivo geral entender as relações socioculturais (afetivas, memorialísticas, sentimentais, históricas, etc.) entre a população e o patrimônio arqueológico de Felício dos Santos no período de 2010 a 2018.

Objetivo Secundário: (I) Entender como a população concebe (dá sentido, valores, interpreta, etc.) os lugares onde vive e quais interpretações faz acerca deles. (II) Identificar as relações socioculturais dos felissantistas com as paisagens para entender como elas são construídas e

mantidas. (III) Mapear as intervenções nos complexos arqueológicos para identificar e compreender quais seus efeitos na sociedade em foco.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os participantes estão sujeitos a desconforto psicológico em recordar fatos tristes ou afetivos referentes às experiências com os bens arqueológicos, mas para amenizá-los serão entrevistados em sala reservada onde terão liberdade e privacidade para expressar. Eles poderão sofrer desconforto ou constrangimento em revelar alguma experiência pessoal traumática ou íntima do contato com o patrimônio arqueológico, entretanto esse risco poderá ser abrandado com o sigilo de seus dados pessoais ou parte desses. Pode haver constrangimento por parte dos informantes em relatar suas memórias individual ou coletiva acerca dos bens arqueológicos, contudo, essas serão suavizadas a partir do instante em que o participante da pesquisa desejar que não sejam expostos quaisquer dados concernentes a sua experiência pessoal ou de seu grupo. Os participantes estarão sujeitos a mal-estar emocional com algumas perguntas, todavia, para aliviar esse risco eles (as) poderão a qualquer momento pedir a interrupção da entrevista ou não responderem às indagações.

Benefícios: Os participantes não serão beneficiados direta ou indiretamente com a realização da pesquisa, apenas participarão como informantes da mesma.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: A pesquisa tem caráter exploratório, pois pretende investigar as relações socioculturais (afetivas, memorialísticas, sentimentais, históricas, etc.) estabelecidas entre os felissantistas e a paisagem que os envolve (sítios e campos rupestres, área urbana e rural, rios, serras, matas, etc.). Para a coleta de informações serão feitos os seguintes procedimentos: revisão bibliográfica (livros, artigos, periódicos, trabalhos de conclusão de curso, etc.). Para aprofundamento teórico do tema; será feita uma seleção de 50 moradores de Felício dos Santos distribuídos em três grupos distintos que serão submetidos a entrevistas e questionários elaborados com aplicação de TCLE's (entrevistas e questionário com dez perguntas elaboradas e correrão no prazo de dois meses com finalidade de identificar as relações socioculturais acerca do patrimônio arqueológico local); consultas aos arquivos (públicos e privados) do município com duração de três meses e com finalidade de coletar informações sobre possíveis registros do patrimônio arqueológico local; participação direta nas escavações arqueológicas do Município para compreender o processo de ocupação humana na sociedade em questão. A partir desses métodos e análises do objeto de estudo torna-se possível atingir os objetivos dessa pesquisa. Ademais, com a aplicação desta metodologia obteremos resultados mais assertivos sobre as relações socioculturais no Município. As informações coletadas e as respectivas análises serão organizadas em relatório de pesquisa a realizar-se no prazo de seis meses. Esse relatório e os estudos analíticos serão utilizados para a redação final da dissertação.

Metodologia de Análise de Dados: Através das entrevistas com os 50 participantes da pesquisa (moradores de Felício dos Santos que se encaixam nos critérios de inclusão dos três grupos de informantes) serão coletadas informações concernentes às relações socioculturais (afetivas, memorialísticas, sentimentais, históricas, etc.) com o patrimônio arqueológico local. Esses dados serão estudados a fim de obter informações, conceitos e conclusões acerca da experiência pessoal ou coletiva de cada informante da pesquisa com os bens arqueológicos daquela sociedade. Nos arquivos serão selecionados os documentos que dizem respeito às intervenções nos complexos ou bens arqueológicos do Município a fim de obter dados que respondam aos objetivos dessa pesquisa. Com os resultados das escavações arqueológicas será possível compreender o processo de ocupação dos sítios rupestres naquela região e identificar quais e como os grupos humanos ocuparam aquela localidade, tal qual as relações socioculturais foram geradas a partir de sua ocupação. As informações e dados colhidos serão analisados para subsidiar a redação final da dissertação. Os relatórios de campo e os estudos analíticos das informações serão discutidos a fim de estruturar o referido texto dissertativo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: O pesquisador apresentou ao CEP, os seguintes documentos: Projeto, TCLE, Folha de rosto, cronograma e carta da instituição co-participante. Todos os termos estão em conformidade com a Resolução n. 466/12 do CNS.

Recomendações: - Segundo a Carta Circular nº. 003/2011/CONEP/CNS, de 21/03/11, há obrigatoriedade de rubrica em todas as páginas do TCLE pelo sujeito de pesquisa ou seu responsável e pelo pesquisador, que deverá também apor sua assinatura na última página do referido termo. - Relatório final deve ser apresentado ao CEP ao término do estudo em 26/04/2020. Considera-se como antiética a pesquisa descontinuada sem justificativa aceita pelo CEP que a aprovou.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: O projeto atende aos preceitos éticos para pesquisas envolvendo seres humanos preconizados na Resolução 466/12 CNS.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1253526.pdf	17/12/2018 21:10:22		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Carta.pdf	17/12/2018 21:09:17	HEITOR ALVES BISPO JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	17/12/2018 21:08:54	HEITOR ALVES BISPO JUNIOR	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	20/11/2018 13:40:10	HEITOR ALVES BISPO JUNIOR	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	07/11/2018 17:13:53	HEITOR ALVES BISPO JUNIOR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodetalhado.docx	07/11/2018 17:09:24	HEITOR ALVES BISPO JUNIOR	Aceito

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

DIAMANTINA, 28 de Janeiro de 2019

**Assinado por: Raquel Schwenck de Mello Vianna
(Coordenador (a)).**